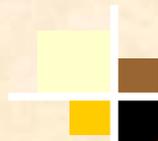
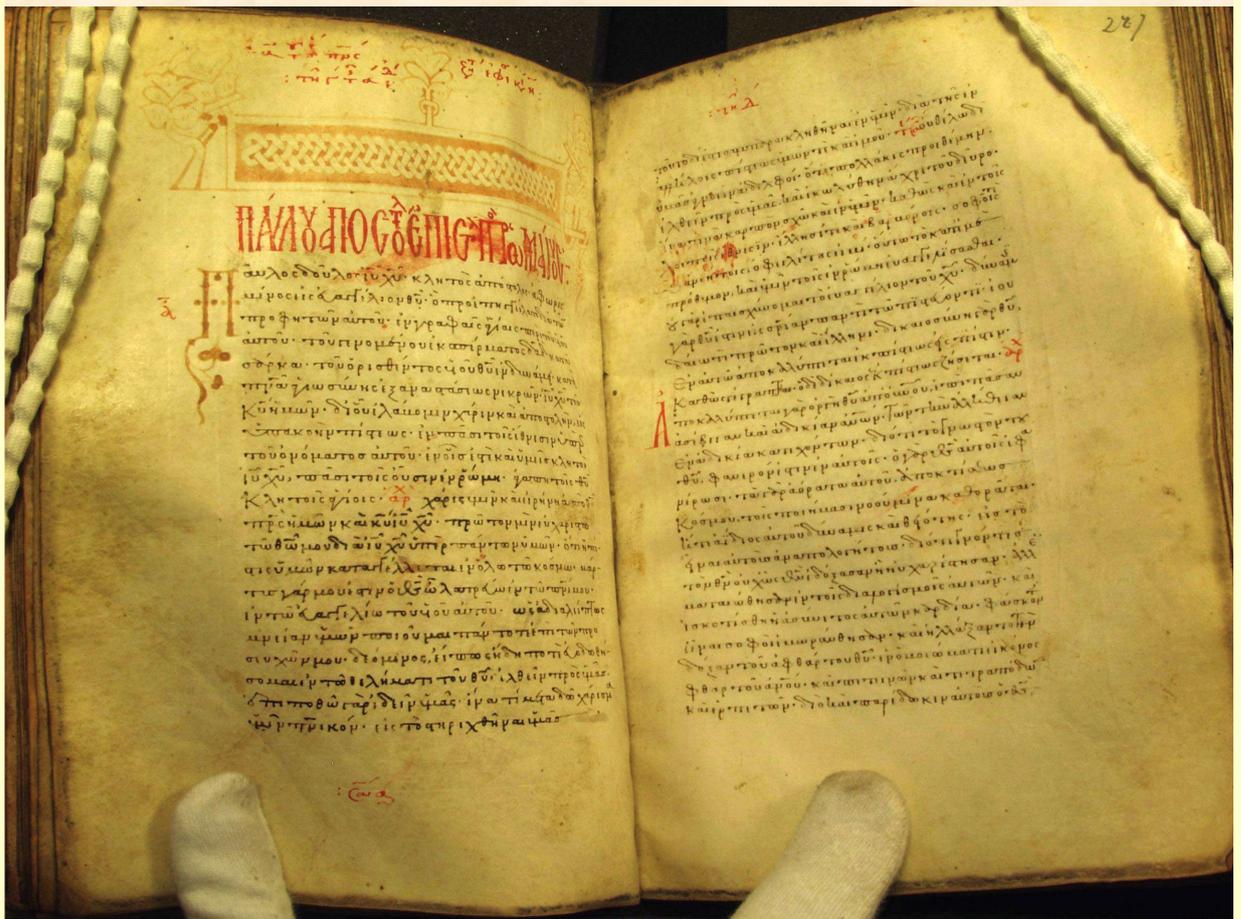


Oficina Bíblica



As

traduções do Novo Testamento
em Português e Inglês



Brasília

Novembro de 2013



OFICINA BÍBLICA



— SUMÁRIO —

As Edições do Novo Testamento	página 1
Problemas Tipo 1: Veneno	página 2
Que Diferença Faz?	página 5
A Autoridade do Texto Sagrado	página 36
A Canonicidade do Novo Testamento	página 45
Algumas Considerações	página 53
Cópias Múltiplas	página 58
O Fluxo de Transmissão	página 62
Resumo	página 63
Problemas Tipo 2: Dificuldades Aparentes	página 65
As Negações de Pedro	página 67
Os Relatos da Ressurreição – uma harmonização	página 68
Lucas 3.23	página 72
Algumas Anomalias Correlatas na Genealogia do Cristo	página 74
Abiatar – Marcos 2.26	página 78
Mateus 2.23	página 80
Quem comprou o quê?	página 82
Betsaida ou Tiberíades	página 84
A Legião de demônios – onde ocorreu?	página 86
Antes ou Depois	página 88
O monte Sinai – onde fica?	página 90
Problemas Tipo 3: Tradução Falaz	página 92
Problemas Tipo 4: Notas de Rodapé	página 94
Exemplares Perfeitos	página 96
Glossário Lógico	página 123
Glossário Alfabético	página 125
A vontade de Deus abrange tudo	página 127



AS EDIÇÕES DO NOVO TESTAMENTO:

grego, português e inglês



Avaliação e comparação percentual dos textos gregos e das versões do Novo Testamento em português e inglês em relação à redação original.

Idioma	CRO*	100 %	99,8 %	99 %	98 %	↔	92 %	90 %
Grego	TO WP	H-F R-P	IOG	TR	SBU N-A		W-H	
Português		IA	Corr	AA Fiel	Atual, LH, Viva, PT, NVI, Cont, Jer		Bras	
Inglês	WP	EMTV	WEB	KJV NKJV	NIV, NASB, LB, TEV, NRSB, etc.		ERV ASV	

*Concordância com a Redação Original

O Texto grego do Novo Testamento contém aproximadamente 140 mil palavras. E a sua inteligibilidade está vinculada à sua fidelidade com os autógrafos, porém ela também pode ser corrompida à medida que divergências e erros são reproduzidos. Muitos desses erros são 'pequenos', fazendo pouca diferença no sentido, mas um efeito cumulativo existe.

Exemplificando: 1) a W-H erra em 10% da redação, logo 14.000 palavras estão incorretas, isto é, as variantes textuais mudam ou afetam 14.000 palavras;
2) a SBU erra 12.000 palavras (8 %), e assim por diante.

Os textos gregos de W-H e da SBU introduzem erros e contradições factíveis que solapam a doutrina da divina inspiração da Bíblia, o que solapa também a sua autoridade. Portanto, o que está em jogo é exatamente a autoridade objetiva da Palavra de Deus. Satanás entende muito bem disso e começou seus ataques no Jardim questionando: "É assim que Deus disse?"

Chave:

AA – Antiga Almeida	N-A – Nestle-Aland
ASV – American Standard Version	NIV – New International Version
Atual – Almeida Revista e Atualizada	NKJV – New King James Version
Bras – Versão Brasileira	NRSB – New Revised Standard Bible
Cont – Edição Contemporânea de Almeida	NVI – Nova Versão Internacional
Corr – Almeida Corrigida	PT – Piores Textos (Imprensa Bíblica Brasileira: "segundo os melhores textos" – na verdade, piores)
EMTV – English Majority Text Version	R-P – Robinson-Pierpont
ERV – English Revised Version	SBU – Sociedades Bíblicas Unidas
Fiel – Almeida Corrigida e Revisada Fiel	TEV – Today's English Version
H-F – Hodges-Farstad	TO – TEXTO ORIGINAL
IA – Interlinear Analítico	TR – <i>Textus Receptus</i> (Texto Recebido)
IOG – Igreja Ortodoxa Grega	Viva – Bíblia Viva
Jer – Bíblia de Jerusalém	WEB – WEB-Bible
KJV – King James Version	W-H – Westcott-Hort
LB – Living Bible	WP – Wilbur Pickering (grego e inglês)
LH – Linguagem de Hoje	
NASB – New American Standard Bible	

Observação: esta lista não é completa, é meramente representativa.



PROBLEMAS TIPO 1: VENENO



– WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD –

(erros e contradições maliciosamente enxertados no texto 'crítico' = eclético, pelos editores)

[Quando as porcentagens não perfazem 100, é porque existem outras variantes que não foram incluídas.]

{Números entre () são mais ou menos exatos; os entre [] são aproximados – as porcentagens dizem respeito à totalidade dos manuscritos conhecidos.}

João 6.47 – *ο πιστευων* aquele que crê (0,5%) X *ο πιστευων εις εμε* aquele que crê para dentro de mim (99,5%)

João 7.8 – *ουκ* não [3%] X *ουπω* ainda não [96,5%]

Lucas 4.44 (Marcos 1:39, Mateus 4.23) – *Ιουδαιιας* Judéia (4,1%) X *Γαλιλαιας* Galiléia (94,7%)

João 1.18 – *μονογενης θεος* um deus unigênito / unigênito Deus (0,3%) || *ο μονογενης θεος* o Deus unigênito (0,1%) X *ο μονογενης υιος* o Filho unigênito (99,6%)

1 Timóteo 3.16 – *ος* quem (1%) X *θεος* Deus (98,5%)

Marcos 16.9-20 – ausente (0,2%) X presente (99,8%)

João 7.53-8.11 – ausente (15%) X presente (85%)

Lucas 3.33 – *του Αδμιν του Αρμι* de Admin, de Arni [0,00%] (é uma 'colcha de retalhos' confeccionada a partir de pelo menos dez variações) X *του Αραμ* de Aram [95%]

Mateus 19.17 (X Marcos 10.18, Lucas 18.19) – *τι με ερωτας περι του αγαθου* porque me perguntas sobre o bom (0,9%) X *τι με λεγεις αγαθον* porque me chamas bom (99%)

Lucas 23.45 – *εκλιποντος* entrando em eclipse (0,8%) X *εσκοτισθη* foi escurecido (97,5%)

Marcos 6.22 (Mateus 14:6) – *αυτου ... Ηρωδιαδος* [a filha] dele, Herodias (1,3%) X *αυτης της Ηρωδιαδος* [a filha] da mesma Herodias (97,2%)

João 6.11 (Mateus 14.19, Marcos 6.41, Lucas 9.16) – omissão [3%] X *τοις μαθηταις οι δε μαθηται* aos discípulos e os discípulos [97%]

Atos 19.16 – *αμφοτερων* ambos [5%] X *αυτων* eles [90%]

Mateus 1.7,10 – *Ασαφ, Αμοσ* Asaf, Amos [2%] X *Ασα, Αμον* Asa, Amom [98%]

Mateus 5.22 (ver Efésios 4.26, Salmo 4.4) – omissão (1,9%) X *εικη* sem motivo (96,2%)

1 Coríntios 5.1 – *ουδε εν τοις εθνεσιν* não existe entre os pagãos (3,2%) X *ουδε εν τοις εθνεσιν ονομαζεται* não se nomeia entre os pagãos (96,8%)

João 18.24 – *απεστειλεν ουν* então enviou [9%] X *απεστειλεν* havia enviado [90%]

Mateus 10.10 (Marcos 6.8) – *μηδε ραβδον* nem bordão [5%] X *μηδε ραβδους* nem bordões [95%]

Marcos 1.2 (ver Malaquias 3.1, Isaias 40.3) – *τω Ισαια τω προφητη* em Isaias o profeta (3,1%) X *τοις προφηταις* nos profetas (96,7%)

Atos 28.13 – *περιελοντες* retirando [5%] X *περιελθοντες* virando de bordo [95%]

2 Pedro 3.10 – *ευρεθησεται* será encontrado (3,2%) X *κατακαησεται* será completamente queimado (93,6%)

Judas 15 – *πασαν ψυχην* cada alma (0,5%) X *παντας τους ασεβειj* todos os ímpios (97,8%)

Lucas 9.10(12) – *πολιν καλουμενην Βηθσαιδα* uma cidade chamada Betsaida [0,5%] X *τοπον ερημον πολεως καλουμενης Βηθσαιδα* um lugar ermo pertencendo a uma cidade chamada Betsaida [98%]

Mateus 21.5 – *και επι πωλον* e sobre um jumentinho (2%) X *και πωλον* isto é, um jumentinho (98%)

Marcos 10.24 – *πως δυσκολον εστιν εις την βασιλειαν του θεου εισελθειν* como é difícil entrar no reino de Deus! (0,4%) X *πως δυσκολον εστιν τους πεποιθотας επι χρημασιν εις την βασιλειαν του θεου εισελθειν* como é difícil para os que confiam em riquezas entrar no reino de Deus! (99,5%)

Mateus 1.25 – *υιον* um filho (0,5%) X *τον υιον αυτης τον πρωτοτοκον* o filho dela, o primogênito (99,5%)

Mateus 6.13 – omissão (1,3%) X *οτι σου εστιν η βασιλεια και η δυναμις και η δοξα εις τους αιωνας* pois teu é o reino e o poder e a glória para sempre (98,7%)

João 5.3^b-4 – omissão (0,8%) X esperando a agitação da água. Isso porque de tempo em tempo um anjo descia ao tanque e agitava a água; e o primeiro que ali descia, depois da agitação da água, ficava curado de qualquer doença que tivesse. (99,2%) [A NVI nos prega a peça de dizer que o anjo era 'do Senhor', seguindo um punhado de manuscritos de qualidade duvidosa.]

Observação: existem centenas múltiplas de erros outros (no texto 'crítico') que aviltam o Texto, embora não sendo possível tachá-los de erros de fato ou contradições óbvias. O efeito cúmulo, no entanto, é bastante negativo.



QUE DIFERENÇA FAZ?



— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —

Por pelo menos 200 anos tem sido comumente argumentado que, não importa qual o texto grego que se use, nenhuma doutrina será afetada.¹ Na minha própria experiência, por mais de 30 anos, quando tenho levantado a questão de qual é o texto grego correto do Novo Testamento, a resposta mais comum, seja qual for o auditório, tem sido: “Que diferença faz?” O propósito deste artigo é responder essa pergunta, pelo menos em parte.

O texto grego eclético atualmente em voga, N-A²⁶/UBS³ [doravante NU], representa o tipo de texto sobre o qual a maioria das versões modernas se baseia.² A KJV e a NKJV (e a Fiel) seguem um tipo de texto bastante diferente, um primo próximo do Texto Majoritário.³ A discrepância entre o texto NU e o Texto Majoritário envolve em torno de 8% das palavras. Em um texto grego com 600 páginas, isto equivaleria a 48 páginas inteiras formadas somente de discrepâncias! Cerca de um quinto desse montante reflete omissões no Texto Eclético, de modo que este é umas dez páginas mais curto que o Texto Majoritário. Mesmo se admitirmos, para efeito de raciocínio, que até metade das diferenças entre os textos Majoritário e Eclético possam ser chamadas de “sem maiores conseqüências”, isto ainda deixaria o equivalente a aproximadamente 25 páginas formadas somente por diferenças que são significativas (em graus variados). A despeito dessas diferenças, é normalmente imaginado que nenhuma doutrina cristã cardeal é realmente posta em perigo (embora algumas, tais como as do julgamento eterno, da ascensão e da divindade de Cristo, são enfraquecidas). **No entanto**, a mais básica de todas, a doutrina da divina inspiração do texto, está realmente sob ataque.

¹ John Bengel, um crítico textual que morreu em 1752, tem sido considerado como sendo o primeiro que propôs este argumento.

² *Novum Testamentum Graece*, Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 26th ed., 1979. *The Greek New Testament*, New York: United Bible Societies, 3rd ed., 1975. Os textos dessas duas edições são virtualmente idênticos, tendo sido elaborados pelos mesmos cinco editores: Kurt Aland, Matthew Black, Carlo Martini, Bruce Metzger e Allen Wikgren. A maioria das versões modernas realmente se baseia no texto Nestle “antigo”, o qual difere da 26ª edição em mais de 700 locais. UBS⁴ e N-A²⁷ não oferecem mudanças no texto, mas sim no aparato crítico. Segue-se que o texto foi estabelecido pelos cinco editores anteriores, não os atuais (Matthew Black e Allen Wikgren foram substituídos por Bárbara Aland [esposa de Kurt, mas agora viúva] e Johannes Karavidopoulos).

³ *The Greek New Testament According to the Majority Text*, Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2nd ed., 1985. Este texto foi editado por Zane C. Hodges e Arthur L. Farstad. Muito parecido com ele é *The New Testament in the Original Greek: Byzantine Textform 2005*, Southborough, MA: Chilton Book Publishing, 2005. Este texto foi editado por Maurice A. Robinson e William G. Pierpont. Diferem algo do *Textus Receptus* sobre o qual a KJV e a NKJV (e a Fiel) são baseadas.

O Texto Eclético incorpora erros de fato e contradições tais que qualquer afirmação que o Novo Testamento é divinamente inspirado torna-se relativa, e a doutrina da inerrância se torna virtualmente indefensável. Se a autoridade do Novo Testamento é solapada, todos os seus ensinamentos são semelhantemente afetados. Por mais de um século, a credibilidade do texto do Novo Testamento tem sido minada, e esta crise de credibilidade tem sido imposta à atenção dos leigos pelas versões modernas, que colocam partes do texto entre colchetes e têm numerosas notas de rodapé de um tipo tal que levantam dúvidas sobre a integridade do Texto.

As conseqüências de tudo isto para o futuro da Igreja são sérias e de longo alcance. Parece irrazoável que indivíduos e organizações que professam defender um alto conceito da Escritura, que defendem sua inspiração plenária e verbal, e a inerrância dos Autógrafos, venham abraçar um texto grego que efetivamente solapa suas crenças.¹ Dado que a sinceridade desses indivíduos e organizações é evidente, devemos de concluir que estão mal informados, ou que não têm realmente atentado para as evidências e analisado as implicações. Por isso, irei agora expor algumas dessas evidências e discutir as implicações. Quero enfatizar que não estou atacando a sinceridade pessoal ou a ortodoxia daqueles que usam o texto eclético; estou sim desafiando as pressuposições que estão por trás deste, e chamando a atenção para as conseqüências, os resultados finais.

Nos exemplos que seguem, a redação do Texto Majoritário vem sempre primeiro e a do texto NU logo depois, seguida por quaisquer outras. Imediatamente abaixo de cada variante está um equivalente literal em português. A cada variante está anexada uma relação do apoio conforme está na minha edição do Texto grego do NT.² O con-

¹ Durante muitos anos tem sido comumente afirmado que nenhum par de manuscritos gregos conhecidos está em perfeita concordância (porém, no que diz respeito a Gálatas, Efésios, Colossenses, 1 & 2 Tessalonicenses, Tito, Filemon, Tiago, 1 & 2 Pedro, 1, 2 & 3 João e Judas, eu tenho cópias de pelo menos dois manuscritos idênticos; mas não os mesmos para cada livro). Em conseqüência, reivindicações de inerrância são normalmente limitadas aos Autógrafos (os próprios documentos originais realmente escritos pelos seus autores humanos), ou à exata redação neles contida. Uma vez que nenhum Autógrafo do NT existe hoje (eles provavelmente se gastaram totalmente dentro de uns poucos anos, pelo uso intenso), temos que apelar para as cópias em existência, em qualquer esforço para identificar a redação original.

A teoria de crítica textual, sobre a qual NU se baseiam, pressupõe que a redação original foi “perdida” durante os primeiros séculos e que certeza objetiva quanto a essa redação é agora uma impossibilidade. Uma parte central do debate atual é o argumento que o texto em uso **hoje** não é inerrante—este é um tema recorrente em *The Proceedings of the Conference on Biblical Inerrancy 1987* (Nashville: Broadman Press, 1987), por exemplo.

Estou preparado para oferecer evidência objetiva em apoio à afirmação que a redação original **não** foi “perdida” durante os primeiros séculos. Ademais, defendendo a tese de que é realmente possível, com razoável certeza e com base em critérios objetivos, identificarmos a redação original ainda **hoje**.

² Este *Greek New Testament* pode ser copiado livremente de www.walkinhiscommandments.com; a última nota de rodapé em Mateus, por exemplo, explica o aparato e os símbolos utilizados.

junto de variantes, com suas respectivas atestações, é seguido por uma discussão das implicações. Primeiro apresentarei erros de fato e contradições, depois anomalias sérias e aberrações.

ERROS DE FATO E CONTRADIÇÕES

Lucas 4.44 της Γαλιλαιας—^{f35} A,D (94.7%) CP, HF, RP, TR, OC

[nas sinagogas] da Galiléia

της Ιουδαιας—^{P75} ΞB,C,Q (4.1%) NU

[nas sinagogas] da Judéia

των Ιουδαιων—W (0.2%)

αυτων—(0.5%)

Problema: Jesus estava na Galiléia (e continuou lá), não na Judéia, como o contexto deixa claro.

Discussão: Na passagem paralela (Marcos 1.35-39), todos os textos concordam que Jesus estava na Galiléia. Assim, a NU contradiz a si própria ao trazer Judéia em Lucas 4.44. Bruce Metzger deixa evidente que os editores da NU fizeram isto propositalmente, quando ele explica que a redação deles "é obviamente a mais difícil, e copistas a corrigiram... de acordo com as [passagens] paralelas de Mateus 4.23 e Marcos 1.39."¹ Assim, os editores da UBS introduziram no texto deles uma contradição que é também um erro de fato. Este erro no Texto Eclético é reproduzido pelas LB, NIV, NASB, NEB, RSV, etc. A NRSV acrescenta insulto à injúria: "Assim ele continuou proclamando a mensagem nas sinagogas da Judéia."

¹ *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, New York: United Bible Societies, 1971, p. 137-38.

Lucas 23.44 εσκοτισθη—^{f35} A,D,Q,W (96.8%) CP, HF, RP, TR

[o sol] escureceu-se

εκλιποντος—^{P75} Ξ C (0.4%) NU

[o sol] entrou em eclipse

εκλειποντος—B (0.4%) OC

εσκοτισθεντος—(0.7%)

conflações—(1.2%)

Problema: Um eclipse solar é impossível durante a lua cheia. Jesus foi crucificado durante a Páscoa, e a Páscoa sempre é neste quarto da lua (eis aí porque a data da Páscoa varia de ano para ano). A NU introduz um erro científico.

Discussão: O verbo grego *εκλειπω* é bastante comum e tem o significado básico de “falhar” ou “terminar”, mas quando usado em respeito ao sol ou à lua, refere-se a um eclipse (a nossa palavra “eclipse” vem daquela raiz grega). Tanto é assim que versões tais como a de Moffatt, a “Twentieth Century”, a “Authentic”, a de Phillips, a NEB, a “New Berkeley”, a NAB e a “Jerusalem”, abertamente declaram que o sol entrou em eclipse. Enquanto versões tais como as NASB, TEV e NIV evitam a palavra “eclipse”, o significado normal do Texto Eclético que elas seguem é precisamente “o sol entrando em eclipse.”¹

¹ Arndt e Gingrich (*A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1957, p. 242), referindo-se a esta passagem, dizem: “do sol **escurecer**, talvez **ser eclipsado**.” Suspeita-se que esta assertiva foi planejada especificamente para defender a redação do Texto Eclético. Não nos surpreende ver Metzger rejeitar a redação de 97+% dos MSS como “a variante mais fácil” (p. 182).

Marcos 6.22 αυτης της Ηρωδιαδος—^{f35} A,C,N (96.5%) HF,RP,CP,TR,OC

[a filha] ela própria de Herodias

αυτου --- Ηρωδιαδος—^ΣB,D (0.4%) NU

ele [filha] Herodias

--- της Ηρωδιαδος—(1.3%)

αυτης --- Ηρωδιαδος—W (0.7%)

αυτου της Ηρωδιαδος—(0.9%)

Problema: O texto da NU, em Marcos 6.22, contradiz o texto da NU em Mateus 14.6.

Discussão: Mateus 14.6 declara que a moça era a filha de Herodias (esta tinha sido esposa de Filipe, mas agora estava vivendo com o irmão dele, Herodes). Aqui a NU faz aquela moça ser a própria filha de Herodes, e chama a ela de “Herodias.” Metzger defende a escolha da comissão da NU com estas palavras: “É muito difícil decidir qual redação é a menos insatisfatória” (pag. 89)! (Os editores da NU consideram que a redação original está perdida? Se não, ela também tem que [lhes] ser “insatisfatória”! Mas são aqueles editores realmente competentes para fazer um tal julgamento? E, exatamente o que será que torna ‘insatisfatória’ a redação de 98+% dos manuscritos? Deve ser porque não cria problema.) As versões modernas que normalmente se identificam com o texto da NU aqui o abandonam, exceto a NRSV, que lê “Herodias, a filha dele.”

1 Coríntios 5.1 ονομαζεται—^{f35} (96.8%) HF,RP,OC,TR,CP

se nomeia

--- —^{P46}ΣA,B,C (3.2%) NU

Problema: É relatado que um homem possuía a esposa do seu pai, um tipo de fornicção tal que nem mesmo os gentios falavam dele. No entanto, o texto da NU afirma que este tipo de incesto nem mesmo existe entre os gentios, uma mentira óbvia.

Cada tipo concebível de perversão sexual humana tem existido através de toda a História.

Discussão: Estranhamente, versões evangélicas tais como NIV, NASB, Berkeley e LB propagam este erro. Acho interessante que versões tais como TEV, NEB e “Jerusalém”, embora seguindo o mesmo texto, evitam uma declaração categórica.¹

Lucas 3.33 του Αμιναδαβ, του Αραμ—^{f35} A(D) [95%] CP, HF, RP, TR, OC

de Aminadabe de Arão

του Αμιναδαβ, του Αδμιν, του Αρνι—nenhum manuscrito!! NU

de Aminadabe de Admin de Arni

του Αδμειν, του Αρνει—B

του Αδαμ, του Αρνι?—^{syr^s}

του Αδαμ, του Αδμιν, του Αρνει—^Δ

του Αδαμ, του Αδμειν, του Αρνει—^{cop^{sa}}

του Αδμειν, του Αδμιν, του Αρνι—^{cop^{bo}}

του Αμιναδαβ, του Αδμιν, του Αρνει—^{Δ^c}

του Αμιναδαβ, του αδμιν, του Αρηι—^{f13}

του Αμιναδαβ, του Αδμη, του Αρνι—^X

του Αμιναδαβ, του Αδμειν, του Αρνι—^L

του Αμιναδαβ, του Αραμ, του Αρνι—^N

Problema: Os fictícios Admin e Arni são introduzidos na genealogia de Cristo.

Discussão: O texto da SBU tem distorcido a evidência no seu aparato crítico, de modo a esconder o fato que nenhum MS grego tem o texto exato que imprimiram, uma verdadeira “colcha de retalhos.” Ao apresentar o raciocínio da Comissão da SBU neste

¹ O aparato da SBU não dá ao usuário nenhuma pista de que há variação séria neste ponto; em consequência, Metzger também não a dá. É mais provável que ele teria dito que a redação de 96,8% dos MSS é ‘insatisfatória’.

caso, Metzger escreve: “A Comissão adotou o que parecia ser a forma menos insatisfatória do texto” (pag. 136). Mas que arrogância sem medida!! Os editores da SBU inventam sua própria redação e a proclamam ser “a menos insatisfatória”! E o que exatamente pode ser “insatisfatório” na redação de 95+% dos MSS, exceto que não introduz quaisquer dificuldades?

Há completa confusão no arraial Egípcio. Essa confusão deve ter começado no segundo século, resultando de alguns erros fáceis de ocorrer ao transcrever, simples enganos ao copiar. É muito fácil mudar *ARAM* para *ARNI* (nos primeiros séculos, somente letras maiúsculas eram usadas): com uma pena de escrever que começa a arranhar, os traços cruzantes no *A* e no *M* poderiam ficar fracos, e um copista subsequente poderia confundir a perna esquerda do *M* como acompanhando o *A*, de modo a fazer um *N*, e a perna direita do *M* se tornaria um *I*. Muito cedo “Aminadabe” foi soletrado errado, como “Aminadam”, o que sobreviveu em cerca de 25% dos manuscritos existentes. O *AΔAM* de Aleph, sirs e copsa surgiu de uma fácil instância de homoiocartot (o olho do copista foi do primeiro *A* em “Aminadabe” para o segundo, omitindo “Amin” e deixando “Adam”). *A* e *Δ* são facilmente confundíveis, especialmente quando escritos à mão – “Admin” presumivelmente veio de “AMINadab/m”, embora o processo fosse mais complicado. O “i” de “Admin” e “Arni” é adulterado para “ei” em Códice B (uma ocorrência freqüente nesse MS – talvez devido à influência Coptica). Códice Aleph fez a confluência do ancestral que produziu “Adam” com aquele que produziu “Admin”, etc. A confusão total no Egito não nos surpreende, mas como explicaremos o texto e aparato da UBS neste exemplo? E o que poderia ter se apoderado dos editores da NASB, NRSV, TEV, LB, Berkeley, etc. para abraçarem um erro tão grosseiro?

Mateus 19.17

Τι με λεγεις αγαθον ουδεις αγαθος ει μη εις ο θεος—f³⁵ C,W (99%) RP, HF, OC, CP ,TR

Por que me chamas bom? Não há bom senão um só, que é Deus.

Τι με ερωτας περι του αγαθου εις εστιν ο αγαθος—ℵ(B,D) (0.9%) NU

Por que me perguntas a respeito do que é bom? Um é bom.

Problema: a NU em Mateus 19.17 contradiz a NU em Marcos 10.18 e Lucas 18.19 (em Marcos e Lucas todos textos concordam com a redação do texto majoritário em Mateus 19.17).

Discussão: Pode-se presumir que Jesus falou em hebraico, mas não há nenhuma maneira pela qual o que Ele disse pudesse legitimamente resultar nas duas traduções para o grego acima dadas.¹ Que as versões em latim oferecem uma confluência sugere que as outras duas variantes tinham que existir no segundo século – na verdade, o *Diatessaron* abertamente põe a redação majoritária na primeira metade daquele século. A Igreja no Egito, naquele século, era dominada pelo Gnosticismo. Que uma tal variante tão deliciosamente gnóstica surgiu não é surpresa, mas porque os editores modernos a adotam? Porque é “a mais obscura” (Metzger, pag. 49). Esta “obscuridade” foi tão atraente à Comissão da NU que eles imprimiram outra “colcha de retalhos” – juntando a pergunta do jovem e esta primeira parte da resposta do Senhor, o exato texto da NU é encontrado somente no **corretor** do Códice B; ademais, com referência aos principais MSS gregos (ℵ,B,D,L,Θ,f1) dados como aqui apoiando o Texto Eclético, o fato é que nenhum deles [aqui] concorda precisamente com nenhum dos outros! (Devem eles ser considerados como testemunhas confiáveis? Em que base?) A maioria das versões modernas se junta ao texto da NU neste erro, também.

¹No Seu ensino sobre temas genéricos, o Senhor presumivelmente se repetiu muitas vezes, usando uma variedade de expressões e variações sobre os temas, e os escritores dos Evangelhos preservam algo dessa variedade. Nesta passagem estamos lidando com uma conversação específica, a qual pode-se presumir que não foi repetida.

Atos 19.16 αὐτῶν—f³⁵ [90%] HF,RP,OC,TR,CP

deles

ἀμφοτέρων—sA,B,D [5%] NU

de ambos

mais duas variantes—[5%]

Problema: Os filhos de Ceva eram sete, não dois.

Discussão: Argumentar que “ambos” pode significar “todos”, com base nesta passagem, é fugir da pergunta por assumir o fato como provado. Um apelo para Atos 23.8 é similarmente não convincente. “Porque os Saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo ou espírito; mas os fariseus reconhecem ambas as coisas.” “Anjo” e “espírito”, se não foi intencionado que fossem tomados como sinônimos, pelo menos pertencem a uma única classe, a dos seres espirituais. Os fariseus criam em “ambas as coisas” – ressurreição e seres espirituais. Não há aqui nenhuma base para alegar que “ambos” pode legitimamente se referir a sete, em Atos 19.16.¹ Mesmo assim, a maioria das versões modernas traduz “ambos” por “todos”. Em verdade, a NASB traduz como “eles ambos”, tornando a contradição patente!

Mateus 1.7-8 Ασα—f³⁵ W [98%] RP,HF,OC,CP,TR

Asa

Ασαφ—P^{1v}s,B,C [2%] NU (duas vezes)

Asafe

Problema: Asafe não pertence à genealogia de Jesus.

Discussão: Asafe foi da tribo de Levi, não da de Judá; foi um salmista, não um rei. É claro, do comentário de Metzger, que os editores da NU entendem que seu texto se

¹A nota de Arndt e Gingrich (p. 47) parece planejada para proteger a redação do Texto Eclético em Atos 19.16. A discussão de Metzger é interessante. “A dificuldade em reconciliar [“sete”] com [“ambos”], no entanto, não é grande ao ponto de tornar o texto que inclui “ambos” um texto impossível. Por outro lado, no entanto, a dificuldade é tão trabalhosa que é difícil explicar como [“sete”] entrou e foi perpetuada no Texto, se não era original ...” (p. 471-72). Notar que Metzger assume a genuinidade de “ambos” e discute a dificuldade que isto cria, como se fosse um fato. Eu diria que sua suposição é sem fundamentos, e que a dificuldade que ela cria é um artefato das pressuposições dele.

refere ao levita e não deve ser entendido como uma grafia alternativa de Asa; Metzger abertamente chama Asafe um “erro” (p. 1). De fato, “Asafe” provavelmente não é uma “escorregada da pena” ao escrever “Asa”. Sem contarmos Asa e Amon (ver v. 10), Códice B erra na escrita de 13 nomes neste capítulo, enquanto Códice Aleph erra na escrita de 10 nomes, o que mina sua credibilidade. No entanto, seus erros envolvem ditografia [isto é, repetições], mudança de gênero, ou mudança para um som similar (z ao invés de s, d ao invés de t, m ao invés de n) – não adicionar uma consoante gratuita, como f, nem trocar sons não semelhantes, como s ao invés de n.

Em resposta a Lagrange, que atribuía “Asafe” a um antigo erro de escriba, Metzger escreve: “Uma vez, no entanto, que o evangelista pode ter derivado material para a genealogia, não do Velho Testamento diretamente, mas de listas genealógicas subsequentes, nas quais a grafia errônea ocorreu, a Comissão não viu nenhuma razão para adotar o que parece ser uma emenda escribal” (p. 1). Metzger declara, sem rodeios, que a grafia por eles adotada é “errônea”. Os editores da NU deliberadamente importaram um erro para o seu texto, e o erro é fielmente reproduzido pela NAB (“New American Bible”) e NRSV. RSV e NASB oferecem uma nota de rodapé dizendo que o grego lê “Asafe” – seria menos enganador se eles tivessem dito que uma fração minúscula dos MSS gregos assim lê. O caso de Amom X Amós, no verso 10, é análogo a este. Metzger diz que “Amós” é “um erro [na grafia] de ‘Amom’” (pag. 2), e daí os editores da NU naturalmente inseriram o erro no seu texto.

Mateus 10.10 μηδε ραβδους—^{f35} C,N,W [95%] RP, HF, CP

nem bordões

μηδε ραβδον—^ℵ, B, D [5%] OC, TR, NU

nem [um] bordão

Problema: Tanto em Mateus 10.10 como em Lucas 9.3, o texto da NU tem “nem [um] bordão”, assim contradizendo Marcos 6.8, onde todos os textos têm “somente um bordão.”

Discussão: Em Lucas e Mateus, o texto majoritário lê “nem bordões”, que não contradiz Marcos – o caso dos bordões é análogo ao das túnicas: cada apóstolo devia levar somente um, não vários. Um leitor superficial provavelmente esperaria o singular; que algum escriba no Egito teria problemas com “bordões” e fizesse a simplificação para “[um] bordão”, não traz nenhuma surpresa; mas por que os editores da NU importaram este erro para seu texto? Quase todas as versões modernas seguem a NU tanto aqui como em Lucas 9.3.

Marcos 1.2 εν τοις προφηταις—^f35 A,W (96.7%) HF,RP,CP,TR,OC

[como está escrito] nos profetas

εν τω Ησαια τω προφητη—⁸B (1.3%) NU

[como está escrito] em Isaías, o profeta

Ησαια τω προφητη—D (1.8%)

Problema: O texto da NU atribui ao livro de Isaías material nele inexistente.

Discussão: O resto do verso 2 é uma citação de Malaquias 3.1, enquanto o verso 3 é de Isaías 40.3. Mais uma vez Metzger usa, essencialmente, o argumento da “leitura mais difícil” (p. 73), mas a escolha eclética é, muito provavelmente, o resultado de atividade harmonizadora primitiva. Os únicos outros locais onde Isaías 40.3 é citado no Novo Testamento são Mateus 3.3, Lucas 3.4 e João 1.23. Os dois primeiros são em passagens paralelas a Marcos 1.2 e casam com este ao citarem a LXX exatamente. A citação em João difere da LXX em uma palavra e é também usada em conexão com João Batista. A consideração crucial, para nossos presentes propósitos, é que Mateus, Lucas e João todos eles (sem variação de MS) identificam a citação como sendo de Isaías. Parece claro que a redação “Alexandrina-Occidental” em Marcos 1.2 é simplesmente uma assimilação aos outros três evangelhos. Deve também ser notado que o material de Malaquias parece mais uma alusão que uma citação direta. Ademais, embora Malaquias seja citado (ou aludido) várias vezes no Novo Testamento, ele nunca é nomeado. Os próprios hábitos de Marcos podem também ser muito relevantes a esta

discussão. Marcos citou Isaías em 4.12, 11.17 e 12.32, e aludiu a ele em cerca de dez outros locais, sempre sem nomear sua fonte. A única vez que ele usa o nome de Isaías é quando cita Jesus, em 7.6. Ante tal clara evidência o cânon da “redação mais difícil” não pode justificar que um erro seja forçado para dentro de Marcos 1.2. Quase todas as versões modernas seguem o texto da NU aqui.

Lucas 9.10

εις τοπον ερημον πολεως καλουμενης Βηθσαιδα(ν)—f³⁵ (A)C(N)W [98%] CP, HF, RP, TR, OC
para um lugar deserto pertencente a uma aldeia chamada Betsáida

εις πολιν καλουμενην Βηθσαιδα—(P⁷⁵)B [0.5%] NU
para uma aldeia chamada Betsáida

εις κωμην λεγομενην βηδσαιδα—D

εις τοπον ερημον—Σ

Problema: O texto da NU tem Jesus e Seu grupo adentrando Betsáida, mas no v. 12 os discípulos dizem que estão numa área deserta; assim uma contradição é introduzida. A NU também está em desacordo com a NU nas passagens paralelas.

Discussão: Em Mateus 14.13 todos os textos têm Jesus retirando-se para um lugar deserto, e no v. 15 os discípulos dizem “o lugar é deserto ... despede a multidão, para que vão pelas aldeias.” Em Marcos 6.31-32, todos os textos têm Jesus indo para um local deserto, e no v. 35 os discípulos dizem que “o lugar é deserto,” etc. Assim, a NU não apenas faz Lucas se contradizer a si próprio, mas o coloca contra Mateus e Marcos. As versões modernas não nos surpreendem.

João 18.24 ἀπεστειλεν—f³⁵ A [90%] CP, HF, RP, OC, TR

[Anás] O mandara [,manietado, ao sumo Caifás]

ἀπεστειλεν ουν—B, C, W [9%] NU, alguns TRs

então [Anás] mandou-O [,manietado, ao sumo Caifás]

ἀπεστειλεν δε—Σ [1%]

Problema: A variante do NU gera uma contradição no contexto imediato. O verso 13 diz que Jesus foi primeiramente levado a Anás, mas os quatro evangelhos consoam que as negações de Pedro e o julgamento ocorreram na casa de Caifás – local onde ocorrera o relato de João, versículos 15 a 23. E segundo a variante do NU os versos 15-23 ocorreram na casa de Anás, fazendo João contradizer os demais evangelhos.

Discussão: Somente João registra que Jesus foi primeiramente levado a Anás. Os demais evangelhos ficam restritos somente aos ocorridos na casa de Caifás, portanto não há problema nem discordância entre o relato de João e os relatos dos demais quanto à mudança de residências. Ao terminar de escrever os versos 15-23, João percebe que, se continuasse, os leitores teriam a equivocada impressão que Jesus ainda permanecera na casa de Anás, por isso redige o verso 24, os advertindo da mudança de localidade. O verso 24 deveria ser traduzido e redigido como: *(Anás O mandara, manietado, ao sumo Caifás.)*

João 6.11 τοις μαθηταις οι δε μαθηται—f³⁵ D [97%] CP, HF, RP, OC, TR

aos discípulos, e os discípulos

--- --- --- --- --- —P^{66,75v} ΣA, B, W [3%] NU

Problema: O texto NU se contradiz. Nas passagens paralelas em Mateus 14:19, Marcos 6:41 e Lucas 9:16 o NU concorda com o texto Majoritário que Jesus entrega o pão aos discípulos, os quais o distribuem à multidão. Mas o texto de João segundo o NU há omissão de “aos discípulos” e conseqüentemente foi Jesus quem distribuía o pão à multidão.

Discussão: Essa variante pode ser explicada como sendo um simples erro de transcrição, um caso de *homoioarcton*, um início semelhante – que neste caso passando de um $\tau\omicron\iota\zeta$ para o próximo. Não há necessidade de se apelar ao cânon de “leitura mais difícil”. Fosse esse o único caso, poderia ser explicado como inofensivo; mas este, quando somado aos demais, se desenvolve num problema de efeito cumulativo.

Estou bem ciente de que os exemplos acima podem não impressionar o leitor como sendo uniformemente convincentes. Contudo, afirmo que têm um efeito cumulativo. À custa de imaginação engenhosa e de ginástica mental, pode ser possível parecer contornar um ou outro destes exemplos (inclusive aqueles que seguem), mas com cada exemplo [de manobra evasiva] adicional aumenta o desafio à nossa credulidade. Um ou dois arroteios podem ser aceitos como possíveis, mas cinco ou seis se tornam altamente improváveis; dez ou doze são extremamente difíceis de tolerar.

ANOMALIAS SÉRIAS / ABERRAÇÕES

João 7.8 $\omicron\upsilon\pi\omega$ — f^{35} P^{66,75}B,N,T,W [96.5%] CP, HF, RP, OC, TR

ainda não

$\omicron\upsilon\kappa$ — N^{D} [3%] NU

não

Problema: Uma vez que Jesus de fato foi à festa (e sem dúvidas sabia o que estava prestes a fazer), o texto da NU tem o efeito de Lhe atribuir uma mentira.

Discussão: Uma vez que os editores da NU usualmente atribuem o mais alto dos valores a P75 e B, não é estranho que os rejeitaram neste caso? Aqui está a explicação de Metzger: “A variante [“ainda não”] foi introduzida em uma data bem antiga (o que é atestado por P66,75), para minorar a inconsistência entre verso 8 e verso 10” (pag. 216). Assim, os editores rejeitaram P66,75 e B (junto com 96+% dos MSS) por-

que preferiram a “inconsistência”. NASB, RSV, NEB e TEV se alinham com o Texto Eclético aqui.

João 6.47 εἰς ἐμὲ—^{f35}A,C,D,N (99.5%) CP, HF, RP, OC, TR

[crê] para dentro de mim

--- --- —P⁶⁶⋯B,T,W (0.5%) NU

[crê]

Problema: Jesus está fazendo uma declaração formal sobre como se pode ter vida eterna. “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê para dentro de Mim tem a vida eterna.” Ao omitir “em Mim”, a NU abre a porta para o universalismo.

Discussão: Uma vez que é impossível viver sem crer em algo, todos crêem – o objeto da crença é que é o essencial. O verbo “crer” ocorre em outros locais desacompanhado de um objeto explícito (que é suprido pelo contexto), mas não em uma declaração formal como esta. A redação mais curta é provavelmente o resultado de um exemplo de *homoioarcton* muito fácil de ocorrer – três palavras curtas em seqüência começam com “E”. Todavia, Metzger diz das palavras “em Mim”: “nenhuma boa razão pode ser sugerida para explicar a sua omissão” (pag. 214). Os editores dão à omissão a nota {A} [“virtualmente inquestionável”]! Isto contra 99,5% dos MSS além de atestação do II século. TEV, NASB, NIV, NRSV e “Jerusalém” reproduzem, precisamente, o texto da NU.

Atos 28.13 · περιελθοντες—f³⁵ A,048 [95%] HF,RP,OC,TR,CP

virando de bordo [alcançamos Régio]

περιελοντες—NB [5%] NU

retirando (alguma coisa) [alcançamos Régio]

Problema: O verbo escolhido pela NU, *περιαιρωω*, é transitivo, e não faz sentido aqui.

Discussão: A explicação manca de Metzger é que a maioria dos membros da Comissão da NU considerou a palavra como sendo “um termo técnico náutico de significado incerto” (p. 501)! Por que eles escolheram desfigurar o texto com base em evidências tão pobres, quando há uma explicação transcricional fácil? As letras gregas O e Θ são muito similares e, estando lado a lado em uma palavra, seria fácil deixar uma de fora, neste caso o *theta*. A maioria das versões modernas é na realidade baseada no texto Nestle “antigo”, que aqui concorda com a redação Majoritária. NRSV, entretanto, segue a NU, oferecendo a tradução “então levantamos âncora.”

Marcos 16.9-20 (todos os versos)

(presente)—cada MS grego conhecido (a. 1,700) exceto três; HF,RP,CP,TR,OC[[NU]]

(omitido)—N^c, B, 304

Problema: Uma aberração séria é introduzida – é afirmado que o Evangelho segundo Marcos termina em 16.8.

Discussão: A SBU³ coloca estes versos entre colchetes duplos [[]], que significam que os versos são “considerados como adições ao texto, posteriormente feitas”, e dão à sua decisão uma nota {A}, “virtualmente inquestionável”. Assim, os editores da SBU nos asseguram que o genuíno texto de Marcos termina em 16.8. Mas por que os críticos insistem em rejeitar esta passagem? Ela está contida em cada MS grego sobrevivente (cerca de 1700), exceto três (na verdade somente dois, B e 304 – N não é pro-

priamente “sobrevivente” porque, neste local, é forjado).¹ Cada Lecionário grego sobrevivente (cerca de 2000?) contém a passagem (um deles, 185, somente no *Menologion*). Cada MS sírio sobrevivente, exceto um (o Sinaítico), a contém. Cada MS em latim (8000?), exceto um (k), a contém. Cada MS cóptico sobrevivente, exceto um, a contém. Temos evidência concreta (Irineu e o *Diatessaron*) da “inclusão” da passagem já no século II, presumivelmente na sua primeira metade. Quanto à “exclusão”, não temos nenhuma evidência sólida semelhante.

Face tal evidência massiva, por que os críticos insistem em rejeitar esta passagem? Lamentavelmente, a maioria das versões modernas também, de uma ou de outra maneira, lança dúvidas sobre a autenticidade destes versos (a NRSV é, aqui, especialmente objeccionável). Como sou um dos que crêem que a Bíblia é a Palavra de Deus, acho inconcebível que uma biografia oficial de Jesus Cristo, comissionada por Deus e escrita sob o Seu controle de qualidade, omitiria provas da ressurreição de Cristo, excluiria todas as suas aparições subseqüentes, e terminaria com a cláusula “porque temiam”! Se a avaliação dos críticos fosse correta, pareceríamos estar apertados entre uma rocha e um lugar duro. O evangelho de Marcos seria um evangelho mutilado (se interrompido no v. 8) sendo que o final original teria desaparecido sem deixar vestígios. Mas nesse evento, que seria do propósito de Deus em ordenar esta biografia?

¹Tischendorf, que descobriu o Códice Aleph, advertiu que a folha dobrada contendo o término de Marcos e o início de Lucas parecia ser escrita por uma mão diferente e com tinta diferente do resto do manuscrito. Seja como for, um exame cuidadoso revela o seguinte: o final de Marcos e o começo de Lucas ocorrem na página 3 (de um total de 4 [da folha dobrada]); as páginas 1 e 4 contêm uma média de 17 linhas (de texto grego impresso) por coluna (há quatro colunas por página), exatamente como o resto do códice; a página 2 contém uma média de 15,5 linhas de texto impresso por coluna (quatro colunas); a primeira coluna da página 3 contém somente **doze** linhas (de texto impresso) e, desta maneira, o verso 8 ocupa o topo da segunda coluna, o resto da qual está em branco (exceto por alguns desenhos); Lucas começa no topo da coluna 3, a qual contém 16 linhas de texto impresso, enquanto a coluna 4 volta a ter 17 linhas. Na página 2 o forjador começou a distanciar as letras, deslocando seis linhas de texto impresso; na primeira coluna da página 3 ele se desesperou e deslocou **cinco** linhas de texto impresso, somente em uma coluna!

Desta maneira, o forjador conseguiu que duas linhas do verso 8 sobrassem para iniciar a segunda coluna, evitando a denunciadora coluna vazia (que ocorre no Códice B). Essa segunda coluna acomodaria mais 15 linhas de texto impresso, as quais, com as outras onze linhas [6 linhas na página 2, mais 5 linhas na página 3], totalizam 26. Versos 9-20 ocupam 23,5 de tais linhas; assim existe bastante espaço para a passagem. Parece que realmente houve jogo sujo, e não teria havido nenhuma necessidade dele a não ser que a primeira mão de fato exibisse os versos disputados. Em qualquer evento, Aleph, como está, é uma fraude neste local, e assim não pode ser legitimamente alegado como evidência contra Marcos 16.9-20.

João 1.18 ο μονογενης υιος—f³⁵ A,C,W (99.6%) (CP) HF, RP, OC, TR

o unigênito Filho

-- μονογενης θεος—P⁶⁶, Ξ, B, C (0.3%) NU

um unigênito deus

ο μονογενης θεος—P⁷⁵ (0.1%)

o unigênito deus

Problema: Uma anomalia séria é introduzida – Deus, como Deus, não é gerado.

Discussão: A natureza e o corpo humanos de Jesus Cristo foram, na verdade, literalmente gerados em Maria, virgem, pelo Espírito Santo; Deus o Filho tem existido eternamente. “Um deus unigênito” é tão deliciosamente gnóstico que a origem egípcia aparente desta leitura a faz duplamente suspeita. Também seria possível traduzir a segunda leitura como “unigênito deus!”, enfatizando a qualidade [de ser Divino], e isto tem atraído muitos que aí vêem uma forte afirmação da divindade de Cristo. No entanto, se Cristo recebeu Sua “Divindade” através do processo de geração, então não pode ser a eternamente preexistente Segunda Pessoa da Trindade. Também “unigênito” não é análogo a “primogênito”, que se refere à prioridade de posição – isto poria o Filho acima do Pai. Não importa como a encaremos, a redação da NU introduz uma anomalia séria.

Presumivelmente *μονογενης* deve significar algo mais que apenas *μονος*, “único”. Em Lucas 7.12, embora por razões de estilo um tradutor possa por “o filho **único** de sua mãe”, havemos de entender que ele foi gerado por ela – não poderia ser um filho adotivo. O mesmo acontece em Lucas 8.42 e 9.38. Em Hebreus 11.17, com referência à promessa e a Sara, Isaque foi na verdade o “filho unigênito” de Abraão, embora ele realmente tivesse outros filhos com outras mulheres. Notar em Gênesis 22.12 e 16 que o próprio Deus chama Isaque de “único” filho de Abraão. João usa *μονογενης* cinco vezes, sempre se referindo ao Filho de Deus (João. 1.14, 18; 3.16, 18; 1 João 4.9). Não vejo nada nos usos do NT que justifique a tradução “único” [em oposição a “unigênito” (único gerado)].

Que P⁷⁵ tenha uma confluência das duas primeiras redações é curioso, mas demonstra que a discrepância surgiu no segundo século. (Artigos modificam substantivos, não adjetivos, quando numa frase nominal tal qual a que aqui temos. Assim, o artigo é parte da mesma unidade de variação). A maioria das versões modernas evita uma tradução direta da redação da NU. NIV nos oferece “mas Deus o único [Filho]” – uma má tradução para um texto mau. (Uma revisão subsequente tem “Deus o Um e Único” – uma “fraude piedosa”, uma vez que nenhuma das variantes tem este sentido.) TEV tem “O Único, que é o mesmo que Deus” – pouco melhor. NASB realmente traduz “o unigênito Deus”! (a redação de P⁷⁵). Não querendo ficar para trás, a “Amplified” confecciona uma confluência, “o único Filho suigêneris, o Deus unigênito.” Ai ai ai!

João 7.53-8.11 (todos os versos)

(presente)—^f35 D [85%] CP, HF, RP, OC, TR [[NU]]

(omitido)—P^{66,75}, \aleph , B, N, T, W [15%]

Problema: A SBU³ coloca estes versos entre colchetes duplos [[]], que significa que os versos são “considerados como adições ao texto, posteriormente feitas,” e dão à sua decisão uma nota {A}, “virtualmente inquestionável”. A omissão introduz uma aberração.

Discussão: A evidência contra o Texto Majoritário é, aqui, menos fraca do que em qualquer dos exemplos prévios. Mas, assumindo (somente para efeito de raciocínio) que a passagem é espúria, como poderia jamais ter sido introduzida aqui, e de modo tal que é atestada por uns 85% dos MSS? Tentemos ler a passagem maior sem estes versos – temos que ir diretamente de 7.52 para 8.12. Revendo o contexto, os principais sacerdotes e fariseus tinham enviado guardas para prenderem Jesus, sem proveito; uma “discussão” resulta; Nicodemus faz uma colocação, ao que os fariseus respondem:

(7.52) “És tu também da Galiléia? Examina, e verás que da Galiléia nenhum profeta surgiu.”

(8.12) “Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: ‘Eu sou a luz do mundo.’ ...”

Qual é o antecedente de "lhes", e qual é o significado de “outra vez”? Pelas regras normais da gramática, se 7.53-8.11 estão faltando, então "lhes" tem que referir aos "fariseus" e "outra vez" significa que, [nesta conversação], Jesus já lhes dirigira a palavra ao menos uma vez. Mas 7.45 deixa claro que Jesus **não estava lá** com os fariseus. Assim, a UBS introduz uma aberração. Mesmo assim, Metzger alega que a passagem (7.53-8.11) "interrompe a sucessão de 7.52 e 8.12ss" (p. 220)! Procurar pelos antecedentes de 8.12 em 7.37-39 não somente afronta a sintaxe mas também colide contra 8.13 – “os fariseus” respondem à reivindicação que Jesus fez no verso 12, mas "os fariseus" estão em outro lugar, 7.45-52 (se 7.53-8.11 está ausente).

Metzger também alega que “o estilo e vocabulário da passagem em foco diferem notavelmente daqueles do restante do quarto evangelho.” Mas os falantes nativos de grego naquela época não estariam em melhor posição que os críticos modernos para notarem algo assim? Então como poderiam elas permitir uma passagem tão “estranha” ser forçada para dentro do texto? Sugiro que a resposta evidente é que eles não o fizeram: a passagem estava lá desde o início. Também protesto contra o uso dos colchetes aqui. Uma vez que os editores claramente encaram a passagem como espúria eles deveriam ser consistentes e a eliminarem, como a NEB e a Bíblia de Williams o fazem. Desta maneira, toda a extensão do seu erro ficaria exposta para todos verem. As Bíblias NIV, NASB, NRSV, Berkeley e TEV também usam colchetes para questionar a validade desta passagem.

1 Timóteo 3.16 · $\theta\epsilon\omicron\varsigma$ — f^{35} A,C^v [98.5%] RP, HF, OC, TR, CP

Deus [se manifestou em carne]

$\omicron\varsigma$ — N [1%] NU

quem [se manifestou em carne]

\omicron —D

que [se manifestou em carne]

Problema: Uma anomalia gramatical é introduzida. “Grande é o mistério da piedade, quem se manifestou em carne” é pior em grego do que o é em português. “Mistério” é do gênero neutro enquanto “piedade” é feminino, mas “quem” é masculino!

Discussão: Em um esforço para explicar o “quem”, é comumente argumentado que a segunda metade do verso 16 foi uma citação direta de um hino, mas onde está a evidência para esta alegação? Sem evidência, a alegação [descaradamente] foge da pergunta por assumir o fato como provado.¹ Que a passagem tem algumas qualidades poéticas não diz mais do que que ela tem qualidades poéticas. “Quem” é sem sentido [gramatical], de modo que a maioria das versões modernas que seguem o texto da NU toma aqui ações evasivas. A redação em latim, “o mistério ... que,” pelo menos faz sentido. A verdadeira redação, como atestado por 98,5% dos MSS gregos, é “Deus.” Nos MSS mais antigos “Deus” foi escrito ΘC, “quem” foi escrito OC, e “que” foi escrito O. A diferença entre “Deus” e “quem” é somente de dois traços cruzados, e com uma pena estragada eles poderiam facilmente ser fracos, (ou um copista poderia momentaneamente se distrair e esquecer de adicionar os traços). Assim, a variante “quem” pode ser explicada por um fácil erro transcricional. A variante “que” seria uma solução óbvia para um copista deparado com o “quem” sem sentido. Qualquer que seja a intenção dos editores da NU, o texto deles mutila esta forte declaração da divindade de Jesus Cristo, além de ser uma estupidez – como pode ser 'mistério' o fato de um macho humano se manifestar em carne? Todo ser humano tem corpo.

¹Um pronome normalmente exige um antecedente, mas material citado pode prover uma exceção. Assim, 1 Coríntios 2.9 é algumas vezes oferecido como um exemplo: a citação de Isaías começa com um pronome, sem um antecedente gramatical (embora “mistério”, no verso 7, seja presumivelmente o antecedente referencial). No entanto, as palavras de Isaías são formalmente apresentadas como uma citação, “como está escrito,” enquanto o material em 1 Timóteo 3.16 não o é, portanto não há nenhuma analogia válida. Colossenses 1.13 ou 1.15 têm sido sugeridos como analogias para o “quem” em 1 Timóteo 3.16, mesmo alegados como “hinos”, mas não há nenhum apoio objetivo para a reivindicação. O antecedente do pronome relativo em Colossenses 1.15 é “o filho” no verso 13, e o antecedente do pronome relativo no verso 13 é “o pai” no verso 12. Novamente, não há nenhuma analogia válida.

2 Pedro 3.10 κατακαησεται—f³⁵ A,048 (93.6%) RP, HF, OC, TR, CP

[a terra . . .] será queimada

ευρεθησεται—(P⁷²) N, B (3.2%) NU

[a terra . . .] será achada

Problema: A redação da NU é sem sentido; o contexto é claramente de julgamento.

Discussão: Metzger de fato declara que o texto dos editores da UBS “parece ser destituído de significado, no contexto” (pag. 706)! Então, por que eles o escolheram? Metzger explica que há “uma ampla variedade de redações, nenhuma das quais parece ser original” – presumivelmente, mesmo que “será queimada” fosse a única leitura, com atestação unânime, ele ainda a rejeitaria, mas ele dificilmente pode argumentar que é sem sentido. Os editores da NU deliberadamente escolheram uma variante que acreditaram ser “destituída de significado, no contexto”. A NASB aqui abandona a NU e oferece a redação majoritária; as NEB e NIV oferecem “será desnudada”; a TEV oferece “desaparecerá”.

Judas 15 · παντας τους ασβεις—f³⁵ A,B,C (97.8%) RP, HF, OC, TR, CP

[convencer] todos os ímpios [dentre eles, por todas as suas obras de impiedade]

πασαν ψυχην—P⁷², N (only one other MS) NU

[convencer] todas as almas [por todas as suas obras de impiedade]

Problema: a NU introduz uma anomalia séria.

Discussão: Certas pessoas muito más têm sido pictoricamente descritas nos versos 4, 8 e 10-13. No verso 14, Judas introduz uma profecia “a respeito desses homens”, os mesmos que vinha descrevendo, e a citação continua até o fim do verso 15. O verso 16 continua a descrição da perversidade deles, mas o verso 17 faz uma clara distinção entre eles e os crentes a quem Judas se dirige. Assim, Enoque não pode estar se referindo a “todas as almas” – a redação da NU está claramente errada. De fato,

Nestle²⁵ e a SBU² permaneceram com o Texto Majoritário, lendo “todos os ímpios.” A NU muda para “toda alma,” sem comentários! Não é este um procedimento curioso? Os editores da NU, seguindo somente três MSS e a versão Sahídica, invertem uma posição que antes tinham, e nem sequer mencionam isto no aparato deles. Isto é especialmente infeliz, dado à natureza séria da mudança. A maioria das versões modernas segue aqui o Texto Majoritário, mas a NRSV tem “convencer a todos”.

Mateus 5.22 εικη—^{f35}, D, W (96.2%), RP, HF, OC, CP, TR

sem causa

--- —^{P64}, ⚭, B (1.9%), NU

Problema: A omissão do NU se desdobra em gerar um conflito com passagens semelhantes a Efésios 4.26 e a Salmos 4.4, onde somos ordenados a nos irmos, inclusive a despeito ao exemplo do Senhor Jesus, Marcos 3:5.

Discussão: Jeová odeia a injustiça e a julgará; mas Ele também odeia o mal e nos ordena que façamos conforme Ele faz, Salmos 97.10. A variante do NU acarreta numa proibição ao ódio/ira, o que é um erro. Novamente, fosse esse o único caso, poderia ser explicado como inofensivo; mas este, quando somado aos demais, se desenvolve num problema de efeito cumulativo.

Marcos 10.24 τους πεποιθотας επι χρημασιν—^{f35} A,C(D)N (99.5%) HF,RP,CP(TR)OC

para os que confiam nas riquezas

--- --- --- --- —⚭B (0.4%) NU

πλουσιον—W

Problema: Conforme a variante do NU as palavras de Jesus são: “Quão difícil é entrar no Reino de Deus!”. Algo, que ao considerarmos o contexto imediato, é uma estupidez destilada. Além de O fazer se contradizer, dado que noutras passagens Ele faz

convites abertos: “Venham após Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei...” Mateus 11:28.

Discussão: No contexto apresentado, a leitura Majoritária é cristalinamente correta. Levando em conta toda a Escritura sobre o assunto de riqueza material, o enriquecer não é o problema em si; o problema é justamente o da confiança – você está verdadeiramente confiando em Deus ou nas posses? Doutra forma, onde está o teu tesouro? A maioria das traduções modernas seguem o NU nessa passagem, e algumas ainda trazem a seguinte nota de rodapé: “alguns manuscritos (mais recentes) acrescentam ‘para os que confiam nas riquezas’”. Isso se referindo a 99,5% do total de manuscritos; enquanto que as versões Latina e Siríaca remetem o texto Majoritário como sendo do Séc. II. Tais notas são absolutamente perversas.

Há muitos exemplos adicionais, alguns dos quais, tomados isoladamente, podem não parecer tão alarmantes. Mas eles têm um efeito cumulativo, e **dúzias** deles deveriam fazer o leitor responsável pausar. Existe um padrão? Se sim, por que? Mas, por enquanto o que já foi apresentado é suficiente; podemos agora atentar para as implicações [do que vimos].

IMPLICAÇÕES

Como explicar tudo isso? Creio que a resposta repousa na área das pressuposições. Tem havido uma curiosa relutância da parte dos estudiosos conservadores em enfrentar este assunto. Imaginar que as escolhas editoriais de um estudioso naturalista não serão influenciadas pela sua tendência teológica é extremamente ingênuo.

Naturalmente, tanto tais estudiosos como os defensores conservadores do Texto Eclético irão sem dúvidas objetar: “De modo algum!” diriam eles, “Nossas escolhas editoriais derivam da aplicação imparcial dos cânones geralmente aceitos [“geralmente aceitos” por quem, e com que base; isto é, quais são as pressuposições por detrás desses cânones] da crítica textual do NT.” E quais são esses cânones? Os quatro principais parecem ser: 1) a leitura que melhor explique o surgimento das demais seja a

preferida; 2) a leitura mais difícil seja a preferida; 3) a leitura mais curta seja a preferida; 4) a leitura que melhor se adequê ao estilo e propósito do autor seja a preferida. Podemos dizer que o primeiro cânon como que destila a essência de todos eles, e portanto deveria ser o cânon dominante. Mas na prática é provavelmente o segundo que é mais rigorosamente aplicado. Da apresentação que B.M. Metzger faz do arrazoado da Comissão da NU nos exemplos acima, parece que mais da metade das vezes ela baseou suas decisões no cânon da leitura mais difícil (para quatro dos exemplos Metzger não faz nenhum comentário porque o aparato da SBU não menciona que há variação; para dois deles Metzger diz que todas as variantes são insatisfatórias!) Mas, como iremos nós decidir qual variante é a mais “difícil”? Não entrarão aí nossas tendências teológicas?

Consideremos um exemplo: em Lucas 24.52, as edições 1-25 de Nestle (e em consequência as Bíblias NASB, RSV e NEB) omitem “eles O adoraram”. A SBU³ retém as palavras, mas atribui-lhes a nota {D}, que significa um “grau muito alto de dúvida”. Somente um único manuscrito grego omite as palavras, o Códice D, apoiado por parte das testemunhas em latim. Apesar desta muito insignificante evidência externa pró omissão, é argumentado que ela é a leitura “mais difícil” – se a cláusula fosse original, que crente ortodoxo sequer pensaria em removê-la? Por outro lado, se a cláusula não constasse do original, poderia constituir uma piedosa adição que imediatamente se tornaria popular. No entanto, não apenas os gnósticos dominaram a Igreja cristã do Egito no segundo século: ao redor também haviam outros que não criam que Jesus era Deus – iriam eles resistir ao impulso de retirar tal declaração? Como escolheremos entre estas duas hipóteses? Não será com base nas nossas pressuposições? Na verdade, ao discutir este conjunto de variantes, juntamente com as outras “não-interpolações ocidentais” de Hort, Metzger explica (pag. 193) que uma minoria da Comissão da NU argumentou que “há discernível nestas passagens uma motivação teológica Cristocêntrica que explica como elas foram adicionadas, enquanto não há nenhuma razão clara que explique porque elas teriam sido omitidas.” (Teriam os editores nunca ouvido falar dos gnósticos?)

Por que Usar Cânones Subjetivos?

É claro que os quatro cânones acima mencionados dependem pesadamente do julgamento subjetivo do crítico. Mas por que usar tais cânones? Por que não seguir a evidência dos manuscritos? É comumente argumentado que os manuscritos sobreviventes não são representativos da situação textual nos primeiros séculos da Igreja. A destruição oficial de MSS por Diocleciano (300 DC), e outros caprichos da História, teriam dizimado o suprimento de MSS ao ponto da transmissão ter sido totalmente distorcida – daí, não podemos estar certos de nada. (Tal argumento não apenas “justifica” o procedimento eclético, ele é usado para reivindicar sua “necessidade”.) Mas a eficiência da campanha Diocleciana não foi a mesma em regiões diferentes. Ainda mais relevante à questão são as implicações do movimento Donatista que surgiu logo depois da campanha Diocleciana passar. Em parte, se baseou na punição merecida por aqueles que entregaram seus MSS para serem destruídos. Evidentemente alguns **não** entregaram seus MSS, ou não teria havido ninguém para julgar os outros. Ademais, aqueles cuja dedicação a Cristo e a Sua Palavra foram tais que não se intimidaram com a tortura, seriam exatamente o tipo que seria o mais cheio de cuidados a respeito da pureza e genealogia dos seus MSS. Assim, no principal, foram provavelmente os exemplares mais puros que sobreviveram, e deles deriva a principal corrente da transmissão do N.T.

Uma vez que a forma do texto bizantino (Majoritário) domina acima de 90% dos MSS sobreviventes, aqueles que querem rejeitá-la não podem conceder a possibilidade que a transmissão do texto foi normal, em sentido algum. (Se o foi, então o consenso tem que refletir o texto original, especialmente um consenso tão massivo.) Assim, é argumentado que houve fraude nas urnas, que o texto bizantino foi imposto por autoridade eclesiástica, mas somente depois que ele foi “bolado” a partir de outros textos, no princípio do século IV. Mas simplesmente não há evidência histórica alguma para esta idéia! Ademais, numerosos estudos têm demonstrado que a massa de MSS bizantinos não é monolítica; há muitos fios distintos ou linhagens de transmissão, presumivelmente independentes. Que pelo menos algumas destas linhagens têm que retroceder até o século III (se não antes) é demonstrado pelo Códice Aleph em Apocalipse, onde ele

confla algumas dessas linhagens. Asterius (morto em 341 DC) usou MSS que eram claramente bizantinos – presumivelmente a maioria dos seus escritos não foi feita do seu leito de morte, assim os MSS viriam do século III. Há mais linhas de evidência que militam contra a posição eclética, inclusive a própria natureza das suas regras canônicas.

“A redação mais curta seja a preferida.” Por que? Porque, dizem, os escribas tinham uma tendência a adicionar coisinhas e pedacinhos ao texto. Mas isto teria que ser uma atividade deliberada. É demonstrável que a perda acidental da posição [de leitura] resulta muito mais em omissões que em adições – praticamente a única maneira de adicionar acidentalmente é copiar um trecho duas vezes, mas o copista teria que estar realmente tonto de sono para não se apanhar [e corrigir]. Assim, sempre que uma leitura mais curta possa ser o resultado de parablepse, ela deve ser vista com suspeita. Mas mesmo quando deliberadas, a omissão ainda deve ser mais freqüente que a adição. Se há alguma coisa no texto que você não gosta, ela lhe chama a atenção e você é tentado a fazer algo para resolver o problema. Também, mais imaginação e esforço são exigidos para criar material novo do que para suprimir o que já está lá (material sugerido por uma passagem paralela poderia ser uma exceção). Ademais, é demonstrável que a maioria dos escribas era cuidadosa e consciente, evitando enganos mesmo não intencionais. Aqueles que se engajaram em atividade editorial deliberada foram realmente poucos, mas alguns foram ofensores flagrantes (como Aleph, em Apocalipse).

"A leitura mais difícil seja a preferida." Por que? A suposição é que uma dificuldade percebida motivaria um copista mais audacioso a tentar “remediá-la”. Notar que qualquer alteração tal tem que ser deliberada; assim, se uma redação “mais difícil” poderia ter advindo de omissão acidental (por exemplo) então este cânon não deve ser usado. Mas no caso de uma presumida alteração deliberada, como podemos realmente atribuir graus de “dificuldade”? Não sabemos quem a fez, nem por que. A devida margem tem que ser dada para possível ignorância, excesso de zelo audacioso, preconceito e maldade. De fato, este cânon é desarrazoado “na cara” – quanto mais estúpida uma redação for, quer por acidente ou por ação deliberada, mais forte será sua reivin-

dicação de ser “original”, uma vez que será certamente a “mais difícil”. Não é necessário um profeta para ver que esta regra canônica é escancaradamente aberta à manipulação satânica, tanto na antiga criação das variantes como na avaliação contemporânea delas. Mas em todo caso, desde que é demonstrável que a maioria dos copistas não fez mudanças deliberadas, onde há concordância massiva entre os MSS sobreviventes este cânon não deve sequer ser considerado. Na verdade, onde há concordância massiva entre os MSS nenhum dos cânones subjetivos deve ser usado – eles são desnecessários e inapropriados. Das 6000+ diferenças entre o texto da NU e o Texto Majoritário, a enorme maioria das redações preferidas pelos editores da NU tem atestação insignificante por MSS.

O Mito da Neutralidade

Precisamos sepultar o mito da neutralidade e objetividade dos estudiosos. Quem quer que tenha estado dentro da comunidade acadêmica sabe que ela é liberalmente semeada com preconceitos, linhas partidárias, ambição pessoal e maldade – sem falarmos de um ódio à Verdade.¹ Nunca devemos acreditar cegamente na neutralidade e objetividade do outro, e principalmente quando se lida com a Verdade de Deus – porque nesta área nem Deus nem Satanás permitirá neutralidade. Em Mateus 12.30 o Senhor Jesus disse: “Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalhe.” Deus declara que neutralidade é impossível; ou você é por Ele ou você é contra Ele. Jesus afirma ser Deus. Ante tal reivindicação temos somente duas opções, aceitá-Lo ou rejeitá-Lo como Deus. (“Agnosticismo” é realmente uma rejeição passiva.) A Bíblia afirma ser a Palavra de Deus. Novamente, nossas opções não são senão duas. Segue-se que, quando lidamos com o texto da Escritura, neutralidade é impossível. A Bíblia é clara a respeito de interferência satânica nas mentes dos seres humanos, e mais especialmente quando eles estão considerando a Verdade de Deus. 2 Coríntios 4.4 declara claramente que o deus deste século/mundo cega as mentes dos incrédulos quando eles são confrontados com o Evangelho. O Senhor Jesus disse a mesma coisa

¹Por “a Verdade” quero dizer o fato de um Criador moral e inteligente, Soberano sobre todos, a quem todo ser criado dará contas. Muitos estudiosos sacrificarão a evidência, sua própria integridade e outras pessoas, ao invés de encarar [e dobrar-se] à Verdade.

quando explicou a parábola do semeador. "... mas, tendo-a eles ouvido, vem logo Satanás e tira a palavra que foi semeada nos seus corações." (Marcos 4.15; Lucas 8.12).

Ademais, há uma influência satânica generalizada sobre toda a cultura humana. 1João 5.19 declara que "todo o mundo jaz no maligno." O quadro é claramente um de forte influência, se não de controle—as Bíblias NASB, RSV, NEB e "Jerusalém" traduzem como "no poder do," TEV como "sob o domínio do," NIV como "sob o controle do," NKJV como "sob a influência do." Toda a cultura humana está sob influência satânica generalizada, inclusive a cultura da comunidade acadêmica. Efésios 2.2 é ainda mais preciso: "Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência." Satanás opera ativamente na mente de quem quer que rejeite a autoridade de Deus sobre si. Materialismo tem se infiltrado na Igreja na Europa e na América do Norte, a tal ponto que o que a Bíblia diz neste assunto [ingerência satânica] tem sido amplamente ignorado. Mas eu coloco que se alguém, que afirma crer na Palavra de Deus, aceitar uma edição da Bíblia preparada com base em premissas racionalistas, estará realmente esquecendo o ensino dessa Palavra.

Interpretação é preeminentemente uma questão de sabedoria. Um crítico textual naturalista pode ter um razoável contato com a evidência relevante, pode ter conhecimento dos fatos, mas isto de modo algum implica que sabe o que fazer com esses fatos e evidências. Se "o temor do SENHOR é o princípio da sabedoria" (Prov. 9.10), então, presumivelmente, o descrente não terá nenhuma, ao menos sob o ponto de vista de Deus. Quem quer que edite ou traduza o texto da Escritura precisa estar em condições espirituais tais que possa pedir ao Espírito Santo para iluminá-lo no seu trabalho, como também proteger sua mente das influências do inimigo.

Nos dias de Jesus haviam aqueles que "amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus" (João 12.43), e eles ainda estão conosco. Mas a "glória dos homens" custa um alto preço – você tem que aceitar o sistema de valores deles, um sistema de valores que sofre influência satânica direta. Aceitar o sistema de valores do mundo é basicamente um ato de traição contra o Rei Jesus, é um tipo de idolatria. Aqueles estudiosos conservadores que põem um alto valor em "reconhecimento acadê-

mico,” em serem reconhecidos pela “comunidade acadêmica,” etc., necessitam se perguntar a si próprios quais são as pressuposições que jazem sob tal reconhecimento. Por favor observar que eu não estou desacreditando a educação e o saber legítimos – eu mesmo já coleí três graus de pós-graduação – mas sim estou desafiando os conservadores a se assegurarem que sua definição de erudição vem do Espírito Santo, não do mundo, que sua busca por reconhecimento é piedosa, não egoísta. Alimento uma ligeira desconfiança que, se isto fosse feito, então ocorreria uma mudança dramática no mundo cristão conservador com referência à prática da crítica textual do NT e à identificação do verdadeiro texto do NT.

Conclusão

Para resumir, retorno à pergunta inicial: “Que diferença faz?” Não apenas temos a confusão causada por duas formas competidoras do texto grego, bastante diferentes, mas:

1. Uma delas (o Texto Eclético) incorpora erros e contradições que minam a doutrina da inspiração e virtualmente anulam a doutrina da inerrância [da Bíblia]; a outra (o Texto Majoritário) não o faz.
2. A primeira baseia-se em critérios subjetivos, aplicados por críticos naturalistas; a segunda baseia-se no consenso da tradição dos manuscritos através dos séculos.

Uma vez que as igrejas e escolas evangélicas conservadoras têm geralmente abraçado a teoria (e, portanto, as pressuposições) em que se baseia o Texto Eclético (UBS³/Nestle²⁶),¹ tem havido uma contínua hemorragia ou defecção dentro do campo evangélico com referência às doutrinas da inspiração e (particularmente) da inerrância da Bíblia. A autoridade das Escrituras tem sido solapada – ela não mais exige obediência imediata e sem perguntas. Como uma conseqüência natural, há um enfraquecimento generalizado da nossa dedicação básica a Cristo e Seu Reino. Pior ainda, através dos nossos missionários temos estado exportando tudo isto para as igrejas emergentes do “terceiro mundo.” Ai de nós!

¹ SBU⁴ e N-A²⁷ trazem mudanças no aparato crítico, mas não no texto, de sorte que o texto ainda é o das edições anteriores.

Pois então, que faremos: levantar nossas mãos em desespero e desistir? De modo algum! “É melhor acender uma vela do que sentar e amaldiçoar a escuridão.” Com a ajuda de Deus, trabalhemos juntos para provocarmos uma reversão da situação. Trabalhemos para desfazer o dano. Temos que começar por conscientemente tentar assegurar que todas nossas pressuposições, nossas hipóteses de trabalho, são consistentes com a Palavra de Deus. Quando abordarmos a evidência (MSS gregos, citações patrísticas, antigas versões) com tais pressuposições teremos uma base acreditável e mesmo demonstrável para declarar e defender a divina preservação, a inspiração e a inerrância do texto do Novo Testamento. Poderemos novamente ter uma base compelidora para total dedicação a Deus e à Sua Palavra. O atual Texto Majoritário impresso (quer H-F, quer R-P) é uma bem acurada aproximação do Original, isenta dos erros de fato e das contradições acima discutidos. (Modéstia à parte, considero que o meu Texto grego se aproxima do Original ainda mais.)



A AUTORIDADE DO TEXTO SAGRADO

— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —



- A) A importância da questão de autoridade (em si) para o ser humano: mercado de cosmovisões.
- 1) Cosmovisão – a mola mestra; como você interpreta o mundo; fazer X falar.
 - 2) Criação X evolução – crentes acabrunhados, acovardados. A questão básica aqui é exatamente de cosmovisão; a visão bíblica é rejeitada.
 - a) Evolução é cientificamente impossível – 350 bits VS 1500 bits; probabilidade estatística; DNA de homem X chimpanzé.
 - b) A terra é jovem – campo magnético; arca de Noé; torre de Babel.
- B) A importância da autoridade do Texto Sagrado para a vida da Igreja e do crente.
- 1) Oséias 4.6 (ver 4.1 e 6.6-7):
 - a) “O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento”. (Os. 4.2-3)
 - b) “Porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei como meu sacerdócio”!
 - c) “Visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos”!
 - 2) 1 João 2.15-17:
 - a) “Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele”.
 - b) “Pois tudo o que há no mundo . . . não é do Pai”.
 - c) “Aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre”.
 - 3) João 8.31-32, 17.17, Hebreus 4.12, Efésios 6.17:
 - a) “Se permanecerdes na minha Palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos”.
 - b) “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.
 - c) “Santifica-os na verdade; a tua Palavra é a verdade”.
 - d) A espada do Espírito.
 - 4) Josué 1.8, Salmo 1.2-3, 119.105, etc.

5) Apoc. 21.5 – “verdadeiras e fieis” X a idéia que a Bíblia não tem sentido certo.

6) (Jer. 20.1-4 [Pasur], Mal. 2.1-3,7, Jer. 23.14,17,22, Mat. 15.9, 23.2,13,15,33)

C) C. Seis disciplinas/áreas que afetam a autoridade da Bíblia:

- 1) Inspiração (lado divino) – 2 Tim. 3.16, o “fôlego de Deus”; o efeito que produz.
- 2) Canonicidade (lado humano) – reconhecer a qualidade inerente; maior prova é a preservação. [Anexo]
- 3) Preservação – 1 Cron. 16.15 = Sl. 105.8, Sl. 119.89, Isa. 40.8 e 59.21, Mt. 5.18, Lc. 4.4, 16.17, 21.33, Jo. 10.35, 16.12-13, 1 Pd. 1.23-25.
 - a) Deus afirma a preservação, só não diz como – temos que deduzir pelo que fez.
 - b) Os diversos textos gregos (e versões a partir deles) representam respostas diferentes.
 - c) As dúvidas levantadas (colchetes, notas maliciosas) solapam a autoridade.
 - d) Resultados da crítica textual moderna:
 - (1) Uma colcha de retalhos.
 - (2) Uma crise de credibilidade.
 - (3) Erros e contradições importados ao texto “crítico”.
- 4) Interpretação: hermenêutica → exegese: “A Bíblia é a única regra de fé e prática” – será??
 - a) Quando igreja ordena pastor que não sabe interpretar a Bíblia, na verdade qual é a cosmovisão dela?
 - b) E quando a palavra do pastor vale mais do que a Bíblia? [muitas igrejas X ‘bereianos’]
 - c) “Enganados” (Mt. 22.29) – não conhecem as Escrituras.
 - d) “Doutrina de demônios” (1 Tim. 4.1) – quem não sabe interpretar é presa fácil.
 - e) “Hermenêuticas” diversas.
 - (1) Liberal/marxista (pressupostos materialistas).
 - (2) Neo-ortodoxa (pressupostos humanistas).
 - (3) Relativismo cultural (também humanistas).

- (4) Levar o Texto e o Autor a sério (respeitando as normas da linguagem).
- 5) Doutrina da Igreja – deveria ser teologia sistemática bíblica, mas muitas vezes não é.
- a) Quando o pacote doutrinário da igreja vale mais que a Palavra: Isa. 29.11-13, “está selado” (o ‘pacote’ da denominação não permite [diz a liderança]), “não sei” (pessoa sem preparo [diz o povão]). Mt. 15.8-9 (Os. 5.11) – **“Em vão** me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.” Qual seria o valor verdadeiro desse tipo de culto?
- b) Quando se depende de tradução e não do Texto Original – os tradutores impõe suas próprias idéias teológicas → doutrina baseada em tradução falaz: Mt. 18.18, 1Jo. 5.18, Heb. 2.14 “tem”, Mc. 16.18 “pegarão”, Hades/Sheol por “inferno”, 1Cor. 11.10 “sinal”, 1 Tim. 3.11 “esposa”, Mc. 10.13-14 “de tais”, “como”, Jó 40.15 ‘beemote’, 41.1 ‘leviatã’.
- c) **Quando uma igreja segue doutrina que não é bíblica, ela atenta contra a autoridade da Bíblia!** (“aceitar” Jesus, “possesso” de demônio, crente não pode ser “possesso”)
- 6) Aplicação – quando crente/pastor peca conscientemente é porque o Texto falta autoridade para ele!
- a) Sacerdócio de cada crente.
- b) Deus não dá procuração a ninguém para dominar a consciência ou a fé de outrem (Mt. 23.8-10), exatamente porque cada um deve adorar ‘em espírito e verdade’ (Jo. 4.24). E para ser discípulo de Jesus deve permanecer na Palavra (João 8.31).

{NB: Autoridade objetiva depende de sentido verificável.}

D) Como o A.T. chegou até nós.

- 1) Começa-se com pressuposições: o Criador certamente existe, e dirigiu uma revelação escrita a nossa raça. O projeto dessa revelação escrita certamente

existiu no pensamento do Criador antes da fundação do mundo, assim como o Cordeiro morto.

1 Pedro 1.19-20 – O Cordeiro morto antes da fundação do mundo.

Salmo 119.89 – Para sempre, ó Jeovah, a tua palavra está firmada nos céus.

1 Cron. 16.15 – A palavra que ordenou para mil gerações.

- 2) Adão era extremamente inteligente, portador da imagem do Criador ainda sem contaminação. Ele deu nome a todos os bichos e pássaros (Gen. 2.20) antes da queda. Para tanto fatalmente dispunha de linguagem – ele foi criado com idade aparente e com um idioma já na cabeça (obviamente, se Deus conversava com ele – Gen. 2.16-17, 3.9-13). Com tanta inteligência e tantos anos de vida deve ter desenvolvido um sistema para escrever seu idioma. Quando Deus andava e conversava com Adão no Jardim, um dos principais assuntos deve ter sido como Deus criou o mundo (aliás, quantos assuntos poderiam existir àquela altura?). Entendo que Adão certamente fez registro escrito da criação e dos acontecimentos durante sua vida.
- 3) Enoque (sétimo após Adão) escreveu uma profecia que ainda existia no tempo de Jesus (Judas 14). Se o idioma pré-dilúvio e pré-Babel foi um tipo de hebraico, como presumo, então Judas podia lê-lo. Enoque conviveu quase a vida toda com Adão – se Enoque escreveu, foi porque Adão escreveu primeiro.
- 4) Noé deve ter levado para dentro da Arca documentos históricos preparados por Adão, Matusalém, etc., bem como outra literatura, incluindo a profecia de Enoque (pois qualquer coisa fora da Arca foi totalmente destruída). Certamente o próprio Noé registrou os eventos que giraram em torno do dilúvio, bem como depois. Como Deus bem sabia que mais tarde iria utilizar Moisés para escrever o relato inspirado, parece-me óbvio que Ele teria impulsionado Adão, Matusalém, Noé, etc. a fazerem registros acurados.
- 5) Pelegue era um tataraneto de Sem (Ninrode era neto de Cão) e filho de Éber (hebreu – em Gen. 14.13 Abraão é chamado de hebreu). Sendo que a semente prometida passou por Sem, e Deus estava bastante interessado no processo, os documentos que passaram pelo dilúvio teriam sido preservados dentro da sua linhagem. A família de Éber e Pelegue não estaria envolvida, necessariamente,

no projeto da torre de Babel. Entendo que o idioma hebraico, que seria o idioma pré-dilúvio e pré-Babel, não foi alterado quando Deus criou as outras línguas – assim a memória escrita do passado foi preservada inalterada (Pelegue morreu antes que Noé). Nos dias de Pelegue (Gen. 10.25) a terra foi dividida [por fissura], e a confusão das línguas [e culturas] teria que acontecer antes.

- 6) Jó viveu na terra de Uz (que era neto de Sem) e teria sido descendente dele. Como viveu mais que 200 anos, seria de uma geração anterior à de Abraão, talvez a de Naor. Jó é o primeiro livro inspirado, escrito por volta de 2000 a.C. Deve ter sido escrito em hebraico, pois o hebraico seria idioma de prestígio, por ser o mais antigo e com literatura estabelecida – aliás, no tempo de Jó, pouco após Babel, talvez fosse o único idioma escrito.
- 7) Abraão, pai da fé e receptor da Aliança, e que conviveu com Sem e Éber (aliás, morreu antes de Éber), deve ter recebido o acervo de literatura, que chegou até Moisés (talvez através de Levi, Coate e Anrão). Lembrar que estou pressupondo a participação de Deus no processo.
- 8) Moisés, inspirado por Deus, fez uso inerrante do acervo, que começou com Adão, por volta de 1500 a.C. Como Moisés escreveu cinco livros, até aqui temos seis livros canônicos. Deut. 31.24 afirma que Moisés escreveu, e conforme Dt. 17.18 fazer cópias era ordem. Josué 24.26 afirma que Josué escreveu. 1 Samuel 10.25 afirma que Samuel também escreveu.
- 9) Davi e Salomão, entre 1050 e 975 a.C. – eles escreveram a maior parte dos livros poéticos. Até aqui são 13 ou 14 livros canônicos.
- 10) Malaquias, por volta de 435 a.C. – último livro escrito do cânon hebraico (na seqüência oferecida pelo texto Massorético o último livro é 2 Crônicas). Agora são 39 livros canônicos (Zac. 7.12 afirma a inspiração dos profetas pré-exílicos). Josefo afirma que o cânon foi fechado nos dias de Artaxerxes.
- 11) Septuaginta (LXX) – durante o 3º século a.C. (c. 285) começou-se a tradução do A.T. para o grego, trabalho que se completou antes do tempo de Jesus Cristo. O cânon traduzido continha os 39 livros que conhecemos (os livros apócrifos foram acrescentados já dentro da era cristã, por cristãos, não pela comunidade hebraica).

- 12) Jesus Cristo outorgou ao A.T. autoridade absoluta (colocou os escritos de Moisés em pé de igualdade com sua própria palavra – João 5.45-47). Citou pelo menos Gênesis, Êxodo, Números, Deuteronômio, Salmos, Isaías, Jeremias, Daniel, Oséias, Jonas, Zacarias e Malaquias. Em Lucas 24.44 reconheceu explicitamente as três divisões do cânon hebraico: Lei, Profetas e Escrituras (Salmos).
- 13) Antigamente o hebraico era escrito só com consoantes. Começando no século VII d.C. e terminando no século X, um grupo de eruditos judeus acrescentaram a pontuação vocálica, com isso definindo também o texto. Esse texto massorético tornou-se padrão, sendo o texto hebraico da Reforma Protestante e o texto hebraico que utilizamos até hoje. O Código da Bíblia se baseia nesse texto – o funcionamento do código depende da exata seqüência de letras e portanto é uma prova cabal da preservação dessa seqüência no decorrer dos séculos. Como o Senhor Jesus bem disse, “nem jota nem til”.
- E) A preservação do texto do N.T.
- 1) As evidências históricas:
 - a) Os próprios autores humanos sabiam que estavam escrevendo “Bíblia”.
 - b) Seus colegas contemporâneos também reconheceram que estavam escrevendo “Bíblia”.
 - c) Os líderes cristãos desde o 1º século usaram os escritos do NT como sendo “Bíblia”.
 - d) Os escritos do NT eram lidos nas congregações desde o início, fatalmente havendo proliferação de cópias, e boas.
 - e) Desde o início os crentes eram alertas e preocupados quanto à pureza do Texto.
 - f) A região Egéia (Grécia e Ásia menor) detinha entre 18 e 24 dos 27 Autógrafos (Egito zero).
 - g) Foi exatamente na área Egéia que a Igreja mais prosperou; ela se tornou o eixo da Igreja até o 4º século (pelo menos).
 - h) Foi também nessa área que a língua grega foi mais usada, e durante mais tempo, graças ao império bizantino (transmissão exata, só na língua original).
-

(Aliás, na Providência Divina o império bizantino só acabou [1453] após a invenção da imprensa [a 1ª Bíblia impressa apareceu em 1456].)

- i) A Ásia menor foi caracterizada também por uma mentalidade conservadora quanto ao Texto Sagrado ('Escola de Antioquia').
- j) O Texto verdadeiro nunca se "perdeu"; foi garantido pela Igreja da região Egéia.
- k) Implicações da campanha de Diocleciano (303) e do movimento Donatista.
- l) Implicações do processo de transliteração do nono século.
- m) Atualmente, 95% dos manuscritos gregos refletem uma tradição básica de transmissão do Texto, exatamente a tradição oriunda da região Egéia.

2) Teorias diversas – avaliação.

- a) A teoria crítica W-H.
- b) A teoria "processo" (Kenyon, etc.).
- c) Ecletismo (quer 'rigoroso' ou 'racionado').
- d) Dois dos 'três tipos de texto' (von Soden, Sturz).
- e) Crítica-cânon (Childs, Letis).
- f) TR/KJV como tal.
- g) A teoria do Texto Majoritário.

3) Implicações para a autoridade do Texto (de cada teoria).

F) Avaliação e comparação (% da redação original) de textos gregos e versões (do NT) em Português.

<u>100%</u>	<u>99,8%</u>	<u>99%</u>	<u>98%</u>		<u>92%</u>	<u>90%</u>
T.O.	H-F	IOG		T.R.	SBU	W-H
WP	R-P				N-A	
	I.A.			A.A.	Atual, L.H.	Bras.
				Fiel	Viva, P.T.	
				Corr.	NVI, Cont, Jer.	

G) Porque Deus permitiu esse estado de coisas?

- 1) O propósito de Deus ao criar o ser humano.
- 2) As regras do jogo que Deus coloca.
- 3) Algumas analogias (relógios, medidas, álcool).

H) Seis tipos de problema que atingem a autoridade do Texto.

- 1) Veneno – erros e contradições maliciosamente enxertados no Texto por eruditos de certo tipo (Ef. 2.2). Porque o “veneno”? Teoria de W-H (pressuposições, ataque tridente, conseqüências). [lista anexa 1]
- 2) Dificuldades aparentes que realmente estão no Texto Original. [lista anexa 2]
- 3) Tradução falaz – pode levar a doutrinas e práticas im procedentes. [lista anexa 3]
- 4) Notas de rodapé inverídicas, quando não maliciosas. [lista anexa 4]
- 5) Onde o Texto é claro mas não gostamos do que diz e fazemos ginástica para contornar. [lista anexa 5]
- 6) Nossa ignorância e limitação – “vasos de barro”.

I) Princípios da sã interpretação – hermenêutica.

- 1) A interpretação é uma; as aplicações podem ser várias (doutrina se baseia na interpretação, nunca em aplicações). Distinguir rigorosamente entre as duas coisas.
- 2) O princípio fundamental da comunicação é: **tanto quem fala ou escreve como quem ouve ou lê, ambos têm que respeitar as normas da linguagem.**

J) O uso do V.T. no Novo (citações).

A: N.T. = LXX = T.M. [Texto Massorético]	— 268 = 70%
B: LXX é mais perto do T.M. do que é o N.T.	— 50
C: N.T. é mais perto do T.M. do que é o LXX	— 33
D: N.T. = LXX ≠ T.M.	— 22
E: N.T. ≠ LXX ≠ T.M.	— <u>13</u>

386 citações

- 1) A grande maioria das citações é literal, como poderíamos esperar.
- 2) Quando o N.T. cita o uso que alguém fez do A.T. (Estevão), então o problema é dessa pessoa.
- 3) Às vezes o N.T. segue a LXX e a situação não exige corrigi-la (havendo divergência do T.M.).

- 4) O Espírito Santo tinha o direito de dar aos Apóstolos interpretações do A.T. que não seriam óbvias a nós. Um Apóstolo debaixo da Inspiração teria prerrogativa que nós não temos.



A Inspiração do Texto Sagrado é uma qualidade intrínseca – ela é porque é. No entanto, nós podemos perceber essa qualidade inerente, comparando material inspirado com outro que não é. Existem também argumentos outros: 1) a unidade da Bíblia – embora escrita por muitos autores humanos diferentes (pelo menos 30), no decorrer de 2.000 anos e em duas (principais) línguas bem distintas (hebraico e grego), ela é coerente, não se contradiz; 2) profecias específicas e detalhadas, até com o nome próprio da pessoa, dadas com centenas de anos de antecedência, que se cumpriram cabalmente, literalmente; 3) a própria natureza do conteúdo ou da mensagem – não é o tipo de coisa que o homem gostaria de escrever, mesmo que pudesse, e nem que ele poderia escrever, mesmo que quisesse; 4) o efeito que produz – a Bíblia tem poder sobrenatural, pois sua mensagem transforma as vidas das pessoas. Dito tudo, no entanto, devemos reconhecer que afirmarmos a inspiração divina da Bíblia é uma declaração de fé – fé inteligente e que condiz com as evidências, mas fé (não ciência no sentido objetivo).

Contudo, existe a questão (aguda) da canonicidade do Texto: porque a nossa Bíblia tem o exato sortimento de livros que tem – não mais, não menos e não outros? A inspiração diz respeito à ação divina no ato de escrever o material, garantindo o resultado. Já a canonização do Texto diz respeito à ação humana, reconhecendo a qualidade divina daquele material. Esse processo de reconhecimento se deu no seio da comunidade da Fé – a comunidade hebraica, quanto ao A.T., e a comunidade cristã, quanto ao N.T. É importante observar que o próprio Senhor Jesus Cristo abonou o A.T., citando as diversas seções (Lei, história, profecia, poesia) como Palavra de Deus, coisa sagrada e de autoridade – os autores humanos do N.T. também. O A.T. era exatamente a Bíblia deles. Agora, a canonização tem tudo a ver com a preservação do Texto. Pois, a comunidade da Fé só iria se preocupar em transmitir e proteger os livros "canônicos", tidos como inspirados. A parte humana na transmissão do Texto fica patente, mas será que houve ação divina também, protegendo o Texto (a exata redação

do Texto)? E como medir essa participação divina? Parece-me existir duas linhas relevantes, a lógica e a histórica. Vejamos primeiro a lógica.

Inspiração é resultado ou qualidade da Revelação – com essa linguagem estamos afirmando que o Criador achou por bem transmitir alguma informação objetiva à raça humana. Se o alvo fosse apenas um determinado indivíduo ou grupo, num certo momento histórico, bastaria uma palavra falada. Mas se o alvo foi de alcançar as gerações subseqüentes também, então o meio indicado seria exatamente o escrito, como foi (1 Crônicas 16.15, “a palavra que preservou para mil gerações” – de Adão até nós não passa de 300!). Agora, se o Criador quis que Sua revelação chegasse intacta, ou pelo menos de forma íntegra e confiável, até o século XXI, fatalmente teria que vigiar o processo da transmissão através dos séculos. Teria que proibir a perda irre recuperável de qualquer parte genuína, bem como a inserção indetectável de material espúrio. A redação original deveria ficar disponível, em qualquer geração, às pessoas interessadas o suficiente para pagarem o preço necessário (tempo, viagem, dinheiro) para haver essa redação. (No geral as pessoas se dariam por satisfeitas com a redação à mão, desde que tida por confiável.) Assim sendo, a pessoa que crê na divina inspiração do N.T., por exemplo, deve crer também na divina preservação do N.T. – é questão de lógica. Mas, e as evidências históricas – elas sustentam nossa expectativa, ou a desmentem?

Passo a alistar os argumentos históricos mais relevantes para iluminar esta questão. (Uma discussão detalhada se encontra no meu livro *Qual o Texto Original do Novo Testamento?*, que pode ser baixado gratuitamente de <http://solascriptura-tt.org>. Para quem lê inglês, uma revisão aprimorada se encontra em *The Identity of the New Testament Text III*, que pode ser baixado gratuitamente de www.walkinhiscommandments.com.)

01) Os próprios autores humanos sabiam que estavam escrevendo "Bíblia", ou coisa autoritária.

02) Seus colegas, contemporâneos, também reconheceram que estavam escrevendo "Bíblia".

03) Os líderes cristãos do 1º século e do 2º século (e 3º, 4º, etc.) utilizaram e citaram material neotestamentário lado a lado com material do A.T. como sendo Palavra de Deus.

04) Entendendo, como entenderam, que estavam lidando com coisa sagrada, iriam zelar por essa Palavra, vigiando o processo da transmissão.

05) Dispomos de declarações cabais dessa preocupação a partir do próprio N.T. (Apoc. 22:18-19).

06) Justino Mártir (a. 150 d.C.) escreveu que era costume nas congregações cristãs, quer na cidade quer no campo, ler tanto o N.T. como o A.T. cada domingo.

07) Resulta dali que tinham que existir cópias, muitas cópias (não se pode ler sem livro), e teriam que ser cópias boas (os usuários seriam exigentes).

08) Embora o processo de copiar a mão resulte em erros sem querer, muitas vezes, no início seria possível verificar qualquer cópia contra o Autógrafo (documento original), e principalmente nas regiões mais próximas da igreja detentora do Autógrafo.

09) Tudo indica que pelo menos 18 e talvez até 24 dos 27 Autógrafos (2/3 a 8/9) se encontravam na região Egea (Grécia e Ásia Menor).

10) Foi exatamente nessa área que a Igreja mais prosperou, e ela se tornou o eixo da Igreja até o 4º século (pelo menos) (lembrar que Jerusalém foi saqueada em 70 d.C., e provavelmente quaisquer Autógrafos ali existentes foram levados para a Antioquia, ou ainda mais longe).

11) Foi também nessa área que a língua Grega foi mais usada, e durante mais tempo – foi língua oficial do império bizantino, que durou até o século XV (transmissão exata de qualquer texto é possível unicamente na língua original).

12) A Ásia Menor foi caracterizada também por uma mentalidade conservadora quanto ao Texto Sagrado; na Antioquia surgiu uma "escola" de interpretação literalista (por formação um literalista é obrigado a se preocupar com a exata redação do texto, pois sua interpretação se prende a ela).

13) Quer dizer, até o ano 300 tinha um fluxo cada vez maior de cópias boas, fidedignas emanando da região Egea para o mundo cristão, precisamente porque aquela região reunia todos os requisitos para se impor à confiança da Igreja, quanto ao Texto Sagrado. Em contraste, no Egito a igreja era fraca, herética, não se usava Grego, não havia nenhum Autógrafo [fatalmente o texto ali existente sempre seria de 2ª mão, no mínimo], grassava uma mentalidade alegorista – em fim, o Egito seria um dos últimos lugares onde procurar um texto bom.

14) Aí houve a campanha de Diocleciano (303), visando destruir os MSS do N.T. Sendo que a perseguição mais ferrenha se deu exatamente na região Egea, teria sido uma oportunidade perfeita para os tipos de texto existentes no Egito e na Itália conquistarem espaço maior no fluxo da transmissão do Texto, fossem considerados aceitáveis ou viáveis. Mas não aconteceu; os grandes pergaminhos \aleph , B e D não têm "filhos" [D tem um, copiado 300 anos depois] – ninguém quis copiar semelhante texto.

15) Aliás, podemos deduzir que a campanha de Diocleciano teve um efeito purificador na transmissão. A grosso modo, os MSS menos preciosos e respeitados seriam os primeiros a serem entregues à destruição; já os exemplares mais cotados e respeitados seriam protegidos a qualquer custo, e uma vez que a perseguição passou serviriam de base para suprir as igrejas com cópias boas novamente. O movimento Donatista girou em torno da punição merecida pelas pessoas que entregaram seus MSS (entre outras coisas). Obviamente muitos não entregaram, e os que sim entregaram foram discriminados.

16) É geralmente reconhecido por eruditos de todas as linhas teóricas que a partir do 4º século o fluxo da transmissão do Texto foi tranqüilamente dominado por um tipo de texto, geralmente conhecido por "Bizantino" em nossos dias. "Bizantino" porque esse império abrangeu exatamente a região Egea, a região que reunia todas as qualificações necessárias para garantir a transmissão fiel do Texto. Até hoje as "Igrejas Ortodoxas" do oriente utilizam esse tipo de texto.

17) Lá pelo 9º século houve um "movimento" (parece que foi mais ou menos espontâneo) no sentido de mudar o estilo de grafia de letras maiúsculas (unciais) para

cursivas (minúsculas). Os exemplares antigos eram copiados na nova "roupagem" e aparentemente grande número desses antigos foram destruídos ou reciclados (daí os "palimpsestos").

18) Dos MSS gregos existentes hoje (do N.T.), uns 95% trazem o texto "Bizantino" e os outros 5% são um tanto heterogêneos (o erudito Frederic Wisse fez uma comparação minuciosa de 1.386 MSS gregos nos capítulos 1, 10 e 20 de Lucas e chegou à conclusão de que apenas oito deles representavam o tipo de texto egípcio, geralmente chamado "Alexandrino" em nossos dias – oito contra 1.375!!!).

Cabem aqui algumas ressalvas.

01) A mera antiguidade dum MS não garante nada quanto a sua qualidade. Aliás, devemos perguntar: como poderia um MS sobreviver fisicamente durante mais de 1.500 anos? Teria que ficar no desuso e ainda num clima seco. Como todos os MSS mais antigos estão cheios de erros cabais, tudo indica que foram reprovados no seu tempo – certo é que não foram copiados, a julgar pelos MSS existentes.

02) Como é que não dispomos de MS tipicamente "Bizantino" de antes do 5º século? Qualquer MS digno de uso seria usado e gasto por esse uso (eu sozinho já desgastei várias Bíblias). Assim, seria estranho encontrar um MS bom com tanta idade. Os MSS fidedignos foram intensamente usados e copiados, e acabados, mas o texto (ou redação) que traziam foi preservado através das sucessivas gerações de cópias.

03) A idéia de que teria havido um congresso ou concílio no 4º século que "normalizou" o texto do N.T. carece de qualquer sustentação histórica. No caso da Vulgata Latina, que na hipótese seria análogo (o papa tentou impor a nova tradução), não resultou o consenso que existe entre os MSS "Bizantinos".

04) Como é que a grande maioria dos eruditos dos últimos cem anos tem preferido o texto "Alexandrino" e desprezado o texto "Bizantino"? A resposta está nas pressuposições e no terreno espiritual (por exemplo, nenhum dos cinco redatores responsáveis pelo texto eclético ora em voga acredita que o N.T. seja inspirado por Deus, e o

próprio Senhor Jesus adverte que a neutralidade no terreno espiritual não existe [Lc. 11:23]).

Resumindo, os livros neotestamentários foram reconhecidos como "Bíblia" desde o início, e através das décadas e dos séculos as gerações sucessivas de crentes zelaram pela transmissão fiel desses livros. O Texto nunca se "perdeu"; nos primeiros 200 anos era sempre possível constatar a exata redação de qualquer livro. A preservação divina operou durante os séculos todos de tal modo que ainda hoje podemos ter certeza razoável, com base em critérios objetivos, da exata redação original do N.T., creio. Veja o **Resumo** em baixo.

E daí? Daí, uma preservação tamanha, uma preservação semelhante, abrangendo tantos séculos de transmissão a mão, e passando por tantas tribulações – uma preservação assim é simplesmente miraculosa; é uma prova aparente da atuação divina, que vale dizer também que Deus abonou a escolha da Igreja, o Cânon. Ao meu ver, o argumento mais contundente e convincente a favor do exato Cânon que a Igreja vem defendendo através dos séculos é exatamente a preservação miraculosa desse Cânon. Essa preservação é igualmente um forte argumento a favor da inspiração do Texto. É o argumento lógico. Se o Criador fosse dar uma revelação a nossa raça, deveria também preservá-la. Constatamos que Ele a preservou, com efeito. Porque Ele cuidou tanto de preservar esse Texto, e só esse Texto? Presumivelmente porque Ele tinha interesse especial nesse Texto.

Conclusão: Eu, pelo menos, não hesito em afirmar que podemos confiar no exato Cânon que recebemos como herança da comunidade da Fé através dos séculos. Assim faço por entender que o próprio Criador, mediante a Sua preservação singular, tanto abona como garante esse Cânon.

Resumo

Resumindo, com base nas evidências até aqui disponíveis, afirmo o seguinte:

1) A redação original do N.T. nunca se ‘perdeu’, e a sua transmissão através dos anos foi basicamente normal, sendo reconhecida como matéria inspirada desde o começo.

2) Esse processo normal resultou em linhas de transmissão.

3) A fim de delinear tais linhas, manuscritos devem ser agrupados empiricamente com base num perfil/mosaico de variantes em comum.

4) Tais grupos ou famílias devem ser avaliados por independência e credibilidade.

5) O maior grupo que é claramente definido é a Família 35.

6) A Família 35 é demonstravelmente independente de todas as outras linhas de transmissão no N.T. inteiro, capa a capa.

7) A Família 35 é demonstravelmente antiga, remontando ao século III, no mínimo.

8) Os representantes da Família 35 vêm de toda a área mediterrânea; a distribuição geográfica é quase total.

9) A Família 35 não é uma ‘recensão’; o seu arquétipo não foi bolado em algum lugar ou momento subsequente aos Autógrafos.

10) A Família 35 é uma entidade com definição objetiva/empírica no N.T. inteiro; tem um perfil/mosaico demonstrável de Mateus 1.1 a Apocalipse 22.21.

11) A forma do arquétipo da Família 35 é demonstrável – já foi demonstrado (ver o apêndice B em *The Identity of the New Testament Text III*).

12) O Texto Original é o arquétipo máximo; daí, qualquer candidato a texto original também precisa ser um arquétipo – isto é, um arquétipo real, verdadeiro, de fato e objetivamente verificável. Só existe um: Família 35.

13) Que Deus tem interesse na preservação do Texto Bíblico é evidente: entendo que passagens tais como 1 Crônicas 16.15, Salmo 119.89, Isaías 40.8, Mateus 5.18, Lucas 16.17 e 21.33, João 10.35 e 16.12-13, 1 Pedro 1.23-25 e Lucas 4.4 podem razoavelmente ser interpretadas como representando uma promessa que as Escrituras (até o til) serão preservadas para o uso do homem (havemos de viver a partir de “cada palavra de Deus”), e até o fim do mundo (“para mil gerações”), mas nenhuma idéia foi dada de exatamente como Deus se propunha a fazê-lo. Havemos de deduzir a resposta a partir do que Ele tem feito – descobrimos que Ele de fato **fez!**

14) Esse interesse se reflete na Família 35; ela se caracteriza por uma transmissão incrivelmente cuidadosa (contrastando-se com outras linhas de transmissão). [Tenho em mãos cópias perfeitas do arquétipo da Família 35 para a maioria dos livros do N.T. (21); tenho em mãos cópias feitas a partir de exemplar perfeito (presumido) para outros quatro (4); ao passo que continuo cotejando manuscritos espero acrescentar os dois que faltam (Mateus e Atos), mas para eles também a forma do arquétipo é demonstrável.]

15) Se Deus estivesse preservando a redação original em alguma outra linha de transmissão, em vez da Família 35, seria essa linha menos cuidadosa? Creio que não. Daí, qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna fica desqualificada – isto inclui todas as outras linhas de transmissão que vi até aqui.

16) Afirmando que Deus utilizou a Família 35 para preservar a exata redação original do Texto neotestamentário.

Conclusão: Afirmando que Deus preservou a exata redação original do Novo Testamento e que podemos saber, como de fato sabemos, qual ela é. Esta redação é reproduzida exatamente na minha edição do Texto em grego (que também traz um aparato crítico totalmente novo). Meu Texto está livremente disponível em www.walkinhiscommandments.com.



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES RELEVANTES QUANTO À PRESERVAÇÃO DO TEXTO NEOTESTAMENTÁRIO



— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —

Quanto à História da Transmissão:

01. Pensaram os autores que estavam escrevendo "Bíblia" ou coisa sagrada?

Paulo – Rom. 16.26, 1 Cor. 2.13, 14.37, Gal. 1.6-12, Ef. 3.4-5, Col. 1.25, 1 Tes. 2.13, 2 Tes. 2.15, 3.6-14 (Gal. 1.2, Col. 4.16, 1 Tes. 5.27 – larga circulação).

Pedro – 1 Ped. 1.12, 22-25, 2 Ped. 3.2.

João – Apoc. 1.1-3, 21.5, 22.6, 18-19.

Lucas – Lc. 1.3 (*ανωθεν* = do alto).

02. Reconheceram os Apóstolos que as escritas dos colegas eram "Bíblia"?

1 Tim. 5.18 (Lc. 10.7 & Deut. 25.4 ambos são citados como Escritura).

2 Ped. 3.16 (as cartas de Paulo são reconhecidas como Escritura).

Em João 2.22 a tradução correta talvez seja: “e creram nas Escrituras, a saber, a palavra que Jesus falara.” O dizer de Jesus em João 2.19 foi registrado como acusação em Mt. 26.61, 27.40; e Mateus já circulava como Escritura quando João escreveu.

(Rom. 16.26, 2 Ped. 3.2).

03. Os Pais do 1º e 2º século consideraram as escritas do NT como "Bíblia"?

Clemente de Roma (d.C. 96), Barnabé, Policarpo, *Didache*, Diogneto, Hermas, Justino Mártir, Irineu, etc. (W. Pickering, *Qual o Texto Original do N.T.*, pp. 63-65; <http://solascriptura-tt.org>).

[Nos pontos 1-3 estou preocupado com as implicações da atitude deles para com o texto.]

04. As escritas Neotestamentárias eram usadas pelas congregações nas primeiras décadas? Como? Justino – todos os domingos "as memórias dos apóstolos e as escritas dos profetas" eram lidas nas congregações (*Apol.* 1.67). Não se pode ler sem ter livros, então tinha que haver uma proliferação de cópias. Será que não foram copiados com muito cuidado? (*Qual o Texto Original...* p. 65).
05. Os crentes das primeiras décadas da Igreja, eram alertas e preocupados quanto à pureza do texto? Apóstolos (2 Tes. 2.2, Apoc. 22.18-19), Policarpo, Justino Mártir, Dionísio, Irineu, Tertuliano – "authenticae" (*Qual o Texto Original...* pp. 66-68).

IMPLICAÇÕES:

- a) O Texto verdadeiro nunca se "perdeu".
- b) No ano 200 d.C. a exata redação original dos livros ainda podia ser verificada e atestada.
- c) Não havia necessidade de praticar a crítica textual.

06. Inicialmente, quais as regiões que detinham os Autógrafos?

A área Egea (18-24), Roma (2-7), Palestina (0-4), Egito (0); daí se vê que o texto no Egito era sempre de segunda mão (*Qual o Texto Original...* pp. 68-69).

07. Aonde a Igreja era mais forte durante o 2º e 3º século?

Ásia Menor e a área Egea; no Egito era fraca, com 11 grupos heréticos; Jerusalém foi saqueado em 70 dC. K. Aland opina que durante o 2º e 3º século, e ainda no 4º, Ásia Menor continuou sendo "a terra-coração da Igreja" [bispo Demétrio] (*The Text of the NT*, p. 53). (*Qual o Texto Original...* pp. 70-71.)

08. A língua Grega, aonde foi usada mais e durante mais tempo?

A área Egea e Ásia Menor (Aland, *The Text*, p. 52) (*Qual o Texto Original...* pp. 69-70). O Império Bizantino durou até o século XV. [Preservação com exatidão só é possível na língua original – P⁶⁶, etc.]

09. Havia qualquer área que se caracterizava por uma atitude conservadora para com o Texto?

A "Escola" de Antioquia; a Peshitta (Aland, *The Text*, p. 59; "The Text of the Church?" p. 138) (*Qual o Texto Original...* pp. 71-72).

IMPLICAÇÕES:

a) Aonde devemos ir para achar o texto mais correto no IV século? Ásia Menor e a área Egea. Egito seria o último lugar a procurar.

b) E nos séculos seguintes, aconteceu qualquer coisa capaz de inverter a nossa expectativa? Não.

10. Para que um MS sobreviva por 1500 anos, que condições devem existir?

Ficar no desuso [já desgastei várias Bíblias]; clima árido. (*Qual o Texto Original...* pp. 89-91).

11. Quais as implicações da campanha de Diocleciano, e do movimento Donatista?

(*Qual o Texto Original...* pp. 92-93).

12. Quais as implicações da mudança do estilo uncial para o cursivo?

(*Qual o Texto Original...* pp. 91-92).

IMPLICAÇÕES:

a) Somente MSS não usados (presumivelmente deficientes) podiam sobreviver. (Porque a Igreja recusou-se a propagá-los? – Wisse.)

b) Os MSS bons do tipo Bizantino pereceram, mas mesmo assim podemos demonstrar que o texto Bizantino existia no II e III século (Pickering, "The Text of the Church").

c) O Texto Majoritário não é predicado numa contagem cega de MSS – por "majoritário" entendemos mais que 90%, geralmente mais que 95%. O "ponto" é que para uma variante gozar de tamanha atestação, tinha que dominar o fluxo da transmissão do texto, ou seja, dominar a árvore genealógica. (Menos que 2% das palavras do N.T. recebem atestação abaixo de 80%, e a maior parte delas está em Apocalipse.)

Interpretando as Evidências – Pressuposições:

01. O NT é inspirado?

02. Uma orientação evolucionista?

03. Um preconceito Grego clássico?

Grego ruim X grego "Espírito Santo" (Adolf Deissman, *Light from the Ancient East*, primeira edição Alemã – 1908, primeira edição Inglesa – 1910).

04. Existe envolvimento sobrenatural?

1 João 5.19, Ef. 2.2, 2 Cor. 4.4, Lc. 11.23, 2 Tim. 2.24-26, Tg. 4.4, (Jo. 12.43).

Resultados da Crítica Textual Moderna (Eclétismo):

01. Uma colcha de retalhos: Temos mais de 1.700 MSS de Mateus, mas em 34 lugares em Mateus SBU³ imprime uma redação que não se acha em nenhum MS usado pelos redatores. Depois, seguiram Codex W sozinho uma vez, Codex Π sozinho uma vez, Codex D sozinho duas vezes, Codex C sozinho quatro vezes, Codex L sozinho quatro vezes, Codex ℵ sozinho 18 vezes, e Codex B sozinho mais de 40 vezes. (R.J. Swanson, *The Horizontal Line Synopsis of the Gospels*, Greek edition, vol. 1.)

02. Uma crise de credibilidade: A autoridade do Texto do NT tem sido solapada nas mentes dos crentes pelas versões modernas que colocam trechos do texto entre colchetes e têm notas numerosas no rodapé que levantam dúvidas sobre a integridade do Texto.

Implicações para a Preservação Divina do Texto:

01. A teoria crítica W-H.
02. A teoria "processo" (Kenyon, etc.).
03. Dois dos três tipos de Texto (von Soden, Sturz).
04. Ecletismo ("rigoroso" ou "raciocinado").
05. Crítica-cânon (Childs, Letis).
06. TR/KJV como tal.
07. A teoria do Texto Majoritário.



CÓPIAS MÚLTIPAS

— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —



Quando Mateus 'publicou' o seu Evangelho em 38 dC, a produção de livros no império romano era comum, mas não existia *copyright* (direito autoral). No momento que um livro era colocado no mercado virava coisa pública, qualquer um podia usá-lo, bem como alterá-lo. Pois então, se o Espírito Santo pensou em proteger os livros que estava inspirando, **proteger contra alteração livre**, o que Ele poderia fazer? Proponho que a maneira mais óbvia seria fazer com que esses livros fossem 'publicados' já na forma de cópias múltiplas. Hoje em dia a primeira tiragem de um livro costuma ser de milhares de cópias, mas naquele tempo cada cópia tinha de ser escrita a mão (manuscrito).

Um livro do tamanho do Evangelho segundo Mateus representaria um investimento considerável de tempo e esforço, bem como de papiro e tinta. Creio que os escritos do NT foram preparados em forma de livro (não rolo) desde o começo, e o material utilizado provavelmente foi papiro. Porém, papiro não agüenta muito manuseio, e até o ano 38 já existiam muitas congregações cristãs só na Palestina, além de outras regiões. Se o Espírito Santo tencionava que os escritos do NT haviam de ter larga distribuição, o que pareceria ser óbvio, seria necessário começar com cópias múltiplas. Uma única cópia de Mateus estaria caindo aos pedaços antes de alcançar a vigésima congregação.

Mas porque insistir em papiro em vez de pergaminho? Bem, se uma cópia de Mateus representaria em torno de quinze ovelhas ou cabras, nessa base quem poderia arcar com cópias múltiplas? Isso dito, no entanto, a cópia matriz bem que poderia ter sido feita em pergaminho, por duas razões: se uma cópia matriz havia de ser guardada, para efeito de controle de qualidade, deveria ser em material durável; se cópias múltiplas haviam de ser feitas a partir da matriz, antes de 'publicar', uma matriz de papiro não agüentaria.

A idéia de publicar um livro na forma de cópias múltiplas pode ser deduzida a partir das Epístolas; se não, vejamos. 2 Coríntios foi endereçada a "a igreja de Deus que está em Corinto, com todos os santos que estão em toda a Acaia" (verso 1). Quantas congregações haveria "em toda a Acaia"? Será que Paulo pensava em cópias múltiplas? 1 Coríntios foi endereçada a "todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (verso 2). Ora, quantas cópias seriam necessárias para isso? Gálatas foi escrita para "as igrejas da Galácia" (verso 2). Será que uma só cópia chegaria a todas?

Considere o caso da primeira carta de Pedro: é endereçada aos eleitos em "Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia" (verso 1). Bem, com que base estaria Pedro (apóstolo aos circuncidados, Gálatas 2.8) escrevendo a pessoas naqueles lugares? Provavelmente um bom número dos líderes mais idosos estavam com Pedro no dia de Pentecostes, e ficaram ouvindo seu ensino até que a perseguição dirigida por Saulo os mandou de volta para casa, presumivelmente (Atos 8.4). Observar que a lista de regiões em Atos 2.9-11 inclui as seguinte regiões na Ásia Menor: Ásia, Capadócia, Panfília, Frígia e Ponto. Três das cinco estão na lista de Pedro, e não há necessidade de entender que sua lista tenha sido exaustiva. Aliás, a lista em Atos 2.9-11 provavelmente não é exaustiva.

Porventura você já procurou localizar as cinco províncias de Pedro num mapa? Basicamente representam a Ásia Menor inteira (a Turquia de hoje). O vocábulo 'Ásia' parece ter sido utilizado com sentidos variados. Atos 27.2 coloca Cicília e Panfília na Ásia (verso 5). O Cristo glorificado colocou as sete igrejas na Ásia (Apocalipse 1.4). Em Atos 16.6 o termo parece dizer respeito a uma área mais restrita, mas que deve ter incluído Éfeso, lugar a que Paulo retornou mais tarde. A Ásia Proconsular incluía Mísia e Frígia. Agora, quantas congregações haveriam em toda a Ásia Menor naquela época? E como poderia uma única cópia chegar a todas? Se a carta foi escrita em papiro (provável, por ser mais barato e mais abundante) estaria já caindo aos pedaços ao chegar à vigésima congregação, se não antes (papiro não agüenta tanto manuseio).

Vamos supor, só para efeito de raciocínio, que Pedro enviou cinco cópias de sua carta, uma para cada província. Quais seriam as implicações disso para a transmissão

de seu texto? Significa que multiplicamos o processo e o progresso da transmissão por cinco! Significa que temos o início de um 'texto majoritário' bem no começo. Significa que a integridade básica do texto seria garantida (e quanto mais se Deus estava supervisionando o processo). E se Pedro enviou mais que cinco cópias, tanto mais seria assim. E que diremos de Tiago; quantas cópias seriam necessárias para alcançar "as doze tribos na Diáspora" (verso 1)? (O próprio vocábulo 'diáspora' não sugere que estavam bem espalhados?) E se 'as doze tribos' deve ser entendido literalmente? Haja cópias! A segunda de Pedro não menciona as cinco províncias, mas 3.1 parece indicar que está visando a mesma área.

Para ver que a idéia de cópias múltiplas não é uma mera invenção, vamos considerar 2 Pedro 1.12 a 15. Os versos 12 e 13 se referem a recados repetidos enquanto ele ainda estava no seu 'tabernáculo', o que seria sua própria atividade em andamento. Assim sendo, para que o "além disso" no verso 15? "Além disso, me empenharei para assegurar que vocês sempre tenham um lembrete destas coisas, depois de minha morte." Bem, como se pode 'assegurar' que alguém 'sempre tenha lembrete' de alguma coisa? Parece-me claro que a coisa tem que ser escrita; um lembrete precisa ser escrito para ser garantido. O que, então, está Pedro querendo dizer? Ele especifica 'um lembrete destas coisas'; então, quais são as ditas 'estas coisas'? Evidentemente são coisas que ele vai colocar nesta segunda carta. Mas ele tem que estar se referindo a algo mais do que a matriz da carta (caso contrário o verso fica sem sentido) – daí, cópias múltiplas.

Se Pedro escreveu sua segunda carta debaixo de inspiração divina, então 1.15 é inspirado, e nesse caso a idéia de cópias múltiplas veio de Deus. Seria um meio eficiente de preservar o Texto e garantir sua integridade ao longo dos anos e séculos de transmissão. As igrejas na Ásia Menor sempre teriam como conferir e verificar, mutuamente, sempre que surgisse dúvida ou necessidade. Se foi de Deus a idéia de que uma pequena carta fosse publicada na forma de cópias múltiplas, então quanto mais os livros maiores. Obviamente Deus sabia o que estava fazendo, de sorte que a prática teria começado com o primeiro livro do NT, Mateus.

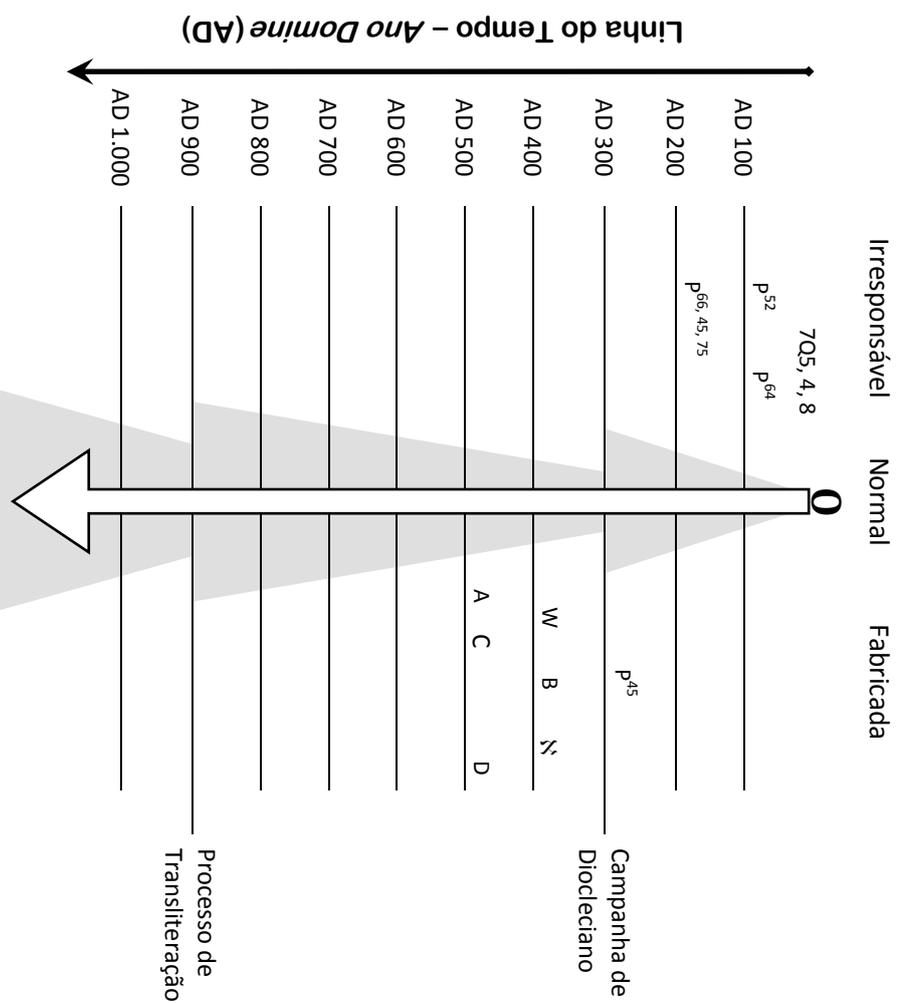
A idéia sendo tão obviamente boa, tornou-se a norma, e ainda mais por ser uma ordem divina. Creio que todos os livros do NT foram publicados na forma de cópias múltiplas, com a exceção de cartas endereçadas a indivíduos. (Como Lucas e Atos são dirigidos a um indivíduo, eles também talvez tenham começado como cópia única, a não ser que Teófilo foi tipo 'benfeitor' que estava financiando cópias múltiplas. Lucas e Atos são os dois livros maiores do NT, e cópias múltiplas deles representaria um investimento financeiro de algum tamanho.) Repetindo, a idéia é tão boa que não me surpreenderia se, ao recebê-la, as igrejas se poriam a fazer cópias múltiplas de outros escritos tidos como inspirados, tais como cartas a indivíduos. Um 'texto majoritário' ficaria bem estabelecido em toda a região Egea (Grécia e Ásia Menor) já no primeiro século. A 'terra coração da Igreja' (para usar a expressão de Kurt Aland) meramente seguiu usando e copiando esse tipo de texto – daí a massa de manuscritos 'bizantinos' que nos chegam às mãos.



O FLUXO DE TRANSMISSÃO



Supondo que a história da transmissão do Texto do Novo Testamento foi normal, o que podemos esperar encontrar nas testemunhas sobreviventes? Podemos esperar um largo espectro de cópias, apresentando pequenas diferenças devidas aos “erros de copiar”, mas todas refletindo uma tradição comum. Por outro lado, simultânea à normal, a transmissão anormal nos primeiros séculos deixaria um punhado de cópias salpicadas fora da corrente principal. A figura abaixo ilustra o quadro descrito acima.



A seta central representa a Família 35, transmitindo a redação original com fidelidade.

A grande massa dos manuscritos fica dentro dos cones cinzas, representando a transmissão ‘normal’.

Do lado esquerdo da seta estão plotados alguns possíveis representantes do que poderíamos tachar de transmissão ‘irresponsável’ do Texto – os copistas produziram cópias de qualidade inferior devido à incompetência ou ao descuido (sem fazer alterações deliberadas).

Do lado direito da seta estão plotados alguns possíveis representantes do que poderíamos tachar de transmissão ‘fabricada’ – os copistas alteraram o texto propositalmente (por quaisquer motivos), produzindo assim cópias falsas ou fabricadas.

Claro que os manuscritos plotados ao lado trazem erros tanto deliberados como accidentais, e em proporções diferentes (7Q5,4,8 e P52 são fragmentos tão pequenos que não permitem classificar seus erros como propositais ou não), de sorte que uma tentativa de classificá-los, como a minha, dará uma visão distorcida. Contudo, atrevo-me a insistir em que a ignorância, o descuido, a ociosidade e a malícia, todos deixaram sua marca na transmissão do texto neotestamentário – qualquer tentativa de reconstruir a história dessa transmissão precisa levá-los em consideração.

Entendo que a campanha de Diocleciano teve um efeito purificador sobre o fluxo da transmissão.



RESUMO



— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —

Resumindo, com base nas evidências até aqui disponíveis, afirmo o seguinte:

- 1) A redação original do N.T. nunca se ‘perdeu’, e a sua transmissão através dos anos foi basicamente normal, sendo reconhecida como matéria inspirada desde o começo.
- 2) Esse processo normal resultou em linhas de transmissão.
- 3) A fim de delinear tais linhas, manuscritos devem ser agrupados empiricamente com base num perfil/mosaico de variantes em comum.
- 4) Tais grupos ou famílias devem ser avaliados por independência e credibilidade.
- 5) O maior grupo que é claramente definido é a Família 35.
- 6) A Família 35 é demonstravelmente independente de todas as outras linhas de transmissão no N.T. inteiro, capa a capa.
- 7) A Família 35 é demonstravelmente antiga, remontando ao século III, no mínimo.
- 8) Os representantes da Família 35 vêm de toda a área mediterrânea; a distribuição geográfica é quase total.
- 9) A Família 35 não é uma ‘recensão’; o seu arquétipo não foi bolado em algum lugar ou momento subsequente aos Autógrafos.
- 10) A Família 35 é uma entidade com definição objetiva/empírica no N.T. inteiro; tem um perfil/mosaico demonstrável de Mateus 1.1 a Apocalipse 22.21.
- 11) A forma do arquétipo da Família 35 é demonstrável – já foi demonstrado (ver o apêndice B em *The Identity of the New Testament Text III*).
- 12) O Texto Original é o arquétipo máximo; daí, qualquer candidato a texto original também precisa ser um arquétipo – isto é, um arquétipo real, verdadeiro, de fato e objetivamente verificável. Só existe um: Família 35.
- 13) Que Deus tem interesse na preservação do Texto Bíblico é evidente: entendo que passagens tais como 1 Crônicas 16.15, Salmo 119.89, Isaías 40.8, Mateus 5.18, Lucas 16.17 e 21.33, João 10.35 e 16.12-13, 1 Pedro 1.23-25 e Lucas 4.4 podem razoavelmente ser interpretadas como representando uma promessa que as

Escrituras (até o til) serão preservadas para o uso do homem (havemos de viver a partir de “cada palavra de Deus”), e até o fim do mundo (“para mil gerações”), mas nenhuma idéia foi dada de exatamente como Deus se propunha a fazê-lo.

Havemos de deduzir a resposta a partir do que Ele tem feito – descobrimos que Ele de fato **fez!**

14) Esse interesse se reflete na Família 35; ela se caracteriza por uma transmissão incrivelmente cuidadosa (contrastando-se com outras linhas de transmissão).

[Tenho em mãos cópias perfeitas do arquétipo da Família 35 para a maioria dos livros do N.T. (21); tenho em mãos cópias feitas a partir de exemplar perfeito (presumido) para outros quatro (4); ao passo que continuo cotejando manuscritos espero acrescentar os dois que faltam (Mateus e Atos), mas para eles também a forma do arquétipo é demonstrável.]

15) Se Deus estivesse preservando a redação original em alguma outra linha de transmissão, em vez da Família 35, seria essa linha menos cuidadosa? Creio que não. Daí, qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna fica desqualificada – isto inclui todas as outras linhas de transmissão que vi até aqui.

16) Afirmo que Deus utilizou a Família 35 para preservar a exata redação original do Texto neotestamentário.

Conclusão: Afirmo que Deus preservou a exata redação original do Novo Testamento e que podemos saber, como de fato sabemos, qual ela é. Esta redação é reproduzida exatamente na minha edição do Texto em grego (que também traz um aparato crítico totalmente novo). Meu Texto está livremente disponível em www.walkinhiscommandments.com.



PROBLEMAS TIPO 2: DIFICULDADES APARENTES



— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —

(discrepâncias aparentes que estão mesmo no Texto)

A. Caso difícil – com anexo:

1. Quantas vezes Pedro negou? (4 avisos – Jo., Lc., Mt., Mc.)
2. Os acontecimentos no dia da ressurreição de Jesus
3. Genealogia de Jesus – Mateus 1.2-16 X Lucas 3.23-38
4. Anomalias em Mateus 1 (genealogia)
5. Aimeleque não é Abiatar – Marcos 2.26 X 1 Samuel 21.1
6. Mateus 2.23 – Nazareno; ‘pelos profetas’ (plural).
7. Quem comprou o que e de quem? – Atos 7.15-16 X Gênesis 23.17 (49.30); 33.19; 50.13
8. Betsaida ou Tiberiades? – Lucas 9.10(12), Marcos 6.45, João 6.17-21,23
9. A Legião de demônios, onde foi?
10. O monte Sinai, onde fica? Gálatas 4.25
11. Antes ou depois? 2 Tessalonicenses 2.2 X 2.7-8

B. Casos dentro do N.T.:

1. Cego(s) em Jericó – Lucas 18.35-19.1 [1, entrando]; Marcos 10.46-52 [1, saindo]; Mateus 20.29-34 [2, saindo] – Mateus pode ser outro caso; ‘tocou nos olhos’
2. Quantos animais? – Mateus 21.1-7, Marcos 11.1-10, Lucas 19.29-36, João 12.12-15, Zacarias 9.9
3. Ouviram, ou não, a voz? – Atos 9.7 [genitivo→”som”] X Atos 22.9 [acusativo→”voz→palavras”].
4. Angariar amigos, etc. – Lucas 16.9 (ironia, ver contexto prévio, e o verso 14)
5. Afinal, Judas morreu como? – Mateus 27.5(6-8) X Atos 1.18-19
6. 1 Timóteo 2.15 [“salvar-se-á dando à luz filhos”]

7. Chamado dos discípulos – Marcos 1.16-20 [2ª], Lucas 5.1-11 [3ª], João 1.35-41 [1ª]
8. Tempo romano X tempo judeu – João sempre usa tempo romano
9. Mateus 3.17 X Marcos 1.11, Lucas 3.22 – “este é” X “tu és” [ver Pentecostes]
10. Mateus 27.44, Marcos 15.32 X Lucas 23.39-43 – os malfeitores
11. Mateus 27.48 X Marcos 15.36 X João 19.29-30 (Lucas 23.36) [οξος] – são casos distintos: Mt., Mc. || Jo., Lc. [soldados]
12. Grão de mostarda – Mateus 13.32, Marcos 4.31-32 → Mt. 17.20, Lc. 17.6 'fé como tem'
13. O centurião saiu de casa? – Lucas 7.1-10 X Mateus 8.5-13 (são casos distintos)
14. Mateus 27.34 [vinagre com fel (Salmo 69.21)]; Marcos 15.23 [vinho com mirra]
15. Quantos dias ficou Jesus no túmulo?
16. Como morreu Jesus? João 10.18, relatos da morte

C. Casos do N.T. X o A.T.:

1. Cainã – Lucas 3.36 X Gênesis 11.12
2. Atos 7.14 (75) X Gênesis 46.26 (66) X Gênesis 46.27 (70)
3. 400 X 430 (Atos 7.6, Gênesis 15.13) X (Gálatas 3.17, Êxodo 12.40-41)
4. 1 Coríntios 10.8 X Números 25.1-9 [23.000 num dia, 24.000 completo]
5. Hebreus 11.21 X Gênesis 47.31 (massorético) – bordão ou cama?
6. Jeremias? – Mateus 27.5-6,9-10 [ver Zacarias 11.12-13; Jeremias 32.6-9, 18.1-4, 19.1-3; Daniel 9.2]

D. Caso fictício:

1. I Coríntios 13.3: *καυθησομαι* f³⁵ (50,6%) OC || *καυθησωμαι* (44,7%) TR, HF, RP, CP || oito outras (4,7%) NU – é que a segunda variante seria o futuro do subjuntivo, coisa que não existe na gramática grega; então certos eruditos gostavam de zombar do 'Texto Majoritário' por imprimir uma forma não existente! Agora, após verificação de quase todos os MSS conhecidos, podemos ver que a variante majoritária é outra: o futuro do indicativo, que certamente existe.

AS NEGAÇÕES DE PEDRO

— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —

<u>Texto</u>	<u>Quem?</u>	<u>Aonde?</u>	<u>Quando?</u>	<u>Como foi a abordagem?</u>	<u>Qual a reação de Pedro?</u>	<u>E galo?</u>
Jo. 18.15-27	1) a porteira 2) os guardas 3) parente do ferido	portão fogueira fogueira	bem no início algo depois um pouco depois	¹⁾ Ela pergunta a Pedro, "Não és tu também dos discípulos ...?" ²⁾ Eles perguntam a Pedro, "Não és também tu um dos seus ...?" ⁴⁾ Ele pergunta a Pedro, "Não te vi eu no jardim com ele?"	"Não sou." (resposta seca) "Não sou." (resposta seca) (negou)	(nada) (nada) 1º canta imediatamente
Lc. 22.54-62	1) uma criada 2) um homem 3) outro homem	fogueira fogueira(?) fogueira	lá pelas tantas um pouco depois quase uma hora depois	³⁾ Ela <i>fito</i> e <i>afirma</i> aos demais, "Este também estava com ele." ⁶⁾ Ele <i>afirma</i> a Pedro, "Tu és também deles." ⁸⁾ Ele <i>afirma</i> aos demais, "Também este verdadeiramente estava com ele, pois também é galileu."	"Mulher, não o conheço." "Homem, não sou." "Homem, não sei o que dizes."	(nada) (nada) 2º canta, ainda falando
Mt. 26.57-75	1) uma criada 2) outra criada 3) o pessoal	fogueira alpendre alpendre	lá pelas tantas um pouco depois logo depois	³⁾ Ela <i>afirma</i> a Pedro, "Tu também estavas com Jesus, o galileu." ⁷⁾ Ela <i>afirma</i> aos demais, "Este também estava com Jesus, o Natsareno." ⁸⁾ Eles <i>afirmam</i> a Pedro, "Verdadeiramente também tu és deles, pois a tua fala te denuncia."	"Não sei o que dizes." (diante de todos) "Não conheço tal homem." (com juramento) "Não conheço este homem." (praguejando e jurando)	(nada) (nada) 2º canta imediatamente
Mc. 14.53-72	1) uma criada 2) a mesma criada 3) o pessoal	fogueira alpendre alpendre	lá pelas tantas um pouco depois logo depois	³⁾ Ela <i>olha</i> e <i>afirma</i> a Pedro, "Tu também estavas com Jesus o Natsareno." ⁵⁾ Ela <i>afirma</i> aos demais, "Este é um dos tais." ⁸⁾ Eles <i>afirmam</i> a Pedro, "Verdadeiramente tu és um deles, porque és também galileu, e tua fala é semelhante."	"Não o conheço, nem sei o que dizes." (sai para o alpendre) (negou outra vez) "Não conheço esse homem de quem falais." (praguejando e jurando)	1º canta (nada) 2º canta segunda vez
Lc. 22.61 – Jesus fitou Pedro						

1) – 4) = a 1ª série de negações, antes do primeiro cantar;
5) – 8] = a 2ª série de negações, antes do segundo cantar.

OS RELATOS DA RESSURREIÇÃO



— UMA HARMONIZAÇÃO¹ —



— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —

UMA SEQÜÊNCIA POR ALTO DENTRO DOS RELATOS PARALELOS

Mateus 27.62 - 28.1;

Marcos 16.1-3 // Lucas 24.1;

Mateus 28.2-4;

João 20.1-10;

Mateus 28.5-8 // Marcos 16.4-8 // Lucas 24.2-8;

Marcos 16.9 // João 20.11-18;

Mateus 28.9-15;

Lucas 24.13-35;

Lucas 24.36-43 // João 20.19-31.

A SEQÜÊNCIA PRESUMIDA DOS ACONTECIMENTOS

0. [Sábado – os guardas selam a pedra e se põem a vigiar (Mateus 27.62-66).]

1. Jesus ressuscita dentre os mortos.²

2. Cedo de manhã, domingo, as mulheres se dirigem ao túmulo – a Madalena (João 20.1); Madalena e Maria (Mateus 28.1); Madalena, Maria e Salomé (Marcos 16.1-2); Madalena, Maria, Joana e outras (Lucas 23.55 – 24.1,10).³

3. A caminho falam da pedra (Marcos 16.3).

4. Antes que elas cheguem, um anjo remove a pedra, acompanhado de terremoto, etc. (Mateus 28.2-4).⁴

¹ Os que se opõem a uma Bíblia com autoridade objetiva vivem afirmando que existem discrepâncias insuperáveis entre os relatos dos quatro Evangelhos. O meu propósito aqui é demonstrar que não existe discrepância.

² Nenhum dos Evangelistas menciona o momento da ressurreição; provavelmente porque essa informação nunca foi revelada. O fato é tido como dado (“o primogênito dentre os mortos” – Colossenses 1.18, Apocalipse 1.5; as “primícias” – 1 Coríntios 15.20,23).

³ Os relatos dizem que foi muito cedo, começando a amanhecer, ainda escuro, mas até chegarem ao túmulo o sol já tinha aparecido. Não há discrepância: aquele jardim fica no lado oeste de uma montanha, e por tanto o túmulo estaria em sombra, além da sombra das árvores. Elas saíram de casa quando ainda era meio escuro, mas ao chegarem já era dia no vale – a área do túmulo ainda estaria um pouco escuro.

5. Elas chegam e vêem que a pedra foi removida, mas o anjo não está mais do lado de fora, visível (Marcos 16.4, Lucas 24.2, João 20.1).⁵
6. Madalena se manda para informar Pedro – Pedro e João correm ao túmulo para ver (João 20.2-3).⁶
7. Antes de Pedro e João chegarem, as outras mulheres entram no túmulo, e vêem e ouvem os anjos (Lucas 24.3-8, Marcos 16.5-7. Mateus 28.5-7).⁷
8. Elas saem do túmulo com medo, e não dizem nada aos guardas ou a quem mais encontrarem (Marcos 16.8, Mateus 28.8^a).
9. Provavelmente logo após a saída das mulheres, e antes da chegada de Pedro e João, os guardas se mandam (Mateus 28.11-15).
10. Pedro e João chegam e voltam [a suas casas] (João 20.4-10; ver Lucas 24.12, que é um aparte histórico).⁸
11. Madalena volta ao sepulcro, mas chega lá após a saída de todos (é por isso que imaginou que Jesus fosse o jardineiro); Jesus aparece a ela primeiro (Marcos 16.9, João 20.11-17).⁹
12. Então Jesus aparece às outras mulheres, e elas seguem para informar os discípulos (Mateus 28.9-10, Lucas 24.9-11).¹⁰

⁴ A remoção da pedra não foi para deixar Jesus sair; foi para deixar testemunhas entrar! Se dispuséssemos apenas do relato de Mateus, poderíamos pensar que as mulheres viram o anjo com brilho fora do sepulcro, mas uma comparação com os outros relatos nos leva a outra conclusão. Mas então, como sabemos desses detalhes? Mateus 28.11 diz que 'alguns' da guarda foram aos sacerdotes, e aceitaram dinheiro (bastante) para espalhar relato falso, mas e os outros guardas? Não duvido que alguns deles se converteram, genuinamente, e eles deram testemunha ocular à comunidade cristã.

⁵ Se o anjo ainda tivesse sido visível, Madalena não teria saído correndo, pois não teria pensado que o corpo havia sido roubado. A hipótese de que ela teria vindo uma vez sozinha, antes das outras, é muito pouco provável (ver a nota que segue).

⁶ O fato dela ter utilizado o verbo no plural 'sabemos', verso 2, mostra que ela não foi sozinha ao túmulo.

⁷ Entendo que Mateus e Marcos são paralelos, aqui, descrevendo o mesmo acontecimento: o anjo que removeu a pedra agora está dentro do sepulcro, sentado ao lado direito; havia desligado seu brilho e parece ser um jovem, vestido em branco; cada relato fornece alguns detalhes diferentes da fala do anjo – Marcos inclui 'e Pedro' [estaria Pedro ao lado enquanto escrevia?]. As mulheres não estavam satisfeitas, e o 'jovem' bem que poderia ter falado mais do que Mateus e Marcos registram. Entendo que Lucas fornece uma segunda rodada: está sendo difícil às mulheres assimilar a falta do corpo (vieram carregando especiarias para cuidar desse corpo – foi em vão seu esforço?); aí o anjo chama um colega e ambos ligam o brilho, produzindo efeito de choque; então citam as palavras do próprio Jesus, que elas lembraram, e com isso se dão por satisfeitas e vão embora.

⁸ Verso 8 diz que João (o autor) "viu e creu". Que foi que João 'viu' que levou ele a 'crer'? Viu as tiras de linho 'deitadas', isto é, na forma do corpo, só que não havia corpo! Se alguém tivesse roubado o corpo, como Madalena supunha, teriam levado o embrulho inteiro (mais fácil de carregar) e aí não teria tiras de linho no chão. Se alguém tivesse desembulhado o corpo, por qualquer motivo, haveria um montão de tiras de linho misturadas com as especiarias (quanto pano seria necessário para segurar 45 quilos de especiarias?). Não, Jesus meramente passou pelo pano, como mais tarde passaria pela parede do cenáculo, deixando o embrulho como se fosse uma múmia, ou um casulo vazio. Quando João viu aquilo, entendeu que a única explicação possível era ressurreição.

⁹ Quando os discípulos saíram correndo, naturalmente Madalena os seguiu de volta ao túmulo. Mas estava sem fôlego, não podendo acompanhar o pique (pensando bem, naquela cultura mulher teria poucas ocasiões para correr, e portanto estaria bem cansada, mas nem por isso iria ficar de lado). Talvez tenha chegado (de volta) quando eles estavam saindo, se não havia encontrado já no caminho. No verso 12 João diz que ela viu dois 'anjos'. Mas como poderia João saber que eram anjos? Ele acabava de sair, e bem sabia que não havia ser humano (presumo que os guardas já estavam longe quando os dois chegaram). Os anjos estavam em branco, mas provavelmente sem brilho, ou isso teria sacudido ela, quebrando o desespero. Ela estava tão controlada pelo desespero que nem o 'casulo' vazio fez ela parar e refletir.

¹⁰ Seria razoável perguntar: Como disporia Madalena de tempo suficiente para ir e voltar e Jesus aparecer a ela primeiro e ainda ter tempo para aparecer às outras mulheres antes que chegassem aos discípulos; ainda mais porque Mateus 28.8 diz que elas saíram 'depressa' e 'correndo'? Ofereço as considerações que seguem para aliviar a dificuldade percebida: 1) A Jerusalém da-

13. Madalena vai e informa os discípulos (Marcos 16.10-11, João 20.18).
14. Mais tarde, no mesmo dia, Jesus aparece a Pedro (ver Lucas 24.34).¹¹
15. O episódio Emaús (Lucas 24.13-35, Marcos 16.12-13).¹²
16. Jesus aparece aos 'onze', Tomé ausente (Lucas 24.36-48, Marcos 16.14-18, João 20.19-23).
17. Após a saída de Jesus, Tomé chega (João 20.24-25).

ACONTECIMENTOS APÓS O DIA DA RESSURREIÇÃO

1. No domingo seguinte Jesus aparece aos onze outra vez, e trata com Tomé (João 20.26-29).
2. Jesus aparece a sete, ao lado do Mar da Galiléia (João 21.1-22).
3. Numa montanha na Galiléia (Mateus 28.16-20).
4. Jesus aparece a mais de 500, bem como a Tiago (1 Coríntios 15.6-7).¹³
5. A Ascensão a partir do monte das Oliveiras (Marcos 16. 19-20, Lucas 24.49-51, Atos 1.3-12).

quele tempo era pequena e as distâncias curtas ('ficava perto', João 19.42) – provavelmente não passava de um quilometro entre o túmulo e a casa de Pedro, bem como as casas onde os outros estavam; 2) as mulheres provavelmente demoraram para entrar no sepulcro – os guardas parecendo mortos, escuro, assustadiço (é cemitério), tudo estranho, Madalena a impulsiva não está; estariam desconfiadas – Madalena bem que poderia estar quase chegando na casa de Pedro quando finalmente criaram a coragem de entrar no sepulcro; 3) tanto Madalena, como Pedro e João, estavam excitados e com bastante adrenalina – não demorou tanto; 4) as mulheres saíram correndo do sepulcro e do jardim, mas não necessariamente o percurso inteiro – uma vez fora do jardim e em terreno 'seguro' provavelmente diminuíram a marcha, ou até pararam, para se recompor e discutir o ocorrido (Maria, mãe de Tiago, não é mais mulher nova, e ninguém tinha costume de correr, para nem comentar o tipo de roupa que usavam). Somando tudo, não vejo motivo para duvidar do Texto: tudo ocorreu exatamente como diz.

¹¹ Não vejo como estabelecer a seqüência correta dos itens 14 e 15; poderia ter sido o contrário. Depois, durante o domingo da Ressurreição (não sabemos a hora) muitos santos ressurretos "entraram na cidade santa e apareceram a muitos" (Mateus 27.53), o que seria uma confirmação dramática para os que receberam essa visita.

¹² Uns e outros têm alegado existir uma discrepância entre os dois relatos – o equívoco é ligar ambos aos 'onze', o que não foi o caso. Outras pessoas também estavam no cenáculo, além dos onze. Os onze estavam reclinados à mesa; já os 'outros' estariam mais perto da porta. Os dois de Emaús entram com ímpeto, animados e talvez se sentindo importantes, falando de seu encontro com Jesus; são os 'outros', talvez querendo 'tirar um pouco de vento de sua vela', que dizem, "Pois não, pois não, já sabemos; Ele apareceu a Simão". (A natureza humana não mudou, e eles ainda não tinham o Espírito Santo.) Enquanto os dois de Emaús estão falando com os 'outros', não com os onze, o próprio Jesus aparece e interage com os onze (e eles ainda acham que é 'fantasma!'). Marcos, escrevendo para romanos, está enfatizando que os discípulos não eram crédulos, não 'creram' só porque queriam – no verso 11 eles não acreditam na Madalena, no verso 13 nem nos dois, e no verso 14 Jesus reprova sua incredulidade. Não há nada aqui que impugne a genuinidade destes versos – certamente Marcos os escreveu ao mesmo tempo em que escreveu o resto. Segundo Mateus 28.17, muitos dias mais tarde alguns ainda estavam duvidando. Em qualquer grupo de pessoas sempre a níveis diferentes de fé e incredulidade. As cabeças funcionam de formas diferentes, e em ritmos diferentes.

¹³ Não vejo como estabelecer a exata seqüência dos acontecimentos nos itens 3 e 4.

CONCLUSÃO

Resumindo, não vejo motivo para duvidar: tudo aconteceu exatamente como o Texto descreve. Não existem discrepâncias, apesar da variedade de detalhes fornecida por várias testemunhas oculares (incluindo guardas convertidos) e registrada por quatro Evangelistas diferentes. É o que deveríamos esperar de um Texto inspirado – inspirado e preservado, até hoje.



LUCAS 3.23



— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —

Και αὐτὸς ἦν ὁ Ἰησοῦς, ὥσει ἐτῶν τριακοντα ἀρχομενος, ὡν ὥς ἐνομίζετο υἱὸς Ἰωσήφ, τοῦ Ἡλεῖ, τοῦ Ματθαῦ, τοῦ Λευι, τοῦ Μελχι, . . .

Quatro palavras aqui causam surpresa, e pedem explicação, a saber: *καί*, *αὐτός*, *ἦν* e *ὥς*. Como o verso 22 termina com o dizer do Pai, quando do batismo de Jesus, fica claro que verso 23 começa outro assunto. A conjunção que fornece a transição é *kai* e não *δέ* como poderíamos esperar – vale dizer que “Jesus” continua sendo o tópico. Mas assim sendo, para quê o pronome pessoal *αὐτός* e ainda por cima numa posição bastante enfática? Se o intuito do autor fosse meramente registrar Jesus como filho de José, como muitos supõem, bastaria escrever *καί ὁ Ἰησοῦς ἦν υἱὸς Ἰωσήφ*, etc.

Mas então, porque colocar *ὥς ἐνομίζετο*? Parece-me que o sentido normal da tradução “como se cuidava” é afirmar que Jesus era de fato filho de José; só que seria exatamente o que Jesus não era. Lucas já deixou mais do que claro que o Pai de Jesus era o Espírito Santo – 1.34-35, 43, 45; 2.49. Portanto entendo que Lucas está dizendo que embora o povo imaginasse ser Jesus filho de José, de fato Ele era de outra procedência – devemos traduzir “assim se supunha”. (Lembrar que uma tradução leal e fiel procura transmitir corretamente o sentido pretendido pelo autor.)

O verbo *ἦν* é o único verbo independente no parágrafo inteiro, versos 23-38. Estaria trabalhando com o particípio *ἀρχομενος* numa construção perifrástica? Parece ser a tendência do texto eclético (seguindo menos que 2% dos manuscritos gregos) que coloca o particípio logo após “Jesus”, mas nesse caso Jesus acaba sendo filho mesmo de José. Parece-me muito mais natural levar as frases participiais como sendo circunstanciais, a saber: “começando com cerca de trinta anos” e “sendo (assim se supunha) filho de José”. Deixando essas duas frases de lado temos *ἦν ὁ Ἰησοῦς τοῦ Ἡλεῖ*, “Jesus era de Heli”.

O particípio “começando” pede um objeto, que o Texto deixa implícito; no contexto parece certo que devemos entender “Seu ministério”, ou coisa parecida, razão pela qual as principais versões costumam acrescentar a frase.

Eu traduziria assim: “Ora Jesus, começando *seu ministério* com cerca de trinta anos, sendo (assim se supunha) filho de José, era mesmo de Heli, de Matã, de Levi, . . .” Então, o pronome enfático *αυτος* realça o contraste entre o que o povo imaginava e o que era de fato. Jesus era neto de Heli, o pai de Maria—Lucas dá a genealogia de Jesus através da mãe, ao passo que Mateus a dá através do padrasto, ou pai adotivo.

O texto eclético dá uma redação diferente ao verso: *και αυτος ην Ιησους αρχομενος ωσει ετων τριακοντα, ων υιος, ως ενομιζετο, Ιωσηφ του Ηλι του Μαθθατ του Λευι του Μελχι* ... (seguindo menos que 2% dos manuscritos gregos). A NVI traduz assim: “Jesus tinha cerca de trinta anos de idade quando começou seu ministério. Ele era, como se pensava, filho de José, filho de Eli, filho de Matate, filho de Levi,...” Ora, o sentido normal dessa redação é que Jesus era de fato filho de José; será que não? Mas o problema não é só da NVI; cada versão que já vi diz que José era filho de Heli, o que contradiz Mateus: “Jacó gerou José”. Atenção para a precisão de Lucas – o vocábulo ‘filho’ (sem artigo) ocorre unicamente com ‘José’, embora as versões costumem acrescenta-lo pela genealogia toda. O vocábulo não se aplica ao primeiro nome na lista, nem ao último: Heli não gerou Jesus (e nem José), e Deus não gerou Adão (criou). Lucas deliberadamente não colocou o vocábulo.

Conclusão: quando entendemos Lucas corretamente, ele não contradiz Mateus (no que diz respeito ao pai de José), e não afirma um erro de fato (no que diz respeito ao pai de Jesus).

ALGUMAS ANOMALIAS CORRELATAS NA GENEALOGIA DO CRISTO SEGUNDO MATEUS



— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —

O propósito de Mateus é demonstrar que Jesus, o Messias, tem o direito, segundo a lei, de sentar no trono de Davi (talvez respondendo a pergunta do próprio Jesus em Mateus 22.42). Embora a genealogia contenha muitos reis, Davi é o único a ser descrito como 'o rei', e duas vezes. Sendo que o trono de Davi tem a ver com o povo da aliança, e aquela aliança começou com Abraão, a genealogia também. E termina com José, o 'pai' de Jesus por adoção, já que Jesus não tinha qualquer gene de José.¹ Para o propósito de Mateus, era suficiente mostrar que José foi descendente linear, e legal, de Davi; o número de gerações no meio não vinha ao caso. O Evangelho de Mateus foi dirigido primariamente a uma platéia judia, a quem o direito legal era importante.

Mateus divide a sua genealogia do Cristo em três grupos de catorze 'gerações'. Uma comparação de sua genealogia com o registro no AT nos ensina que a genealogia não é 'normal', direta – existem anomalias.² Numa tentativa de entender o propósito que jaz por detrás das anomalias, vou começar com o segundo grupo, que é composto de reis soberanos de Judá. Recorrendo ao AT descobrimos que houve dezessete reis tais, não catorze. Mas, Mateus diz 'gerações', não reinados, e como Acazias reinou somente um ano, Amom só dois, e Abias só três, eles podem ser assimilados em catorze gerações. Isso posto, no entanto, observamos em seguida que Abias e Amom são incluídos na lista, mesmo assim, ao passo que Acazias não é, seguido por Joás e Amazias. Os três nomes excluídos formam um grupo entre Jorão e Uzias.

O verso oito diz que "Jorão gerou Uzias", o verbo 'gerou' sendo o mesmo usado na genealogia inteira, mas na realidade Uzias era tataraneto de Jorão. Daí somos obrigados a entender que 'gerou' diz respeito a descendente linear, não necessariamente a

¹ De fato, não podia, devido às profecias em Jeremias 22.30 e 36.30, onde tanto Jeconias como Jeoiaquim são amaldiçoados. Contudo, Jesus recebeu genes de Davi através de Maria (ver a nota que acompanha minha tradução de Lucas 3.23).

² Creio que Mateus compôs seu Evangelho debaixo de direção divina, que me leva à conclusão que as anomalias são propositalmente, da parte de Deus. Por tanto, minha tentativa de desvendar as anomalias procura entender o propósito do Espírito Santo ao introduzi-las no registro.

um filho. Também percebemos que o número 'catorze' não está sendo utilizado num sentido estritamente literal (fosse qual fosse o propósito do autor). Também transparece que 'geração' não está sendo usado num sentido estritamente literal. Segue-se que estamos diante de uma genealogia editada, editada de acordo com o propósito do autor.

No intuito de entender porque o grupo de três teria sido excluído, pergunto: O que têm eles e comum? Eles tinham em comum genes de Acabe e Jezabel, bem como uma influência espiritual e moral direta. A mãe de Acazias foi Atalia, filha de Acabe e Jezabel, de sorte que 50% de seus genes vieram de Acabe. 2 Reis 8.27 diz que Acazias era genro da casa de Acabe, referindo-se à mãe de Joás, se sorte que 75% dos genes dele vieram de Acabe. Sendo que Joás casou com Joadã e Jerusalém, a contaminação em Amazias caiu para 37%, e depois em Uzias abaixo de 20%.³ É esta a minha melhor explicação para a exclusão daquele grupo; uma repreensão após o fato. (Mateus está dando uma genealogia editada do Cristo, e os genes de Acabe eram indesejáveis, decididamente.)

Vamos agora a outra anomalia: $14 \times 3 = 42$, mas encontramos somente 41 nomes. Que fazer? começamos por observar que tanto Davi como Jeconias recebem menção em ambos os lados de uma 'divisa'. Analisarei a segunda divisa primeiro. O verso onze diz que "Josias gerou Jeconias", passando por cima de Jeoiaquim, o pai de Jeconias. Sendo Josias o último rei soberano de Judá, e como precisamos de Jeconias no terceiro grupo para completar catorze nomes, coloco Jeconias no terceiro grupo – contando tanto Jeconias como Cristo temos catorze nomes.⁴ Observar, por favor, que outra vez 'gerou' não diz respeito a um filho. Mas porque teria Jeoiaquim sido omitido? Até onde sei, ele é o único rei que teve a perversidade de cortar em pedaços um rolo contendo Palavra de Deus, e ainda jogar no fogo, Jeremias 36.23, e a maldição que segue no verso 30 e declarada como conseqüência daquele ato. Se colocamos Davi no segundo grupo, Jeoiaquim faria quinze (mas ele não era rei soberano). Mas sem Jeoi-

³ Foi Dr. Floyd N. Jones que me levou a desenvolver esta abordagem (*Chronology of the Old Testament: A Return to the Basics*, KingsWord Press, 1999, pp. 38-42).

⁴ Depois, se quatro pessoas foram omitidas do segundo grupo, outros possivelmente foram omitidos do terceiro, mas não temos como saber, e de qualquer maneira, não faria diferença para o propósito da genealogia.

aquim precisamos de Davi no segundo grupo para perfazer catorze. Mas aí surge outra dificuldade: precisamos de Dvi também no primeiro grupo, para ter catorze nomes.

Se o segundo grupo é composto de reis soberanos, o primeiro é de patriarcas. Atos 2.29 chama Davi de 'patriarca', e portanto não pode ser desqualificado por isso, mas naturalmente é muito mais conhecido como rei – aliás, ele é expressamente chamado de rei na genealogia (o único assim). Embora Davi possa ser tanto patriarca como rei, ele não pode ser duas pessoas, e nem duas gerações. Daí, não gosto da proposta que ele deve ser colocado como pessoa em ambos os grupos – não devemos nem dividi-lo ao meio, nem duplicá-lo. Ao meu ver, ele pertence ao segundo grupo, mas com isso só restam treze para o primeiro. Que entrem em cena Raabe e Rute (e se quatro pessoas foram omitidas no segundo grupo, por que não poderiam algumas serem omitidas também do primeiro?).

Passaram 340 anos entre a morte de Josué e o nascimento de Davi, e Salmom casou com Raabe enquanto Josué ainda vivia, presumivelmente. Mas com isso Boaz, Obede e Jessé, todos os três, seriam obrigados a procriar aos 100 anos de idade, mais ou menos (talvez não impossível, mas certamente improvável). Mas, e se 'gerou' está sendo usado para neto, como já vimos? (Josias gerou Jeconias, sem menção de Jeoi-aquim.) Se os genes de Atalia foram o suficiente para desqualificar Acazias, que dizer dos genes de Raabe? Ela nem era israelita, e pior, era prostituta. Ora, a Lei diz coisas um tanto severas a respeito de prostituta.⁵ "Não trarás o salário de prostituta nem o preço de catamita à casa do SENHOR teu Deus . . . porque ambos são abominação ao SENHOR teu Deus" Deuteronômio 23.18). Se um sacerdote fosse casar com uma prostituta iria profanar sua descendência (Levítico 21.13-15), e que dizer então de um ancestral do Messias? Claro que uma prostituta pode ser salva, mas porque foi ela mencionada? E porque foram mencionadas Tamar, Rute, e a mulher de Urias? Normalmente mulheres não foram mencionadas nas genealogias.⁶

Agora pensemos em Rute. Ela era moabita, e segundo Deuteronômio 23.3 moabita não podia entrar na congregação do SENHOR até a décima geração. [Tenho como

⁵ Contudo, "a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo" (João 1.17). Sendo esta uma genealogia editada do Messias, pode ser que Raabe, e as outras mulheres, foram incluídas para enfatizar a graça do Messias.

⁶ Nenhuma das mães decentes, honestas, honradas, responsáveis recebe menção, só 'exceções'.

exemplo estarrecedor da graça de Deus que ela tenha sido incluída na linha do Messias.] Ela abraçou o Deus de Noemi, mas e os genes dela? 'Dez gerações' tem a ver com genes, não conversão espiritual. Moabe foi filho de Ló, e o primeiro 'moabita' seria seu filho; provavelmente um contemporâneo de Jacó. De Jacó a Salmom temos sete gerações, certamente menos que dez, de sorte que Rute não podia entrar. Poderia ser possível que Raabe e Rute representam uma geração omitida, cada uma? Poderia ser por isso que recebem menção?⁷ Se dividirmos 300 anos por cinco, então em média a idade de procriação seria 60 anos, bem dentro do razoável (e se mais que duas gerações foram omitidas, a média seria reduzida ainda mais). Mas mesmo que essa possibilidade seja aceita, como justificar o uso de Davi no primeiro grupo (pois já foi usado no segundo)? Bem, me vejo conduzido a supor que o seu nome está sendo usado como *doublé* para a(s) geração(ões) omitida(s) no primeiro grupo.⁸ Repito que esta não é uma genealogia 'normal'. Para que queria Mateus três grupos 'iguais', e porque 'catorze'? Talvez por razões estilísticas (simetria, equilíbrio) e mnemônicas. Contudo, a minha preocupação foi tratar possíveis erros de fato, assim percebidos, que um Texto inspirado não deve ter.

Concluindo: Mateus nos dá uma genealogia editada do Messias. Se por um lado ela enfatiza a graça do Messias, por outro lado reflete a santidade dEle – Ele não pode passar por cima de pecado e suas conseqüências (essa santidade é responsável pela exclusão dos quatro nomes no segundo grupo). Se as quatro mulheres foram incluídas para mostrar a graça do Messias, é também verdade que as conseqüências do pecado não são escondidas – a quarta é simplesmente 'a mulher de Urias' (não 'viúva', embora Salomão fosse concebido após o assassinato de Urias – Davi não casou com viúva, roubou a mulher do outro).

⁷ Tamar sofreu uma injustiça severa, e o pecado de Davi com Bateseba foi de uma perversidade incomum (assassinato covarde), mas Raabe provavelmente foi vítima das circunstâncias, e Rute certamente não tinha culpa de ter nascido moabita.

⁸ Um *doublé* é um substituto temporário; refere-se a alguém que ocupa a posição de um ator em falta no ensaio de uma peça, por exemplo. Então, não estou colocando Davi no primeiro grupo como uma geração; estou utilizando seu nome para representar a(s) geração(ões) omitida(s) — aliás, estou sugerindo que Mateus o utilizou dessa forma.



ABITAR – MARCOS 2.26

– WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD –



"Como ele entrou na casa de Deus (tornando Abiatar sumo sacerdote) e comeu os pães da apresentação, que só os sacerdotes têm permissão de comer, e os deu aos que com ele estavam."

Mina tradução é um tanto diferente das costumeiras 'nos dias de Abiatar o sumo sacerdote' ou 'no tempo do sumo sacerdote Abiatar'. É que estamos traduzindo apenas três palavras gregas, que de forma bem literal seria 'sobre Abiatar sumo-sacerdote', mas a preposição aqui, *epi*, é a mais versátil das preposições gregas, e um de seus múltiplos usos é 'em direção a'. (O léxico padrão [em inglês], *BDAG*, alista dezoito áreas de sentido, sem contar subdivisões.) Recorrendo ao relato no AT, descobrimos que foi com Aimeleque, pai de Abiatar, que Davi conversou, por ser ele o sumo sacerdote naquele momento (1 Samuel 21.1-9). Dentro de poucos dias o rei Saul massacrou Aimeleque e mais 84 sacerdotes (1 Samuel 22.16-18), mas o seu filho Abiatar escapou e foi até Davi, levando com ele o éfode (1 Samuel 22.20-23; 23.6). O fato de Davi poder fazer uso dele para consultar o SENHOR nos leva a entender que teria de ser o éfode privativo do sumo sacerdote, pois unicamente aquele tinha o Urim e Tumim (1 Samuel 23.9-12; cf. Números 27.21, Esdras 2.63).

Aquele éfode era para o sumo sacerdote como a coroa era para um rei; como então poderia estar na mão de Abiatar? O Texto diz que a visita de Davi encheu Aimeleque de medo, presumivelmente porque ele também viu Doegue o edomeu e pressentiu o que iria acontecer. Sim, mas porque Abiatar não foi levado com os outros? Sugiro o seguinte: adivinhando o que iria acontecer (provavelmente Doegue se mandou em seguida, e Aimeleque calculou que teria pouco tempo), Aimeleque deliberadamente consagrou Abiatar sumo sacerdote, deu a ele o éfode, e mandou ele se esconder -- é provável que o fez naquele mesmo dia, pois com a chegada dos soldados para prender Aimeleque e os outros 84 seria tarde. Abiatar escapou, mas levou a notícia do massacre junto; só que agora ele era o sumo sacerdote.

Resumindo, foi a visita de Davi que teve o resultado de elevar Abiatar à condição de sumo sacerdote prematuramente, como o próprio Davi reconheceu, e a que Jesus faz alusão de passagem (razão pela qual coloquei entre parênteses). Mas porque faria Jesus alusão a isso? Suponho porque a Bíblia é clara sobre as conseqüências do pecado, e Davi mentiu a Aimeleque. Embora Jesus estivesse utilizando o comer de pão como exemplo, Ele não queria passar por cima do pecado, e suas conseqüências.

Havemos de lembrar que Jesus estava se dirigindo a fariseus, muito conhecedores das Escrituras do AT. Um caso notório como o massacre de 85 sacerdotes, ordenado por Saul, seria muito bem conhecido. Claro que nada do NT ainda havia sido escrito, de sorte que qualquer interpretação do dizer de Jesus teria de se basear em 1 Samuel ("Vós nunca lestes . . .?"). Se nós hoje queremos entender esta passagem, havemos de nos colocar no contexto descrito em Marcos 2.23-28. Os fariseus entenderiam que se Abiatar estava de posse do éfode que continha o Urim e Tumim, então ele era o sumo sacerdote. E como foi que ele chegou a esse ofício? Chegou por causa da visita de Davi; foi uma conseqüência imediata daquela visita.



MATEUS 2.23



— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —

“E sendo orientado por sonho, partiu para as partes da Galiléia, e chegando estabeleceu-se numa cidade chamada Natsaré [Vila Renovo]; para que se cumprisse o que foi falado através dos profetas, que Ele seria chamado Natsoreano [homem-Renovo].”

A dificuldade é que as versões principais (se não todas elas), quer em português, quer em inglês, trazem o nome do lugar escrito com ‘z’, ‘Nazaré’ e ‘Nazareno’ (‘Nazareth’, ‘Nazarene’), e o equivalente de ‘z’ em hebraico é *zayin* – só que escrito dessa forma não há menção no A.T. E agora, Mateus ‘pisou na bola’ ao dizer que “foi falado através dos profetas”? Como ‘profetas’ é plural, devemos achar mais que um. Curiosamente, o problema foi criado pelas diferenças que existem entre os alfabetos – hebraico, grego, inglês, português. Senão, vejamos.

Sabemos por Lucas que José era de Natsaré – sua casa e empresa estariam a sua espera. O nome da cidade em hebraico é baseado nas consoantes נ צ ר (*resh, tsadde, nun*), mas como o hebraico se lê da direita para a esquerda, para nós a sequência se inverte = n, ts, r. Esta raiz consonantal significa ‘renovo’. O grego tem o equivalente de ‘ps’ e ‘ks’, mas não de ‘ts’, de sorte que a transliteração utilizou um ρ (*zeta*) ‘dz’, que é o equivalente sonoro de ‘ts’. Mas quando o grego foi transliterado para português (e inglês) foi utilizado ‘z’! Mas hebraico tem um ‘z’, ז (*zayin*); daí ao transliterar de volta ao hebraico, o pessoal presumiu as consoantes נ צ ר, trocando o certo *tsadde* por *zayin*. Esta informação técnica fornece pano de fundo para o que segue.

Nem ‘Nazaré’ nem ‘Nazareno’, escrito com *zayin*, se encontra no A.T., mas há uma referência profética ao Messias como Renovo, *netser* – Isaias 11.1 – e várias à palavra sinônima *tsemach* – Isaias 4.2; Jeremias 23.5, 33.15; Zacarias 3.8, 6.12. Assim, Mateus tem razão – os profetas (plural, sendo pelo menos três) referiram-se ao Cristo como o Renovo. Já que Jesus era homem, Ele seria o homem-Renovo, da Vila Renovo. Agora é a vez da palavra ‘Natsoreano’. O conhecido ‘Nazareno’ (Ναζαρηνοϛ) [Natsareno] ocorre em Marcos 1.24, 14.67, 16.6 e Lucas 4.34, mas aqui em Mateus 2.23 e

em catorze lugares outros, inclusive Atos 22.8 onde o Jesus glorificado assim se auto-denomina, a palavra é 'Natsoreano' (Ναζωραίος), que é diferente. Entendo que a Natsaré do tempo de Jesus tinha uns cem anos de idade, tendo sido fundada por uma família Renovo, que a chamou Vila Renovo; estavam bem cientes das profecias a respeito do Renovo e alimentavam a esperança de que o Messias nasceria entre eles – eles se diziam povo-Renovo (Natsoreanos). Já os outros achavam uma piada, chegando ao ponto de desprezá-los, inclusive. “Pode vir alguma coisa boa ...?”

Voltando a Atos 28.8, o Jesus glorificado se identificou a Saulo como sendo “o Natsoreano”.

Um fariseu rigoroso que nem Saulo iria entender: Jesus era **o** Renovo, o Messias.



QUEM COMPROU O QUÊ?

ATOS 7.15 X GÊNESIS 23.17

— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —



Atos 7.15-16 -- "Jacó desceu ao Egito, e morreu, ele e nossos pais; e foram transferidos para Siquém, e depositados na sepultura que Abraão comprara por certa soma de dinheiro aos filhos de Hamor, de Siquém."

Quando comparamos este texto com os textos relevantes em Gênesis parece estarmos diante de algumas discrepâncias. Quem comprou o que, de quem, e aonde? Gênesis 33.19 nos informa que Jacó comprou uma área de Hamor, em Siquém. Por outro lado, Gênesis 23.16-20 explica que Abraão comprou uma área de Efrom, em Hebron. A cova de Macpela foi a sepultura de Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, e Jacó e Lia, pois Jacó fez questão de ser sepultado ali, e foi (Gênesis 49.29-30; 50.13). Voltando a Atos 7, foi "nossos pais" que foram levados a Siquém, não Jacó.

Mas quando foi que Abraão comprou qualquer coisa em Siquém? A resposta deve estar em Gênesis 12.6-7. Abraão parou em Siquém e levantou um altar. Construir num terreno que pertencia a outro, e esse outro vendo tudo, não iria dar certo. Podemos deduzir, sem muito medo de errar, que Abraão comprou um terreno "aos filhos de Hamor, de Siquém". O Hamor no tempo de Jacó seria descendente do Hamor no tempo de Abraão, tranqüilamente. Gênesis 14.14 diz que Abraão "armou os seus criados, nascidos em sua casa, trezentos e dezoito". Ora, Abraão tinha **muita** gente com ele, e alguém deve ter morrido enquanto ele estava parado em Siquém. Daí ele teve de comprar uma área para cemitério. Certamente esta informação estava disponível a Estevão em documento extra bíblico.

Voltando a Gênesis 33.19, é possível que Jacó tenha comprado uma área maior em torno da área comprada por Abraão. Mas porque os filhos de Jacó foram todos sepultados em Siquém? A resposta está em Gênesis 34.27-29. É que os filhos de Jacó mataram todos os homens de Siquém, saquearam tudo, mas ficaram com as crianças

e as mulheres. E fizeram o que com as mulheres? Certamente casaram com elas; foi ali que encontraram mulher para tantos homens. Siquém sendo a fonte de sua riqueza e suas mulheres, seria natural que fossem sepultados ali. Inclusive, Josué 24.32 diz explicitamente que os ossos de José foram sepultados em Siquém.

Conclusão: não há discrepância. Tanto Abraão como Jacó compraram terreno em Siquém. Foram os filhos de Jacó que foram ali sepultados, não Jacó.



BETSAIDA OU TIBERÍADES

— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —



A questão é: aonde foi que a multiplicação dos pães para os 5000 homens aconteceu? Mateus 14.13 e Marcos 6.32 dizem meramente que foi num lugar ermo, sem identificá-lo. Já Lucas 9.10 diz que foi "um lugar ermo pertencente a uma cidade chamada Betsaida",¹ ao passo que João 6.23 nos informa que o lugar foi perto da cidade de Tiberíades. Ora, Tiberíades fica no lado oeste do mar, a alguns km da saída do Rio Jordão, mas Betsaida fica no topo do mar, um pouco ao lado leste da entrada do Rio Jordão. E agora?

Podemos deduzir de Marcos 6.31 e João 6.17 e 24 que Jesus e Seus discípulos partiram de Capernaum, onde Jesus tinha sua base. Acontece que Capernaum, como Betsaida, fica no topo do mar, mas um pouco ao lado oeste da entrada do Rio Jordão. Para ir de Capernaum a Betsaida de barco seria beirar a costa. Mas João 6.1 diz que Jesus "foi para um outro lado do mar da Galiléia", que combina melhor com Tiberíades, porque há uma grande baía entre Capernaum e Tiberíades, embora ambos fiquem do lado oeste do mar – a travessia foi em torno de 15 km. Depois, após a multiplicação dos pães, Mateus 14.22 diz que foram de barco "para o outro lado", e o verso 24 diz que estavam "no meio do mar"; já Marcos 6.45 diz que foram de barco "para o outro lado, a Betsaida", e no verso seguinte o barco estava "no meio do mar"; enquanto João 6.17 diz que "iam atravessando o mar em direção a Capernaum", e o verso 19 que haviam navegado "uns 25 ou 30 estádios" [5 a 6 km].

Agora, beirar a costa é uma coisa; atravessar o mar é outra. Depois, se já estavam em Betsaida, ou perto dela, como poderiam atravessar o mar a ela (Marcos 6.45)? Fica claro que o milagre aconteceu mesmo foi perto de Tiberíades, como João afirma. Mas agora surge outra dificuldade: como poderia um terreno perto de Tiberíades 'pertencer' a Betsaida (Lucas 9.10)? De duas uma: ou o terreno havia sido doado à cidade,

¹ Lamentavelmente, o texto grego eclético ora em voga, seguindo meros [0,5%] dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, diz que foram "para uma cidade chamada Betsaida". Ora, uma cidade não é um lugar 'ermo'; portanto esse texto joga Lucas contra os outros três, que afirmam que foram para um lugar ermo. Aliás, joga Lucas contra si, pois no verso 12 diz que estavam num lugar ermo. Os editores daquele texto introduziram uma contradição no texto, propositadamente. Calamitosamente, essa perversidade é reproduzida por NVI, LH, etc. Não satisfeito com isso, a Contemporânea nos brinda com, "para um lugar deserto, a uma cidade chamada Betsaida" — é, ou não é, uma estupidez?

de alguma maneira, ou pertencia a uma família radicada em Betsaida, o que me parece mais provável. Passo a explicar porque.

João 6.17 diz que saíram "em direção a Capernaum", mas Marcos 6.45 diz que foram "a Betsaida". Como as duas cidades ficam próximas, uma da outra, no começo da travessia o rumo seria praticamente o mesmo. Entendo que de fato foram a Betsaida, mas demoraram pouco e em seguida foram a Genesaret, tanto que no dia após o milagre Jesus já estava de volta a Capernaum (João 6.24-25). Mas porque teriam de ir a Betsaida? Imagino o seguinte: um terreno perto de Tiberíades, mas pertencendo a alguém em Betsaida, ficaria intocado, ermo. Parece que Jesus tinha autorização para fazer uso do lugar quando queria fugir das multidões. Mas ninguém tinha previsto uma multidão de talvez 15 mil (5000 homens, mais mulheres e crianças). Ora, imagine a sujeira que tanta gente iria deixar (haja moita!). Aí, Jesus se sentiu obrigado a dar satisfação ao dono, em Betsaida.

Aproveito o ensejo para convidar atenção para um milagre de Jesus que não se encontra nas listas. Como já notamos, Mateus 14.24 e Marcos 6.46 dizem que estavam no meio do mar, mas João 6.19 é mais específico, dizendo que haviam navegado talvez 6 km. Acontece que a travessia de Tiberíades a Betsaida representava aproximadamente 12 km. Agora atenção para João 6.21: "Então eles de boa mente o receberam no barco; e imediatamente o barco chegou à terra para onde iam". Se a distância total era de 12 km, e eles tinham navegado só a metade, então Jesus transportou o barco 6 km milagrosamente. Foi um grande milagre: transportar um barco 6 km instantaneamente. Esse milagre não se encontra nas listas porque poucas pessoas se dão ao trabalho de examinar o Texto Sagrado minuciosamente.



A LEGIÃO DE DEMÔNIOS — ONDE OCORREU?



— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —

Primeiro temos de colocar a evidência dos manuscritos gregos. Encontramos o relato em três dos Evangelhos.

Mateus 8.28: γεργέσηνων 98% (guerguessenos) Fiel

γαδαρηνων 2% (gadarenos) NVI, LH, Atual, Cont, etc.

Nota de rodapé da NVI: "Alguns manuscritos trazem *gergesenos*, outros dizem *gerasenos*".

Marcos 5.1: γαδαρηνων 95,5% (gadarenos) Fiel

γεργέσηνων 4,1% (guerguessenos)

γερασσηνων 0,3% (guerassenos) NVI, LH, Atual, Cont, etc.

Nota de rodapé da NVI: "Alguns manuscritos trazem *gadarenos*, outros dizem *gergesenos*".

Lucas 8.26: γαδαρηνων 97% (gadarenos) Fiel

γεργέσηνων 2% (guerguessenos)

γερασσηνων 0,3% (guerassenos) NVI, LH, Atual, Cont, etc.

Nota de rodapé da NVI: "Alguns manuscritos trazem *gadarenos*, outros manuscritos dizem *gergesenos*, também no versículo 37".

Lucas 8.37: γαδαρηνων 96% (gadarenos) Fiel

γεργέσηνων 3,5% (guerguessenos)

γερασσηνων 0,3% (guerassenos) NVI, LH, Atual, Cont, etc.

Vou começar com Marcos. Jesus chega à região/área (não 'província') dos gadarenos. Gadara era a cidade capital da província romana de Perara, e distava uns 10 km da orla do lago. Como Marcos escreveu para um público romano, sua descrição é perfeitamente lógica. Lamentavelmente, o texto grego eclético ora em voga, seguindo três manuscritos gregos de qualidade objetivamente inferior, coloca 'guerassenos', em vez de 'gadarenos', e é seguido por NVI, etc. A nota da NVI é desonesta: utilizar o vocábulo

'alguns' para descrever 1.600 manuscritos contra três é um uso desonesto do idioma nacional. Utilizar 'outros' para descrever uns 60 é aceitável.

Lucas também diz que Jesus chegou à terra/região dos gadarenos, e novamente a NVI tem uma nota desonesta, como em Marcos. É mais provável que 'Guerassa' seja uma ficção, um suposto lugar inexistente. Por outro lado, 'Guerguessa' certamente existiu, embora não saibamos mais a exata localização dela. Como vou explicar ao considerar Mateus, parece-me certo que era um povoado perto do lugar onde Jesus desembarcou.

É Mateus que muda de 'gadarenos' para 'guerguessenos', mas o texto grego eclético ora em voga perversamente coloca 'gadarenos', seguindo talvez 30 manuscritos gregos contra 1,670. Novamente a nota da NVI é desonesta. O vocábulo grego comumente traduzido como 'cidade' também pode dizer respeito a vila ou povoado. Pensando um pouco, deve ser óbvio que os porqueros não correram 10 km até Gadara; simplesmente não havia tempo suficiente para isso; mesmo porque o povão não iria correr 10 km para ver o acontecido. Certamente Guerguessa era um povoado mais ou menos perto, talvez dentro de um km. Aí daria para os porqueros correr, contar, e trazer o povão de volta.

Mudando de assunto, é notório que Mateus diz que eram dois homens demonizados, ao passo que Marcos e Lucas mencionam um. Mateus, contador, primava por exatidão numérica; já os outros se limitaram a comentar o indivíduo que se destacou, inclusive pedindo para acompanhar Jesus. Nem Marcos e nem Lucas diz que era somente um demonizado; aliás, eles não utilizam o número 'um'. Então devemos entender que de fato havia dois demonizados no lugar.



ANTES OU DEPOIS?

2 TESSALONICENSES 2.2 X 2.7-8

— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —



Em Mateus 24.44 o Senhor Jesus disse: "Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do Homem há de vir à hora em que não penseis". Parece-me que para que haja o fator 'surpresa' o arrebatamento da Igreja terá de acontecer antes da 'abominação da desolação' (Mateus 24.15). Quando o anticristo tomar seu lugar no Santo dos Santos e se auto-declarar como deus, então haverá precisamente 1.290 dias até o retorno de Cristo à terra. "À hora em que não penseis" presumivelmente exige um arrebatamento 'pre-abominação' – se for 'pre-ira' mas 'pos-abominação', só um tolo pode ser tomado de surpresa, a não ser que o arrebatamento ocorra imediatamente após a 'abominação' (2 Tessalonicenses 3.3-4).

Vamos começar com 2 Tessalonicenses 2.2. Uns 15% dos manuscritos gregos trazem 'dia do Senhor' (como em NVI, LH, Atual, etc.); os 85% que trazem 'dia de Cristo', que inclui a melhor linha de transmissão, certamente estão corretos (como em Fiel e Cont). A diferença entre as leituras tem reflexo escatológico. O 'dia de Cristo' é geralmente associado com o arrebatamento e benção para os santos, ao passo que o 'dia do Senhor' é geralmente associado com juízo pesado sobre o mundo e Israel não-arrepentido; o que inclui o derramar de ira logo antes e depois da segunda vinda de Cristo, quando retorna em glória para estabelecer o Seu Reino Milenar.

A dificuldade aparente aqui é que ao passo que os versos 1, 6 e 7 dizem respeito ao arrebatamento, tudo indica, os versos 3-4 e 8-10 dizem respeito à Grande Tribulação e a Segunda Vinda. Que fazer? Atentar para o Texto. No verso 2, porque estariam os crentes da Tessalônica 'perturbados'? É que alguém estava ensinando que o arrebatamento já tinha acontecido e que eles ficaram para trás – eu também estaria perturbado! Pois então, 'dia de Cristo' é precisamente correto no que diz respeito ao conteúdo dos versos 1 e 2. É o verso 3 que traz problema, pois uma cláusula foi elidida; é por isso que as traduções, para ajudar o leitor, comumente acrescentam uma cláusula, de preferência em letra itálica, para indicar que é um acréscimo, como na Fiel – "*não será*

assim'. Só que isso colocaria o arrebatamento depois da revelação do homem do pecado e a 'abominação da desolação' – certamente não compatível com certos esquemas escatológicos. Uma 'solução' fácil seria alterar 'Cristo' para 'Senhor' no verso 2, só que isso colocaria o arrebatamento dentro do 'dia do Senhor' – também não compatível. Eu gostaria de propor que dar uns pequenos retoques a nossa posição escatológica é preferível a mexer no Texto.

Se 'o que detém' nos versos 6-8 é o Espírito Santo (o que me parece ser a única identificação adequada) então o arrebatamento acontece antes da 'abominação', e pode até ser visto como 'gatilho'. Mas, se o 'dia de Cristo' inclui o arrebatamento, então verso 3 pareceria colocar o arrebatamento depois da 'abominação'. E agora, como fica? Embora minha própria formação tenha sido fortemente 'pre-tribulacionista', já migrei para uma posição 'meso-tribulacionista'. Se o arrebatamento seguir imediatamente a 'abominação', então o fator 'surpresa' permanece em pé. Se a 'abominação' e o arrebatamento acontecerem, ambos, dentro de poucos minutos, então do ponto de vista de Deus formariam um só 'pacote', e a exata seqüência deixa de ser importante – para todo efeito prático acontecem ao mesmo tempo.



O MONTE SINAI — ONDE FICA?

GÁLATAS 4.25

— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —



Em Gálatas 4.25 Paulo diz que o monte Sinai fica na Arábia. Embora não saibamos a exata definição que Paulo daria a 'Arábia', o que consta em praticamente todos os mapas como sendo o monte Sinai, na península do mesmo nome, não deve ser o verdadeiro. Senão, vejamos: Quando Moisés fugiu de Faraó ele parou em Midiã (Êxodo 2.15). Midiã fica do lado leste do golfo de Aqaba, a 'orelha de coelho' leste do mar Vermelho, na Arábia Saudita dos nossos dias. Midiã nunca fez parte da península entre os dois golfos. Foi em "Horebe, o monte de Deus" que Moisés viu a 'sarça ardente' (Êxodo 3.1), e no verso 12 Deus disse a ele: "Quando houveres tirado este povo do Egito, servireis a Deus neste monte". O monte Horebe sempre se situou em Midiã. Prosseguindo com a comissão que está dando a Moisés, Deus especifica "caminho de três dias para o deserto" (verso 18). Segundo Êxodo 4.27 Arão encontrou Moisés "no monte de Deus" (Horebe, em Midiã), e foram juntos ao Egito.

Quando o povo deixou o Egito, Deus o conduziu numa marcha forçada; observar o "para que caminhasse de dia e de noite" (Êxodo 13.21). Com três dias de marcha forçada (Êxodo 3.18) estariam perto de Ezion-Geber (o Eilat de hoje), e com mais dois dias estariam bem dentro de Midiã. Mas aí Deus mandou que "voltassem" e "acampassem" à beira-mar, defronte de Baal-Zefom" (Êxodo 14.2). Para fazerem isso tinham de deixar a rota estabelecida entre Egito e Arábia e caminhar ao sul, deserto adentro; e foi exatamente esse procedimento que levou Faraó a concluir que estavam confusos e perdidos (obviamente ele teria espiões seguindo a multidão, muito bem montados, para o manterem informado). Teria sido simplesmente impossível que eles se perdessem entre Gósen e o golfo de Suez (o braço oeste do mar Vermelho), mas é o que são obrigados a alegar os que colocam o monte Sinai na península que ora leva seu nome -- uma estupidez patente. No decorrer das décadas e dos séculos os israelitas teriam explorado e caçado por toda aquela área, e seria bem conhecida por eles. (E para que os carros de guerra? Faraó poderia tê-los cercado com soldados a pé.)

Deus os levou por uma ravina chamada 'Wadi Watir' que sai numa praia surpreendentemente grande chamada 'Nuweiba' (e é a única praia no golfo de Aqaba com tamanho adequado para comportar aquela multidão de pessoas e animais, de longe). A maior parte daquele golfo tem muitos metros de profundidade, e é beirado por precipícios, mas precisamente em Nuweiba há uma ponte de terra pertinho da superfície que vai de lado a lado, a largura do golfo ali sendo de uns 15 km. A largura da 'ponte' é de várias centenas de metros, de sorte que houve uma 'estrada' ampla para a travessia. A ravina que desemboca em Nuweiba é estreita, com lados íngremes, de sorte que quando Deus moveu o pilar de nuvem para a 'boca' da ravina, Faraó e seus carros ficaram bloqueados. Não podiam passar pelo pilar, e não podiam subir os lados com carros, e com mais de 600 carros numa ravina estreita, imaginem só o engarrafamento (e os cavalos inconformados!) -- certamente foi uma confusão como poucas. Entendo que Deus deve ter removido o pilar de nuvem enquanto uma parte da multidão ainda estava atravessando, para encorajar Faraó a seguir atrás. O resto da história conhecemos. Obviamente Deus fez tudo isso de propósito, e esse propósito deve ter sido destruir o exército egípcio para não representar uma ameaça a Israel nos primeiros anos na terra prometida.

Em nossos dias artefatos dos carros foram descobertos naquela ponte de terra. O nome dado ao possível Horebe verdadeiro pelo governo saudita é 'el Lowz'. De qualquer maneira, o monte Sinai verdadeiro fica em Midiã, e não na península entre os dois golfos. A localização na península torna o relato bíblico do êxodo insustentável, ridículo.



PROBLEMAS TIPO 3: TRADUÇÃO FALAZ



— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —

(tradução falaz pode levar a doutrinas e práticas improcedentes)

1. Mateus 18:18 → “*será*”
2. I João 5:18 → “*não vive em pecado . . . não toca*” [Ef. 6:10]
3. Hebreus 2:14 → “*tem*” (Ap. 1:18) [Ef. 2:6]
4. Marcos 16:15-18 → “*pegarão*” (Lc. 10:19)
5. I Coríntios 11:10 → “*sinal*”
6. I Timóteo 3:11 → “*esposa*”
7. Marcos 10:13-15 → “*dos tais ... como*”
8. Mateus 21:5 → “*sobre um jumento*” e “*sobre um jumentinho*”
9. Mateus 6:22-23 → “*candeia e olho*” (Tito 1: 15)
10. Hades / Sheol ↔ como inferno – são três lugares distintos:
 - a. Sheol = Hades – a casa de espera dos finados, aguardando o juízo final;
 - b. Geena = Lago de fogo – paradeiro final de Satanás, seus anjos, e quem o seguiu; (Geena foi eufemismo usado por Jesus).
 - c. Tártaro – prisão dos anjos caídos que produziram os *nefilim* em Gênesis 6.
11. Mateus 15:39 → Magdala [1.750 MSS] ou Magdã [3 MSS] – Maria Ma(g)dalena
12. Lucas 3:5 → “*ravinã*”, não: “*vale*”
13. Lucas 11: 41 → “*antes dai esmola*” em vez de “*contudo, dai o possível como esmola*” [Lc. 19:8-9 – o exemplo de Zaqueo]
14. João 8:59 → “*escondeu-a*” em vez de “*ficou invisível*” + “*passando pelo meio deles, assim se retirou*” (99%)
15. Filipenses 4.13 → “*tudo suporte*” em vez de “*tudo posso*”
16. Hebreus 9.4 – 'incensário' não 'altar para incenso'
17. Hebreus 4.8 – 'Josué' por 'Jesus'

ESTUPIDEZES PATENTES:

Jó 40:15 → “*beemote*” ou “*hipopótamo*”

Jó 41:01 → “*leviatã*” ou “*crocodilo*”



PROBLEMAS TIPO 4: NOTAS DE RODAPÉ



— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —

(notas maliciosas, desnecessárias, quando não falsas, que solapam a confiabilidade do Texto)

Existem centenas de notas maliciosas nas diferentes traduções do Novo Testamento de tal sorte que não seria possível tratar de todas elas e observar as implicações práticas que cada uma traz. Portanto, abaixo estão apenas alguns poucos exemplos encontrados na Nova Versão Internacional para ilustrar a problemática.

Mateus 21.44 – NVI – “Muitos manuscritos não trazem o versículo 44”. Unicamente Codex D (o pior MS que temos) e o cursivo 33 (de má qualidade) omitem o verso, contra 1,700 que o têm. Dois contra 1.700 é ‘muitos’? E qual o propósito de uma nota assim? Para quê?

Marcos 14.24 – NVI – “Alguns manuscritos trazem: *da nova aliança*”. ‘Alguns’ se refere a 1.700 manuscritos contra nove. Seria honesto esse uso do idioma nacional?

Marcos 10.24 – NVI – “Outros manuscritos dizem: *é difícil para aqueles que confiam nas riquezas*”. ‘Outros’ se refere a 1.700 manuscritos contra cinco.

Mateus 18.11 – NVI – “Vários manuscritos não trazem o versículo 11”. De fato, 1,5% dos MSS não o trazem, contra 98,5% que trazem, mas qual seria o propósito desta nota? A Atualizada coloca o verso entre [], negando-lhe autenticidade.

Mateus 19.29 – NVI – “Alguns manuscritos acrescentam: *ou mulher*”. ‘Alguns’ significa 98,5%; 1.700 X 25 (também em Mateus 20.16).

Marcos 6.20 – NVI – “ficava perplexo”. “Alguns manuscritos antigos dizem: *fazia muitas coisas*”. Sim, mas também 99,4%. [Em Marcos 13.33 ‘alguns’ = 99,4%.]

Marcos 8.26 – NVI – “Vários manuscritos acrescentam: *nem conte nada a ninguém no povoado*”. ‘Vários’ = 99,1%; somente 0,5% omitem.

Marcos 10.24 – NVI – “Outros manuscritos dizem: *é difícil para aqueles que confiam nas riquezas*”. ‘Outros’ significa 1.700, contra 5 manuscritos que omitem. É muita desonestidade!

Lucas 4.4 – NVI omite “mas de toda a palavra de Deus”, seguindo meros 0,4%, mas sem nota.

Lucas 8.26 – NVI tem ‘gerasenos’ em vez de ‘gadarenos’, seguindo 4 manuscritos. “Alguns manuscritos trazem: *gadarenos*”, sendo que ‘alguns’ = 1.700.

Lucas 9.35 – NVI tem ‘escolhido’ em vez de ‘amado’, seguindo 0,5%. “Vários manuscritos dizem: *o Amado*”, sendo que ‘vários’ = 1.700.

Romanos 8.1 – NVI – “Alguns manuscritos trazem: *Jesus, que não vivem de acordo com a carne, mas de acordo com o Espírito,*” ‘Alguns’ se referem a 95% dos manuscritos.



EXEMPLARES PERFEITOS



Abaixo estão listados quatro manuscritos pertencentes à Família 35, cujos conteúdos são perfeitamente iguais entre si, algo entendido como impossível de se ter acontecido ao longo do tempo de transmissão. Todos os quatro (em anexo) são a carta de Paulo de Tarso a Tito.

MANUSCRITO	DATAÇÃO	LOTAÇÃO
1072	Séc. XIII	Mosteiro de Majestis Lavras, península do Monte Atos, Grécia
2080	Séc. XIV	Mosteiro de São João o Teólogo, Ilha de Patmos, Grécia
2587	Séc. XI	Vaticano
2723	Séc. XI	Mosteiro Vissarianos, Trikala, Grécia

MANUSCRITO Nº 1072

SÉCULO XIII

MOSTEIRO DE MAJESTIS LAVRAS

- península do Monte Atos -

Grécia

νον ἐπιπέσει μάστιγα
λε τοῖς ἐν περιτομῇς
εἰ δέ καιτε τοὺς κρητας
ὀπι αργοῖ εἰσι και χρη/α
σιν ἐπιτιμας δι δα
ζας τε παῖστα τα βρώμα
τα καθαρά ἰ και τοῖς κα
θαροῖς και ὀποιάσ εἶνα
δῆ τις πρεσβύπιδας
τας ὀφειδόνσας σωφρο
νίζεῖν τας νέας παρα
νεί πως δει τοὺς δού
λους τοῖς ἰδίοις δεσπό
ταις ὑποτάσσεται κ
τέλος ὑπομνήσας ὀπι
κ τοῦ ερεχάρικ οὐκ ἐξέρ
γωνή μας εδ και σεν
ἀλλὰ τῆ ἰδία φιλαλήια
και παραβίχας τας νο
μικας μάχας ἐκτρέπε
σθαι ὀσ ἀναίσχνη τον
όνσας. Ἀλλοῖ ἀντῶ με
τά το πῆμψασθαι προς
αντον ἀρπημακ ἰνα εἰ
θῆ προς αντον ἐνεπι
λατο λε ἀντῶ ὀσ τε λ
λας κνη κ τοὺς αντῶν.

καλῶ κέρων προῖγα
σθαι και ὀν τῶ τε χείοι
την ἐπιτομήν
προς πτόν ἐπιτομήν
ἀπ' ἀποτοχόν πανλόν
αυλός δούλος θυ. ἀπο
τοχός δεῖ ὑ χυ. κατῶ
πίτημ ἐκλθκ παρθῶ
και βωίτη σιμ ἀκθεί
τες κατῶ σί βειαρ δι
εχ. πῆ δι βωκς ἀσμήχ.
κρ βωκς γίχ αλο ὀ αφα
δης θυ προχρόμωρ α
σμήωρ. ἐφάρ βρωσ
δσ καιροῖς ἰδίοις τοῖ
βωρ αἰτοῦ βρ κρημια
τι ὀ βωί τῶ θηρ βω και
τῶ βωί τῶ κρ του σρε ἰ
μωρ θυ. π τω φη σίω
τε κρω κατῶ κοι κρ
πίτημ. χάρικ βλ θος
εἰ κρη ἀπο θυ πρῶ
βω κρ ἰ ὑ χυ του σρε ἰ
τουτου χάρικ κατῶ ἰ πορ
σθ βρ κρη τι ἰρ αἰ τῶ
χεί πορ τῶ βωῖ δι ορθω.
Και ἀρχαλαφικος κατῶ

τῆ ἐτ κη εβ. τῆ κμον π π
καταφικσον κ ατῶ πολῆμ.

Π. Τ. Δ. Ο.
ΥΕΙΣΤΑΤ

πολυμ. πρ εβυπερδν
 ως εω σοι δι φιλζαμκν
 η τις εφμ αρ ακητος
 μασ γωαι κοσ αρ κρ
 τε κρω εχωρ πι ται
 μη ερ κατκ γορ ια αση
 τιασ. η αρ υποτακται
 δει γαρ τον επισκοπον
 αρ ακη τον εραως
 θυ οικου μου. μη αν
 θαδκ. μη ορ η γορ μη
 παροισορ. μη πλ κκ
 τημ. μη αν σρο κερδκ
 αλλα φιλοξ ηνορ. φιλο
 γαθουρ. σω φρομα δι
 καιορ. οσορ. ακ ρατι
 αρ το εμδ ορ του και
 ται τηρ διδαχημ πια ε
 λογου. η μαδωατος κ
 και παρακαλημ ερ τη
 διδασκαλ ια τη γωαι
 μοι κ. και τω αρ τη ε
 νορ ται ελαχημ. εισι
 γαρ πολλοι και αρ υπο
 τακτοι. ματαιο λογοι
 και φρομα πωται. μα
 χιται οι εκ περιτομης

ΤΗ ΣΤ ΚΗ ΕΒ. ΠΕΚΜΟΝ
 ΠΤΕ ΠΑΝΤΑ ΚΑΒΑΡ ΤΟΙΣ

οιο δ εστι το μη θειμ
 οι πρ ε οχου οικου
 αρ ατροπωπι διδασκου
 τω αν κδ εφ. αι ορου κερ
 δου χαριμ. ειση τις
 δε αιτωρ. ιδιος αιτωρ
 προφητικε κερ τε. αρ
 γωαι. κακ ανηρια.
 γαρ ερ ε αρ γαι. η κερ
 τυρ ια αιτη ετηρ ακη
 θες. δι κρω τι αρ. ελκ
 χε αιτωρ αση το μα
 ιρα. μα μωορ ηρ τη
 πια εφ. μη προ σφ ορ
 τω ιουδα κωις μωοις
 και ερ το λαις αρ φω. α
 πο σρε φου ερ φητημ
 ακη θειαρ. αρ πωται
 ερ κω βαρ α τοις κωτοι
 ροις. τοις δε μωμας
 μωοις και αση τοις.
 ουδ ερ κωθαρ ορ. αμα
 μωμα αρ ται αιτωρ και
 ορ ορ και κωω εδωκ
 θρω μαλοσοιτηρ ειδε
 μα. τοις δε ερ τοις αρ
 μοι ται. εδωκ τοι

ορ τ
 και τ
 θορ ο
 χει α
 σκδι
 Πρε ε
 ερ μα
 φρο
 τη τ
 τη υ
 βυτι
 και τ
 πω
 μη ο
 λω
 σκα
 ηι β
 λαφ
 τε κ
 ερ
 θα
 τοι
 ιρα
 βλ
 μω
 πω
 πω

τη Σιωνη τα εφωτα
πικρον τιτε επεφνη

ορτες και αγαπηθεις
και προς παρ εργον και
βοηθοο κισμοι συδεχαι
χει αι πρβση των μαρκ
σκηδιδασκεχαι ττε

Πρεβηταυ μη φραγιου
ειραι σβημοιυ στα
φρομαυ μαυμορταυ
τηπιση τηγαση
τηυπομορη πρβ
βυπδαυ παυταυε. εμ
κατανη μαπι εροπρε
πηε μηδιαβουοντ
μηοιρ παυλλα διδου
χουμβου κακοδιδα
σκαου ιρωσποφρο
μιζωσιτασμεασ. φι
λαδρου ειραι φιο
τεκρου σποφρομαυ
ερωσ οικδρου εα
θασ υποταστομβουε
τοις ιδιοις ανδρασιν
ιρωσ μη ολογου του θυ
βλαφρικηται τουτ
μυοτερου παυταυε
παρακαλη σποφρομη
πβριπαυται σεαυτομ

παρ εμβουε τυστομ
καυομ ερωσ βυτιδι
δαυκαχαι. αδιαφου
σβημοιυται εφβαρσι
αμ λογομ μη ακαυα
ιρωσπομ ιρωσ οββηραμ
τιω εμτραση μηδερ
ερωσ πβρι υμωμ εμ
φωλ ομ δουοιυ. ιδι
οις εβηποταυε υποταυε
σβηταυ ερωσπομ ερε
τουτ ειραι μη αμ τη ε
γορταυ μηροσφιζο
μβουε αμωπιτηε
παυπαμ ηυδερ μβουε
ερωσμη ιρωσ τημδιδα
σκαχαι του σρεκωμ
θυ. κοσμησιν ερωσπο
σιμ τ ερωσποφραμη
Γαρκ χαρι του θυ κρι
παυπαμ οισ παυδα
οισα υμωσ. ιρωσ αρμη
σβημοιυ ταυ απι ερωσ
και ταυ κοσμησιν
θυμιαυ. σποφρομη
και δικαιο και εβηθε
ερωσπομ ερωσπομ

Δ

MANUSCRITO N.º 2080

SÉCULO XIV

MOSTEIRO DE SÃO JOÃO

O TEÓLOGO

- Ilha de Patmos -

Grécia

πύλοισι παρὰ τοῦ τάντην· ἐπιτὶ περι-
τῆς καταστάσεως τῶν κληρικῶν καὶ τοῦ
τον διδάσκει· τῶς καὶ ὁ ποίοντες αὐτῶς
εἶναι δεῖ· καὶ ἐπιτημῆν δὲ ἐνετέλλεται
αὐτῶ τοῖς ἀντιλέγονσι τῆν ἕβριανόν
τίτη· μάλιστα δὲ τοῖς ἐκ περιτομῆς·
εἰ δὲ ἴνα τὸν κρητὰς ὅτι ἀρτοίεσι καὶ
χρῆζονσι ἐπιτημῆς· διδάξαστε
πάντα τὰ βρώματα καθαρὰ εἶναι τοῖς
καθνοῖς· καὶ ὁ ποίοντες εἶναι δεῖτας πρε-
βυτησας· τὰς ὀφειλόντας σωφρονί-
τας νέας, παρενεῖπῶς δεῖ τοῦς δού-
λους τοῖσι δίοις δὲς πρότασιν ὑποτά-
σεσθα· καὶ τέλος ὑπομνήσας ὅτι ἡ τῶν
ἐργαρίων ὄν καὶ ἔργων ἡμῶς ἐδικαίως
ἀμα τῆν δὲ φιλαλήϊα· καὶ παραλήϊας
τὰς νομικὰς μᾶς ἐκ τρεῖς πεσθα ὡς
ἀνεσχητον ὄντας, ἀλλοῖ αὐτῶ
μετὰ τὸ πεμψασθα πρὸς αὐτὸν ἀρτο-
μῆν, ἵνα ἔλθῃ πρὸς αὐτὸν· ἐνετέλλεται
αὐτῶ, ὡς τε διδάσκει καὶ τοῦς αὐτῶν,
καλῶν ἔργων προΐστασθα· καὶ ὄν ττελή-
την ἐπιτολήν·

πρὸς τὴν ἐπιτολήν·

2- ^{2x} Πάυλος δούλος τοῦ· ἀπόστολος δὲ ἰουχῦ·

ἀνθόνος κέ· τῶν ἀφ' ἑσπέρων· πάντ'
δούλος·

τῆ ἐτ κη' β' τέκνη τῆ τ' ἐ κατὰ τῆς κατὰ

κατὰ τῆς ἐκλεκτῶν καὶ ἐπιγροῖ
ἀληθῆς τῆς κατὰ σέβας ἐπιπιδι
ζωῆς αἰωνίου· ἢ ὅτι πείλατο ὁ ἀμα
θῆς ὅς ἐπὶ χρόνον αἰωνίων· ἐφα
μέρως δὲ καιροῖς ἰδίους τὸν λόγον
αὐτοῦ· ἐγκυρίως γὰρ ὅτι γὰρ τὴν ἑμὴν
κατὰ τῆς τῆς τοῦ σῶς ἡμῶν θῆ· τί τῶ
γρησίω τε κῶ κατὰ κοιμήν τῆς τῆς
χάρις· ἔλεος· ἀρήνη, ἀπὸ θῆ τῆς· ὁ
κύριος χυ τοῦ σῶς ἡμῶν· τούτου χάριν
κατέμειπὸς ἐγκρίτη· ἴμα τῶ λει
πορ τῶ ὅτι διορθώσι· καὶ ἀφ' ἑκα
στήσης κατὰ τῶ μὲν τῆς βυτῆρου,
ὡς ἄρ' ὅσοι διεταξάμεν· ὅτι ἄρ' ὅτι
ἀφ' ἑκλιτος· μετὰ γυναικὸς ἀμῆρ· τῶ
κῶ ἄρ' ὅτι τῆς· μετὰ ἐγκληγορίαν ἀσ
πίαν· ἢ ἀμυπότακτα· δὲ γὰρ τὸ ὅτι
σκοποῦν, ἀφ' ἑκλιτοῦ ἄρ' ὅτι· ὡς θῆ οἰκο
μόμον· μετὰ ἀδῆ· μετὰ ὀρῆλον· μετὰ
οἶνον· μετὰ κτην· μετὰ ἀχροκερδῆ·
ἀλλὰ φιλόξενον· φιλόστονον· σόφρον·
δίκαιον· ὀσιον· ἀκρατῆ· ἀμτῶ μόνον
τοῦ κατὰ τῆς διδῆ τῆς τῆς τοῦ λόγου· ἴμα
δωατοῦ ἢ καὶ παρεκαλέμ' ἐν τῆ διδῆ
σκαμῆ τῆ ἵσαι μούση· καὶ τοῦ ἀμπ

221

ἔ
π' εἰς τὸ
τῶ ἀτῶ

ἱεροπρωτοῦς· μη διαμολ· μη οἶμα
 πολλῶ δε δουλωμένους· καλοδιδασκάλους· ἱμεσοφρομίζωσι τὰς μέσας·
 φιλάφθρους ἄμα· φιλοτέκνους· σώφρονας· ἄγνους· οἰκουρούς· ἄγνους·
 ὑποτασσομένους τοῖσι δίοισ ἀνδράσι·
 ἱμα μὲν ὁ λόγος τοῦ θυ βλαφημιται·
 τοῖς μεωτέροις ὡσάντως παρακλ·
 λήσω φρομί· περὶ πάντων σε αὐτῆ·
 παρ ἄχόμενος τύπων καλῶν ἔργων·
 ἐν τῇ διδασκαλίᾳ, ἀδιαφθορίᾳ· σὺ
 μπότι τω· ἀφθαρσίᾳ· λόγον ἕτι· ἄ
 κατᾶφροσ· ἱμα ὁ ἕξ ἐν ἀπείᾳ ἐν
 τραπῆ· μη δὲ ἄχωρ περὶ ἱμῶν λήμ
 φάουλον· δούλους, ἰδίοις δευπόταις
 ὑποτάσθαι· ἐν πᾶσι μάρτυροι
 ἄμα· μη ἀπτι λήματα· μη μοφίλο
 μένους· ἀμὰ πῆτιμ πᾶσα ἐν δέκμῃ
 μέρους ἄγνην· ἱμα τὴν διδασκαλίαν
 τοῦ σῆς ἱμῶν ἰου κοσμῶσι γ' ἐν πᾶσι μ·

ε' τ' ε' ε'

2

22

πρεβ ἄνη γὰρ ἡ χάρις τοῦ θυ ἡ σῆιοσ
 πᾶσι μᾶρῶις· ἴσαι δάουσα ἡ μᾶσ· ἱμα
 ἀρμυσάμενοι τὴν ἀσέ· ἡ ἀφ και τὰς
 κοσμικὰς ὅτι ὅμι ας, σοφρόμωσ·
 και δίκαιωσ· και ἀσεμῶσ ζήσωμεν

εἰς τ' ἀφ φῶτ· τ' κη π' τ' ἰπι φ' ἰ χ' ρ' ς

71

ἐν τῷ ῥῶμα ἑσθῆρι· προσδύχοντες τὴν
 μακαρίαν ἐλπίδα καὶ ἔσφι φάσμα
 τῆς δόξης τοῦ μεγάλου θυ καὶ σῆς ἡ
 μῶν ἰϋ χυ· οὐκ ἴδοκθῆναι αὐτὸν ὑπερ
 ἡμῶν· ἰγυ λυτρώσεται ἡμᾶς ἀπὸ
 πάσης ἀνομίας· καὶ καθαρίσει
 αὐτὸν λαὸν περιούσιον· ζηλωτὴν
 καλῶν ἔργων· ὃν ἄν ταῦτα λέγῃ
 καὶ παρακαλέῃ· καὶ ἔλαγχῃ· μετὰ
 πάσης ἐπιτηδῆς· μηδὲς σου περι
 φρομήτω· ὑπομίμησκει αὐτοῖς·
 ἀρχαῖς καὶ ἐξουσίαις ὑποτάσσεται
 πρὸς ἀρχῆν· πρὸς πάντων ἔργων ἡμῶν
 εἰσὶ μοῖσθῆναι· μηδὲν ὑμῶν φημί
 ἀμάρτια εἶναι ἔσφι ἄκῆς· πάντων
 ἐν δὲ κρυμμένων προσηύχοντες πρὸς
 πάντας ἁγίους· ὃν ἡμῶν γὰρ ποτὶ
 καὶ ἡμῶς ἀπόητοι· ἀσπῆξις· πλεμώ
 μῆνοι· δουλοῦντες ἔσφι θυμῆς καὶ
 ἡδοναῖς ποικίλαις· ἐν κακίᾳ καὶ
 φθόρῳ διέμεντες· θυπητοί· μισῶντες
 ἀλλήλους· ἄφ' ὅτι δὲ ἡ χριστός τις ἐ
 ἰφιλαψίω ἔσφι φάσμα τοῦ σῆς ἡμῶν
 θυ· ὄνκ' ἐξ ἔργων τῶν ἐν δικαιοσύ
 ῳν ἔσφι ἰσάμεν ἡμῶς· ἀλλὰ κατὰ τὴν

72

73

74

'αυτοῦ ἔλεος, ἄποσιν ἡμῶσ. διὰ λα
 προῦ παμὶ ἡβν δίασ. καὶ ἀμακαμο
 ρεωσ πῆς ἁγίου. οὐ ἐξ ἁβν ἐβ
 ἡμῶσ παμσιωσ διὰ ἰῦ χυ τοῦ σρς,
 ἡμῶσ ἰμα δὶ καω θβν τῶ τῆ ἐ κή
 μου χαριτῆ, κληρομόμοι γβν ὀμε,
 θα κατὸ λ πῆ δα ζωῆσ ἀωμίς. τ τ φ ῶ τ
 τ λ τ ἁ πῆ πῆ σ ο λό γ ο σ . καὶ περὶ
 τούτων μὲν λομαί σθ δὶ α με καὶ ὄ
 σθαι. ἰμα φρομ τί ζω σι κ α λ ὠ μ ἔ ρ γ ω
 ποροῖ φασθαι οἱ πῶσπῆ φακό τῶ τῶ
 θῶ. ταῦτὰ ἄπῆ τὸ καλὰ καὶ ὠφέ
 μι μὰ τοῖς ἁπῶοῖσ. μωρὰσ δὲ ζῆτῆα.
 καὶ γβν ε α λ ο η ἁ σ . καὶ ἔ ρ ι σ . καὶ μὰ
 χασ ρ ο μ ι κ ἁ σ . περὶ ἰ φασσ. ἄσῆ γὰρ
 ἀμωφέ λ ἁ σ καὶ μάταιοι. αἰ ρ ῆ τ ῆ κομ
 ἄν ὄ ρ . μὲ τ ῶ μ ἱ α φ καὶ δ α τ ἔ ρ ἄ ν μ γ θ ε
 σῆ α φ , παρ α τοῦ . ἄ δ ο σ ὅ τ ῆ ἐ ζ ἁ φ ρ α
 ππαι ὀ τοι ὄ ν τ ο σ . καὶ ἀμαρ τ α μ ἁ σ ῶ μ
 'αυτοκατακρίτοσ. ὅ τ ῆ π ὄ σ μ ψ ω
 λ ῆ τ ὄ μ ἁ φ π ρ ο σ σ ῆ ἡ τ ῆ χ ῆ κομ , σ π ο ῦ
 δ α σ ρ ἔ λ θ ἁ μ π ρ ο σ μ ὄ ἁ σ ρ ι κ ὄ π ο λ ῆ
 'ἐ κ ἁ γὰρ κ ἔ κ ρ ι κ α π α ρ ἄ χ ρ ε ἱ μ ἁ σ α ἱ .
 ζ ἡ μ ἁ φ τ ὸ ρ ρ ο μ ῆ κομ καὶ ἀπολλῶ, σπῶ
 δ α ἰ ο σ π ρ ὀ π ὄ σ μ ψ ο μ . ἰ μα μ ε ν δ ἁ β

αυτοῖς ἀγάπην· μακάριον δὲ ἔστω δὲ καὶ
οἱ ἡμέτεροι, καλῶν ἔργων προϊήματα
ἔστω δὲ ἀγαθὰ καὶ ἀσκήσια· ἰμάνη δὲ
ἀκαρπώτοι· ἀσπάζομαι σὺ οἱ μὲν
ἐμὸν πάντες· ἀσπάζομαι τοὺς φιλοῦν
ταῦτα μὲν ἔργα· ἡ χάρις μὲν πάν
των ἡμῶν· ἀμήν· τ· ἐφ' ἀπὸ νικητο
λεως· ἡ' ἔ' ζ'

Τὸ ὑπόθεσις τῆς πρὸ φιλήμονος ἐπιτο
αὐτῆς ἐπιτέλλει ἀπὸ ῥώμης· ἡ δὲ προ
φασίς τῆς ἐπιτολῆς, αὐτῆ· ὀνησίμος
οὐκ ἐτις φιλήμονος, ἔφυγε· καὶ ἀπελ
θὼν πρὸς τὸν ἀποστολόν, κατέβη χίθον
παρ' αὐτῷ· καὶ γέγονεν αὐτῷ χρῆσιμος
εἰς διακονίαν· περὶ τούτου τοίνυν
γράφει φιλήμονι· παραπέμπει αὐ
τῷ τὸν ὀνησίμον· ἵνα προσέχη αὐτ
ῆς ἰσχύος· καὶ μικρότερον ἔχη αὐτὸν ὡς ἀπο
στολὴν· ἀλλ' ὡς ἀδελφόν· προετρέψατο
αὐτῷ καὶ ζῆνι αὐτῷ ἐτοιμάσαι· ἵνα ἐὰν
ἔλθῃ, ἔντροι τῶν μέντοι· καὶ οὐ τωτέλαοι
τὴν ἐπιτολήν· ἴσθον δὲ ὅτι οὐτος ὀ
νησίμος, καὶ μαρτυρίον ἡ ζιζιῶθη ἐν τ
ῆς ῥωμαίων πόλει· τερτὸν ἄλλο τὸ τῆς κἀν
τὴν ἐπιτολὴν ἔχον σίαν ἀπέποντ· τῆ

MANUSCRITO N^o 2587

SÉCULO XI

Vaticano

MANUSCRITO N.º 2723

SÉCULO XI

MOSTEIRO VISSARIANOS

- Trikala -

Grécia

ἀρτεμῆν, ἵνα ἔχῃ πρὸς αὐτὸν· ἐνετεί-
λατο δὲ αὐτῷ ὥστε διδάσκειν καὶ τοὺς
αὐτῶν, καλῶν ἔργων προϊέσθαι· καὶ
οὕτως ἐχειοτήθη ἐπιτολήν·

ἢ πρὸς τίτωνα ἐπιτολήν·

Παῦλος δούλος τοῦ θεοῦ· ἀποστόλος τοῦ θεοῦ ἰησοῦ
κατὰ πᾶσι εἰς ἐκκλήσιαν τοῦ θεοῦ· καὶ ὅσοι
γινώσκουσιν ἀληθείαν τῆς κατ' ἀσέβειαν
ἔσσης ἐπιτολῆς αἰμαρίου· ἡμεῖς οὖν
λατὸ ὁ ἀφ' ἡμῶν ἐπὶ χρόνον αἰμαρίου
ἐφ' ἡμῶν δὲ καιροῖς ἰδίαις τὸν λόγον
αὐτοῦ ἐν κηρύγματι· ὅτι ἐστὶν ἀθήνη ἔξω·
κατ' ὅσον τῆς τοῦ θεοῦ ἐκκλήσιαν τοῦ θεοῦ· τίτω
γινώσκοντες ἐκ κατὰ κορινθίαν
χάρις· ἔλεος· εὐκρίεια· ἀπὸ τοῦ θεοῦ πατρὸς
καὶ ἰησοῦ τοῦ θεοῦ ἐκκλήσιαν· τοῦτο ὑμεῖς
κατ' ἐχέτωσιν ἐν κηρίτη· ἵνα τὰ χεῖρα
τὰ ἐπιτολῆσιν· καὶ κατὰ κηρίτη κατὰ

ποῦ μὴ παρὰ τὸ ὑπερῶς, ὡς ἄρ' οἱ διέ-
- τασάν μιν· ἥ τις ἐστὶν ἀφ' ἡκλιτος· μὴ
γυναικὸς ἀνήρ· τέ κ' ἄρα ἄρ' ἔστιν ἄρ'· μὴ
ἔβρυκα τὴν γορίαν ἀσσοτίας· ἢ ἀφ' ὑπότακτ^α.
δεῖ γὰρ τὸ μὴ βροσκόπορον, ἀφ' ἡκλιτορ
εἶναι· ὡς θῶ οἰκοδόμορ· μὴ ἀνθρώπων· μὴ
ὄργιλον· μὴ παροίμορ· μὴ ψυχικτὴρ·
μὴ ἀχροκερδῆ· ἀλλὰ φίλοξενον·
φίλον· σοφον· δίκαιον· ὀσίον·
ἡκρῆ· ἀπ' ἄρ' ἔστιν ἡκρῆ τῆρ
διδασκῆ τῆρ τοῦ λόγου· ἴμεν δὲ τὸν ἢ
ἔσ' ἀκαχλεῖ μὴ βρτὴ διδασκαμῆ τῆ
ἢ ἰαμῆσῆ· ἢ τὸ ἢ ἀπ' ἡκρῆ τῆρ
ἢ ἡκρῆ μ· ἢ οἱ γὰρ πολλοὶ ἢ ἀφ' ὑπό-
- τακτοῖ ματαῖοι· ἢ ἀφ' ἡκρῆ τῆρ
μαμῆσῆ οἱ ἐκπερίτομῆσ· οἱ δὲ ἢ βρο-
σομῆζεῖ μ· οἱ τῆρ ἢ ἡκρῆ τῆρ ἀφ' ἡκρῆ
τρῆσῆσῆ· διδασκορτῆσ δ' ἢ μὴ δεῖ· ἀφ' ἡκρῆ

κερδαίω χάρι μ. ἢ πότες ἐξ αὐτῶν. ἰδίος
αὐτῶν ποροφήτης. κρητες δειψάται. κακ
θηρίω. γαστέρες ἀργαί. ἡ μαρτυρία αὐτῆ
ἐστὶ μ' ἀμνήσ. δι' ἡν αἰτία μ, ἐλάχε αὐτοῖς
ἀποτόμος. ἰρὰ ἵαί μω σὶ μ' βν τῆ πείρα.
μὴ ποροσέχρητες ἰουδαϊκοῖς μύθοις.
ἐβν τοχάις ἀμῶν ἀποφρομῶν τῆ μ
ἀμνήσει μ. πάντα μὲν καθαρὰ τοῖς
καθαροῖς. τοῖς δὲ μεμιασμένοις καὶ ἀπί
στοις, οὐδὲν καθαρὸν. ἀλλὰ μὲν ἀμτα
αὐτῶν, καὶ ὁμοῖα καὶ ἐσιμείδησις.
τῆ ὁμολογοῦσι μ' ἢ ἀβρα. τοῖς δὲ ἔργοις
ἀρμωῦται. βδε χυκτοὶ ὄρτες καὶ ἀπει
θεῖς. καὶ πρὸς πάντ' ἔργον ἄγαθὸν ἀδοκίμ.
σύδελφάει ἀπεβῶσει τῆ ἵαί μ' ἔση
διδασκαιά. πρὸς βύτασ, μηφαιόσ
εἶμαι. σεμψύς. σῶφρομασ. ἵαί μ' ὄρτασ
τῆ πείρα. τῆ ἄλπη. τῆ ὑπομομῆ.

K

πορες βύτι δασώσαυτος, βυκαταγη
ματι, ἱεροπορβωεις· μη διαβολος·
μη οίμωπολλωδουλομβασ· κωλο
δι δασκαλος· ἱμωσοφρομίζωσιτας
με'ασ· φιλαμ'αρωςείμαι· φιλοτεκνυς·
σοφρομας· ἡμωσ· οϊκχυς· ἡμωσ·
~ ποταμομβασ τοις ιδίοις ἡμωσίμ·
ἱμωμη ολόγος του θύβλαφνημηται·
τ'σμεωτέρως οσαυτος παρακαλῶ
σοφρομειμ· περι παύτα, σεαυτομ
παραχόμενος τυπομκαμωμ ἔργωμ·
βυτη δι δασκαμίου, ἀδιαφορίαν·
σεμρότητα· ἡμωσσίαν· λόγωμ ἱίλι·
ὠκατ'ἡμωσομ· ἱμωσ ὅτι βυαμτίας
βυπραση· μη βυχ'ωμ περι ἡμωμ
λάειμ φαύλωμ· δουλωσ, ἱδίοις δασο
ταις ὑποταγεσθαι· βυ πασιμ δασε
γοσείμαι· μη ἀπτι λ'ομτας· μη μο·

Φιζομβρίοιο· ἀλλὰ τί σὶ μὲν πασῶν ἐν ἀφ
κρυμμένω ἴσθῃ· ἴνα τὴν δὲ δαοκαρδίαν
τοῦ σὸς ἱμαῶν θῶ κοσμοσὶ μὲν ἐν πασὶ μ.
⊕ φαίνεται γὰρ ἰσχυροῖς τοῦ θῶ ἡ σὸς πασὶ μ
ἀφροῖς· πασῶν ἡμῶν· ἴνα ἄρ μὴ σάμβρ
τὴν ἀσέβειαν καὶ τὰς κοσμικὰς ἐπιθῶ^{ασ}·
σοφροῦτος· καὶ δικαίος· καὶ ἀσεβῶσ
Ζήσομβρ ἐμ τῶ μὲν ἰσθῷ· πορὸς ἀφ
- μὲνοι τὴν μακαρίαν ἐλπίδα καὶ ἐπι
φάνειαν τῆς δόξης τοῦ μαρτύρου θῶ καὶ
σὸς ἱμαῶν ἰσθῷ· ὅς ἐδοκίμησεν αὐτὸν ὑπὲρ
ἱμαῶν· ἴνα χυτρώσῃται ἡμῶν ἀπὸ πᾶσ
ἀφροῖς· καὶ καθάρσῃ ἐαυτὸν λαὸν
περὶ ἵσθῳ· ἡλιότι μὲν καὶ ἐργασί·
ταῦτα χεῖρ· καὶ παρακλήσει· καὶ ἔλαχ·
καὶ πασῶν ἐπιθῶσ· μηδεὶς σου περὶ
φροῦσ· ὑπομνήσκου αὐτοῖς ἀρχ^{αις}
ἰσοουσίας ὑποτάσσεται· πειθαρχῶν·

πρὸς πάντας ἔργων ἁγῶν ἑοικέναι εἶναι.
μηδὲν ἄλλο λαοφικεῖν. ἀμάρτυς εἶναι.
ἵππικαίς. πᾶσαν ἐνδείκνυμι ἄλλοις
πρὸς πάντας ἀποῖο. ἢ μὴ
γὰρ ποτὲ καὶ ἡμεῖς ἀφόντοι. ἀπὸ θεῶν.
παρασώμενοι. δουλοῦντες ἑσθὴν ἡμῶν
ἢ ἡδοναῖς ποικίλαις. ἐν κακίᾳ καὶ
φθόρῳ ἀφόντες. ἀφόντοι. μισοῦντες
ἀλλήλους. ὅτε δὲ λιχνηρότης καὶ ἡ
φιλαπεία ὅπως φαίνεται ὁ σὺν ἡμῶν θῶ.
ἢ κ' ἔργων τῶν ἐν δικαιοσύνην
ἵππικαίς. ἀμάρτυς. ἀμάρτυς. ἀμάρτυς
ἔλασθαι, ἔσσοσθαι ἡμῶν. διὰ τοῦτο
πᾶσι γινεσθῆναι. καὶ ἀκακίᾳ ὡς
πρὸς ἡμῶν. οὐδέ τι ἐν ἡμῶν πλῆ-
σίως διὰ τὸ ἕχθροῦ ἡμῶν. ἢ μὴ
δικαιοσύνην τῆς ἐκείνου χάριτι,
κ' ἡρονομοῖν ἡμῶν κατ' ἐλασθῆναι

8'
ζωῆς αἰωνί· πρὸς ὄλον· καὶ περὶ
τούτων βούλομαι ὅτι διαβεβαιώσθαι·
ἵνα φροντίζωσι καὶ ἔργων ποιοῦν
οἱ πρὸς τὰ ἀκότιστα τῶν ὄντων· ταῦτα ἄντι
τὰ κατὰ καὶ ὄφειμα τῶν ἀνθρώπων· μορὰς
δὲ ζητήσεις· καὶ γενεαλογίας· καὶ
ἔρις· καὶ μάσμοικας, περὶ ἵσαστο·
ἔστι γὰρ ἀποφελεία καὶ μάταιοι· αἰρητικὸν
ἀνθρώπων, καὶ μία καὶ δεύτερα μυστήρια,
παραποῦ· ἔδειξεν ὅτι ἐξέφρατται ὁ
τοιοῦτος· καὶ ἀμαρτάνει· ὅμ αὐτοκατακρί-
οῦται πρὸς ἄρτεμαῦ πορὸς ὅτι ἡ
τυχικόν, σπουδασιμὸν ἐλθεῖν πορὸς καὶ
ἔσμοικόν πορὸν· ἐκεῖ γὰρ κέκρικα παρὰ
χειμάσι· ζήτω τὸν μοικόν καὶ ἀπο-
σπουδασιμὸν πορὸς πρὸν· ἵνα μηδὲν
αὐτοῖς χεῖρον· καὶ θαυμάσιον δὲ ὅτι
οἱ λιμότεροι, καὶ ἔργων ποιοῦν

ἕως τὰς ἀνάγκαις αὐτοῦ. ἰμάση δὲ οἱ μὲν
ἀκάρτοι· ἀσπάζονται οἱ μὲν
πάντες· ἀσπάζονται οἱ φιλοῦντασ ἡμῶν
ὅμοιοι· ἐν χάρις καὶ πάντων
ἡμῶν· ἀμήν· τὸ ἐκ τῆς Νικοπολῆος·

ὑποθέσιν τῆς πρὸς φιλιμόν ἐπίσκοπον·
Τὴν ἐπίσκοπον ἀπὸ ῥώμης· ἡ δὲ πρό-
φασιν τῆς ἐπίσκοπης, αὐτὴ· ὀνήσιμος
οὐκ ἐτῆς φιλιμόνος, ἐφύγε· καὶ
ἀπελθὼν πρὸς τὸν ἀπόστολον, καὶ τὴν
παρ' αὐτῷ· καὶ ἐβόνηεν αὐτῷ χριστιανὸς
εἰς διακονίαν· περὶ τούτων τοῖν ἡμῶν
γράφει φιλιμόνι· περὶ τῆς θέσεως
αὐτῷ τὸν ὀνήσιμον· ἵνα προσέχη
αὐτῷ τῆς κείνης· καὶ μηκέτι ἔχη αὐτὸν
ὡς δούλον· ἀλλ' ὡς ἀδελφόν· προ-
ετρέψατο δὲ αὐτῷ, καὶ ζενίαν αὐτῷ



Apresentamos uma breve coletânea de termos frequentemente usados pelos eruditos da crítica textual, com definições e alguns comentários adicionais.

Nesta versão, organizamos os verbetes seguindo a sequência lógica do assunto, de modo a facilitar a assimilação dos conceitos.

Autógrafos – os documentos escritos pessoalmente pelos autores neotestamentários (Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo, etc.) ou por eles ditados a um ajudante (amanuense).

Hagiógrafo – literalmente, “escritor santo”. Designa os autores dos livros da bíblia.

Texto Original – a exata redação contida nos autógrafos. Notar que o importante sempre foi a preservação da exata redação, pois o autógrafo (o documento original) não duraria tanto tempo, devido à limitada durabilidade do material. Se os autógrafos foram divinamente inspirados (como absolutamente cremos!), então esse caráter inspirado se conserva no Texto Original.

Manuscrito – cópia feita à mão de livro, livros, porções ou de todo o Novo Testamento. Abreviação: MS (manuscrito), MSS (manuscritos).

Exemplar – o manuscrito a partir do qual foi feita uma ou mais cópias.

Família – grupo de manuscritos que compartilham de características que os identificam entre si e os diferenciam dos demais grupos de manuscritos.

Arquétipo – texto do qual toda uma família de manuscritos foi derivada. O texto original contido nos autógrafos é, por definição, o arquétipo dos arquétipos.

Variante textual – qualquer alteração, grande ou pequena, na redação de um

texto, a partir de comparação com a redação tida como padrão.

Leitura textual – diz-se tanto da variante textual como da forma padrão com a qual concorre.

Minúsculo – manuscrito escrito com letras minúsculas, geralmente em pergaminhos, a partir do século IX.

Uncial – manuscrito confeccionado em pergaminho (geralmente), em que foram utilizadas letras maiúsculas (antes do século XI).

Papiro – um tipo de papel, feito a partir das fibras da espécie *Cyperus papyrus*, tipo de junco muito comum no Egito. Amplamente utilizado para a escrita, era de pouca durabilidade.

Pergaminho – couros de animais tratados e amarrados em rolos (AT) ou livros (NT), que eram utilizados para escrever.

Manuscritos Alexandrinos – pequeno grupo de manuscritos (cerca de dez), oriundos do Egito. Caracterizam-se pela baixa qualidade da transmissão, tendo muitas diferenças entre si, além de frequentes erros óbvios. São muito discrepantes, de modo que, em data recente, alguns eruditos concluíram que não se pode produzir um arquétipo que os corresponda.

Texto Eclético (Crítico) – texto do Novo Testamento em cuja composição se dá muito peso aos manuscritos alexandrinos, e no qual são incluídas varian-



tes textuais segundo critério subjetivo dos editores.

Texto Recebido (texto tradicional) - texto do Novo Testamento baseado no texto grego, publicado em 1516. Embora tenha sido baseado em relativamente poucos manuscritos, esses representavam muitos que já existiam à época, mas que somente se tornaram conhecidos posteriormente. Foi o Novo Testamento da Reforma Protestante.

Texto Majoritário – Texto do Novo Testamento que segue o consenso da maioria dos manuscritos (quase sempre baseado na concordância de pelo menos 80% dos manuscritos, sendo que, na maior parte, essa concordância supera os 90%).

Colaço – comparação do texto de um manuscrito com outro texto (de outro manuscrito, de uma edição do NT ou de um arquétipo), para identificação de diferenças (variantes textuais).

Crítica textual – ciência que procura restabelecer o texto original de um documento, a partir de cópias sobreviventes de um texto original (autógrafo).

Códice – espécie de caderno, formado pela junção de várias folhas (de pergaminho ou de papiro) em uma de suas bordas.

Lecionário – manuscritos gregos com porções do Novo Testamento destinados à leitura pública nos cultos cristãos.

Aparato Crítico – notas explicativas geralmente colocadas no rodapé das edições modernas do texto grego do Novo Testamento, nas quais são registradas as variantes textuais, acompanhadas das testemunhas que as apoiam.

Recensão – revisão geral de um livro ou de um grupo de livros com o objeti-

vo de produzir uma “versão oficial” ou uma padronização do texto.



Apresentamos uma breve coletânea de termos frequentemente usados pelos eruditos da crítica textual, com definições e alguns comentários adicionais.

Aparato Crítico – notas explicativas geralmente colocadas no rodapé das edições modernas do texto grego do Novo Testamento, nas quais são registradas as variantes textuais, acompanhadas das testemunhas que as apoiam.

Arquétipo – texto do qual toda uma família de manuscritos foi copiada. O texto original contido nos autógrafos é, por definição, o arquétipo dos arquétipos.

Autógrafos – os documentos escritos pessoalmente pelos autores neotestamentários (Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo, etc.) ou por eles ditados a um ajudante (amanuense).

Códice – espécie de caderno, formado pela junção de várias folhas (de pergaminho ou de papiro) ao longo de uma de suas bordas.

Colaço – comparação do texto de um manuscrito com outro texto (de outro manuscrito, de uma edição do NT ou de um arquétipo), para identificação de diferenças (variantes textuais).

Crítica textual – ciência que procura restabelecer o texto original de um trabalho a partir de cópias sobreviventes de um texto original (autógrafo).

Exemplar – o manuscrito a partir do qual foi feita uma ou mais cópias.

Família – grupo de manuscritos que compartilham de características que os identificam entre si e os diferenciam dos demais grupos de manuscritos.

Hagiógrafo – literalmente, “escritor santo”. Designa os autores dos livros da bíblia.

Lecionário – manuscritos gregos com porções do Novo Testamento destinados à leitura pública nos cultos cristãos.

Leitura textual – diz-se tanto da variante como da forma padrão com a qual concorre.

Manuscrito – cópia feita à mão de livro, livros, porções ou de todo o Novo Testamento. Abreviação: MS (manuscrito), MSS (manuscritos).

Manuscritos Alexandrinos – pequeno grupo de manuscritos (cerca de dez), oriundos do Egito. Caracterizam-se pela baixa qualidade da transmissão, tendo muitas diferenças entre si, além de frequentes erros óbvios. São muito discrepantes, de modo que, em data recente, alguns eruditos concluíram que não se pode produzir um arquétipo que os corresponda.

Minúsculo – manuscrito escrito com letras minúsculas, geralmente em pergaminhos, a partir do século IX.

Papiro – um tipo de papel, feito a partir das fibras da espécie *Cyperus papyrus*, tipo de junco muito comum no Egito. Amplamente utilizado para a escrita, era de pouca durabilidade.

Pergaminho – couros de animais tratados e amarrados em rolos (AT) ou livros (NT), que eram utilizados para escrever.

Recensão – revisão geral de um livro ou de um grupo de livros com o objeti-



vo de produzir uma “versão oficial” ou uma padronização do texto.

Texto Eclético (Crítico) – texto do Novo Testamento em cuja composição se dá muito peso aos manuscritos alexandrinos, e no qual são incluídas variantes textuais segundo critério subjetivo dos editores.

Texto Majoritário – Texto do Novo Testamento que segue o consenso da maioria dos manuscritos (quase sempre baseado na concordância de pelo menos 80% dos manuscritos, sendo que, na maior parte, essa concordância supera os 90%).

Texto Original – a exata redação contida nos autógrafos. Notar que o importante sempre foi a preservação da exata redação, pois o autógrafo (o documento original) não duraria tanto tempo, devido à limitada durabilidade do material. Se os autógrafos foram divinamente inspirados (como absolutamente cremos!), então esse caráter inspirado se conserva no Texto Original.

Texto Recebido (texto tradicional) - texto do Novo Testamento baseado no texto grego publicado em 1516. Embora tenha sido baseado em relativamente poucos manuscritos, esses representavam muitos que já existiam à época, mas que somente se tornaram conhecidos posteriormente. Foi o Novo Testamento da Reforma Protestante.

Uncial – manuscrito confeccionado em pergaminho (geralmente), em que foram utilizadas letras maiúsculas (antes do século XI).

Variante textual – qualquer alteração, grande ou pequena, na redação de um texto, a partir da redação tida como padrão.



A SOBERANIA DE DEUS ABRANGE TUDO



— WILBUR NORMAN PICKERING, THM PHD —

EFÉSIOS 1.11; ISAÍAS 46.9^BE 10

A VONTADE DE DEUS QUANTO A TERRA

ARBITRIO/ESCOLHA

IMPOSTA/INEVITÁVEL
Às vezes Deus intervém nos acontecimentos, obrigando ou proibindo certas coisas.

CONSCIÊNCIA

Todos nascem com ela

ATIVA /DECLARADA

PASSIVA /PERMISSIVA

Escolha pecaminosa de homens e anjos, sendo que temos que viver com as conseqüências.

MORAL

Os dez mandamentos e outras declarações da vontade de Deus que são de alcance geral – todos devem obedecer. Se todos obedecessem, viveríamos em paz, justiça e abundância.

COLETIVA

Quando colaboramos com o Espírito Santo, trazendo a ação de Deus para dentro das circunstâncias.
João 5.19; 14.12

INDIVIDUAL

Salmos 37.23 – passos
Provérbios 3.5-6 – tuas
Salmos 37.5 – teu
Salmos 32.8 – deves

1. Analogia de escravo (ou empregado) – tem que saber a vontade específica do dono.
2. Analogia de corpo com membros (I Co. 12.12-18) e os dons do Espírito (I Co. 12.7-11, 27-28) – funções específicas e diferentes.
3. Ser guiado pelo Espírito (Rm. 8.14; Gl. 5.16, 18, 25; Ef. 5.18)

“cavalo” – Salmos 32.9
 “escravo” – João 13.13-16
 “amigo” – João 15.15-20

COMO DISCERNIR

A VONTADE INDIVIDUAL?

(Circunstâncias, conselho, Bíblia, bom senso, o que você quer?)

Ver:

Salmos 37.4 → Isaias 58.13-14;

Jeremias 17.5 e 9; Salmos 106.15.

1. O testemunho do Espírito Santo com nosso espírito (Cl. 3:15; Fp. 4:6-7; Js. 26:3).
2. É só para discípulos/escravos – não se pode brincar com Deus (Tg. 1:2-8).
3. Oswald Chambers – ‘os toques do Espírito’.
4. Esperar em Deus [quando Ele te colocar no escuro], não bolar a própria saída (Is. 50.10-11).
5. Intimidade → sensibilidade (Sl. 32:8).